



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**NOVAS SIGNIFICAÇÕES DOS AMORES E AFETOS NA ESCRITA DE
MULHERES NEGRAS: LEITURAS DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE
MULHERES* (2011) E *AFROFEMINISTAMENTE* (2020)**

ANA MÉRCIA DOS SANTOS

São Cristóvão/SE

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANA MÉRCIA DOS SANTOS

**NOVAS SIGNIFICAÇÕES DOS AMORES E AFETOS NA ESCRITA DE
MULHERES NEGRAS: LEITURAS DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE
MULHERES* (2011) E *AFROFEMINISTAMENTE* (2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários
Linha de pesquisa: Literatura Comparada

**Orientadora: Profa. Dra. Alessandra
Corrêa de Souza.**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2026

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237n Santos , Ana Mércia dos
Novas significações dos amores e afetos na escrita de
mulheres negras : leituras de *Insubmissas lágrimas de mulheres*
(2011) e *Afrofeministamente* (2020) / Ana Mércia dos Santos ;
orientadora, Alessandra Corrêa de Souza.– São Cristóvão, SE,
2026.
101 f.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2026.

1. Literatura comparada – Brasileira e caribenha. 2. Amor na
literatura. 3. Negras. 3. Escritoras negras. I. Evaristo, Conceição,
1946- - Crítica e interpretação. II. Arroyo Pizarro, Yolanda – Crítica e
interpretação. III. Souza, Alessandra Corrêa de, orient. IV. Título.

CDU 821.134.3(81).09

ANA MÉRCIA DOS SANTOS

**NOVAS SIGNIFICAÇÕES DOS AMORES E AFETOS NA ESCRITA DE MULHERES
NEGRAS: LEITURAS DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES* (2011) E
AFROFEMINISTAMENTE (2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestra em Letras sob a orientação da Prof.^a Dr.^a. Alessandra Corrêa de Souza Área de concentração: Estudos Literários

Aprovado em 25 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
ALESSANDRA CORREA DE SOUZA
Data: 26/02/2026 16:55:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Alessandra Corrêa de Souza (orientadora)

Universidade Federal de Sergipe (UFS)



Documento assinado digitalmente
CRISTINA MARIA DA SILVA
Data: 26/02/2026 18:18:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria da Silva (examinadora externa)

Universidade Federal do Ceará (UFC)



Documento assinado digitalmente
ELIANE DA CONCEICAO SILVA
Data: 26/02/2026 20:42:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Eliane da Conceição Silva (examinadora externa)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

À CAPES, que através da concessão da bolsa, me possibilitou dedicação integral à pesquisa.

À minha orientadora, Dra. Alessandra Corrêa de Souza, por todo conhecimento compartilhado, desde a graduação é uma referência de profissional e de mulher. Obrigada por oferecer uma orientação humana e afetuosa, e por respeitar e me encorajar na escolha desse tema, foi muito importante para mim.

Às professoras da banca de defesa Dra. Eliane da Conceição Silva, Dra. Cristina Maria da Silva e Dra. Rosemere Ferreira da Silva, que de forma generosa, se disponibilizaram a separar um tempo em seus compromissos para se dedicar à esta pesquisa e enriquecê-la com as suas contribuições.

À minha família, por ser o alicerce que me ampara em qualquer situação e momento. Seu Gileno, Dona Sirene, Cláudio Valério, Carlos César e Anderson Luís. Eu não poderia ter melhor base.

Especialmente agradeço aos meus pais, os maiores exemplos que eu poderia ter e os grandes responsáveis por me fazerem entender que só através do estudo se ganha o mundo. Eu amo vocês incondicionalmente.

A todos os meus amigos, da universidade e fora dela. Nos nossos caminhos não há maior sorte do que cruzar com bons e verdadeiros amigos. Agradeço especialmente, às apoiadoras, amigas de uma vida, Lariene Bárbara, Jéssyca Thaís e Thalita Síntique, cada uma de alguma maneira, em algum momento contribuiu para a realização deste trabalho. Aos parceiros da UFS, Murilo Júnior, o cara que segurou a minha mão nesse Mestrado, e estamos juntos para tudo e a qualquer hora, desde o PIBIC, e Talison Melo, que foi a minha eterna dupla na graduação. Vocês são muito especiais.

Aos membros do grupo Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora, que em nosso quilombo contribuem com discussões pertinentes e são um apoio para o meu crescimento intelectual.

À companhia de teatro Sociedade dos Incautos, que por inúmeros momentos foi a minha válvula de escape, para aliviar a tensão e o peso do processo de mestrado. Em vários momentos compartilhei da alegria e inspiração criativa dos componentes desse grupo, que permitiu que eu contemplasse da mais pura e bela arte. Amo cada um de vocês.

Ao meu adorável “6º B”, a melhor turma da minha vida, com vocês passei anos incríveis e compartilhei da diversidade inusitada da UFS. Nossa amizade será para sempre, recordo com saudades e sorriso no rosto de cada um de vocês, obrigada pela vivência acadêmica, em suas companhias foi bem mais fácil trilhar esse caminho. PS.: A pracinha da didática 01 jamais será a mesma sem as risadas de vocês.

Por fim, agradeço a possibilidade de ter acesso a este espaço, que em tempos outros foram negados a pessoas negras, como eu. Após muita luta, dos que vieram antes de nós e prepararam o caminho para nós, é libertador poder me graduar em uma universidade federal e ir além, estar na pós-graduação e perceber que este espaço também é para nós, pessoas negras, e que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020). E ainda, agradeço à minha ousadia, em insistir na vida acadêmica, e conseguir vencer cada obstáculo que ela me impõe.

Dedico este texto à minha mãe,
Sirene, meu maior exemplo de amor.

E ainda, a todas as mulheres que
cruzaram o meu caminho e
em meu coração fizeram morada.

Que o afeto seja sempre o
nosso elo de comunhão e amor.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar como se apresentam as novas significações dos amores e afetos em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) de Conceição Evaristo e *Afrofeministamente* (2020) de Yolanda Arroyo Pizarro. Ambas autoras reafirmam a importância da escrita negra feminina e utilizam suas *escrevivências* como aporte crítico e político para a produção intelectual negra. A pesquisa ressalta formas plurais de afetividades e suas diferentes perspectivas presentes nas obras, das quais são examinados os contos *Isaltina Campo Belo* e *Shirley Paixão* e as poesias *La Afrodiva era mi Abuela* e *Tratado de auto-afro reparación*. A metodologia adotada é baseada em referências bibliográficas, entrevistas, sites, etc., pelos quais são articulados textos literários a reflexões da teórica bell hooks (2021; 2024), sobre o amor como prática política, além de discutir o papel das memórias na composição narrativa e as especificidades estéticas dos gêneros prosa e poesia, e os textos de Grada Kilomba (2020), Renato Nogueira (2020), Carla Akotirene (2019), Conceição Evaristo (2020), entre outros. Como resultados foram identificados dois eixos principais: 1) o amor como força de transformação ética e social, capaz de proporcionar modos mais dignos de convivências; e 2) o amor como prática de resignificação, que possibilita reinventar experiências diante das violências e do racismo que estruturam o cotidiano de pessoas, especificamente de mulheres negras. Enfim, a pesquisa demonstra que os afetos presentes na literatura afro-latino-americana, produzida por mulheres negras, emergem como expressão estética e política das subjetividades que se firmam na fronteira entre a ficção e a vida real.

Palavras-chave: Amores; Conceição Evaristo; Literatura afro-latino-americana; Mulheres negras; Yolanda Arroyo.

RESUMEN

El objetivo de esta disertación es analizar cómo se presentan los nuevos significados del amor y el afecto en *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) de Conceição Evaristo y *Afrofeministamente* (2020) de Yolanda Arroyo Pizarro. Ambas autoras reafirman la importancia de la escritura femenina negra y utilizan sus *escrevivencias* como una contribución crítica y política a la producción intelectual negra. La investigación destaca las formas plurales de afecto y sus diferentes perspectivas presentes en las obras, de las cuales se examinan los cuentos *Isaltina Campo Belo* y *Shirley Paixão* y los poemas *La Afrodiva era mi Abuela* y *Tratado de auto-afro reparación*. La metodología adoptada se basa en referencias bibliográficas, entrevistas, sitios web, etc., a través de las cuales se articulan textos literarios con reflexiones de la teórica bell hooks (2021; 2024), sobre el amor como práctica política, además de discutir el papel de los recuerdos en la composición narrativa y las especificidades estéticas de los géneros en prosa y poesía, y textos de Grada Kilomba (2020), Renato Noguera (2020), Carla Akotirene (2019), Conceição Evaristo (2020), entre otros. Como resultados se identificaron dos ejes principales: 1) el amor como fuerza de transformación ética y social, capaz de brindar formas de convivencia más dignas; y 2) el amor como práctica de resignificación, que permite reinventar experiencias frente a la violencia y el racismo que estructuran la vida cotidiana de las personas, específicamente de las mujeres negras. En definitiva, la investigación demuestra que los afectos presentes en la literatura afrolatinoamericana, producida por mujeres negras, emergen como expresión estética y política de subjetividades que se establecen en la frontera entre ficción y vida real.

Palabras clave: Amor; Conceição Evaristo; literatura afrolatinoamericana; Mujeres negras; Yolanda Arroyo.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Marcadores de afeto identificados em Insubmissas lágrimas de mulheres (2011) segundo Queiroz (2022).....	86
Quadro 2 - Marcadores dos amores e afetos em Insubmissas lágrimas de mulheres (2011)	87
Quadro 3 - Marcadores dos amores e afetos em Afrofeministamente (2020).....	88
Quadro 4 - Marcadores convergentes na obra Insubmissas lágrimas de mulheres (2011)	89
Quadro 5 - Marcadores convergentes na obra Afrofeministamente (2020)	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O AMOR E SUAS EPISTEMOLOGIAS NA LITERATURA NEGRA	17
1.1 O amor como prática política e libertadora em bell hooks	18
1.2 O amor na perspectiva filosófica de Renato Nogueira.....	24
1.3 Subjetividades e afetos na construção da escrita de autoria negra feminina.....	28
1.4 O fazer literário das escritoras Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo Pizarro.....	33
2 AMORES E AFETOS: A RESISTÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS	42
2.1 Compreender-se sujeito: um exercício de memória.....	43
2.2 Elos de afetos e resistências em <i>Insubmissas Lágrimas de Mulheres</i>	45
2.3 Amor e "afroafeto" nas entrelinhas de <i>Afrofeministamente</i>	59
3 ANÁLISE COMPARATIVA: OS AMORES NA PROSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E NA POESIA DE YOLANDA ARROYO PIZARRO.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Sem nenhuma dúvida, memória é abrigo, é refúgio de lembranças boas e ruins, lugar que faz nos acolhermos e sermos acolhidos. Com planos de iniciar uma preparação para tentar o Mestrado, em 2022, matrícula no cursinho preparatório realizada e ansiosa pelo início das aulas, fui obrigada a pausar. Acometida por uma Paralisia de Bell¹, na qual todo o lado direito do meu rosto ficou com os músculos paralisados, sem sustentação na boca e nas pálpebras que mantinham meus olhos sempre abertos, ganhei tempo. Diagnóstico confirmado, as ordens médicas eram indeterminadas sessões de fisioterapia e fonoaudiologia, evitar o uso de telas (digitais) e exposição à luz. Literalmente tempo suficiente para pensar e repensar a minha vida. Afastada comprovadamente do trabalho, e conseqüentemente dos estudos, dias e noites passaram à espera de uma melhora que insistia em surgir cautelosa, a passos lentos e muitas vezes sem nem sequer ser percebida.

Depois de muitos questionamentos, a sombra da perda trouxe desespero e dor. Havia perdido parte do meu sorriso, algo que no meu ponto de vista, era o que melhor enfeitava o meu rosto. E na busca incessante para voltar a ser como era, questionei o amor na minha vida. Revisitei o lugar dos afetos consultando minhas memórias. As pessoas não haviam mudado, família, amigos, todos mantinham o sentimento por mim, portanto não havia motivos para tristeza e o amor precisava ser celebrado. Através dessa memória acolhi a minha dor, e ressignifiquei transformando-a em amor, o novo rosto, parte enrijecido, é como queloide que marca a pele e cria raízes profundas que hoje compõe a minha identidade. E como argumentado pela teórica bell hooks (2021;2024), ser amorosa é estar disposta a ser tocada pela dor. Reitero então, que a dor é parte do processo emancipatório de alcançar o amor. Emancipatório por realmente significar liberdade para uma mulher negra a ação de acolher suas próprias dores e reconhecer que essas dores são as mesmas de suas ancestrais, mulheres, mães, avós que resistiram a todas as agruras que a raça e o gênero lhe impuseram e ainda assim construíram um território cheio de afetos e memórias – o que (Nascimento, 2018) chama de quilombo.

¹ A paralisia de Bell ou paralisia facial periférica é uma condição na qual o nervo facial que controla a contração da musculatura do rosto, é lesado por uma inflamação, que leva o nervo a parar de funcionar parcial ou completamente. Para mais informações: <https://www.einstein.br/n/glossario-de-saude/paralisia-facial-periferica-ou-paralisia-de-bell>.

Pertencer à etnia negra e tratar de questões ligadas aos amores e afetos entorno da imposição do racismo, nos impulsiona a discorrer em primeira pessoa, uma vez que as narrativas aqui apresentadas culminam em histórias cotidianas que representam, em sua grande maioria, uma coletividade. Histórias que revelam a natureza pessoal enquanto sujeito afrodescendente que vive em meio a elitização de uma sociedade branca e patriarcal, sob a alcunha do modelo dominante.

Com a compreensão deste pertencimento ao grupo étnico que sofre até hoje com a alienação coletiva causada pela colonização, firmo o compromisso de escrever a partir das minhas impressões, enquanto mulher negra, ao suscitar memórias e vivências que atingem histórias próprias e ainda outras, que representam o flagelo de um povo estigmatizado pela cor da pele. De antemão, justifico a ocorrência de passagens escritas em primeira pessoa, tanto no singular quanto no plural, que compõem esta dissertação.

Exponho ainda, uma justificativa para minha forma de escrita. Assumo um posicionamento escriturário que declina, a certo modo, dos moldes academicistas padronizados em teses e dissertações. Diante da escolha de investigar um *corpus* de característica subjetiva e que atinge as emoções da existência humana, não posso ignorar o direito de justiça, de cumprir com a ética do amor próprio e ser justa comigo mesma, defender minha condição de sujeito, como afirma a intelectual Grada Kilomba na introdução do seu livro *Memórias da Plantação* (2020), de que não é objeto, é sujeito, e que escrever é um ato político, pelo qual se torna escritora da própria realidade e faz oposição ao imposto projeto colonial europeu.

Desta forma, disserto nas linhas que se seguem argumentos que comprovam a importância dos amores e dos afetos no desenvolvimento da vida em sociedade e como ambos funcionam como elementos de resistência, diante das opressões que incidem de maneira racista e infringem as dignidades das mulheres negras. E ainda como estes elementos influenciam a construção de suas identidades.

Conforme Stuart Hall, uma identidade “É definida historicamente, e não biologicamente” (Hall, 2006, p.13). As mulheres negras e as formas como são representadas historicamente, por uma perspectiva única, sofrem com as marcas das interseccionalidades, que são os entrecruzamentos dos marcadores sociais impostos pelos sistemas de opressões – conceito criado pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw em 1989. Outras teóricas negras como a socióloga americana Patricia Hill Collins e as brasileiras, Lélia Gonzalez, filósofa e antropóloga, referência nos estudos de gênero, raça

e classe, e Carla Akotirene, doutora em Estudos de Gênero, estudaram o conceito e desenvolveram importantes contribuições para sua legitimação.

No entanto, mesmo com os atravessamentos das *interseccionalidades*, há outras possibilidades de leituras sobre os papéis sociais que as mulheres ocupam e essa dissertação tem como objetivo geral problematizar a partir dos contos, *Isaltina Campo Belo* e *Shirley Paixão*, e das poesias *La Afrodiva era mi Abuela* e *Tratado de auto-afroreparación*, como textos literários de outras margens discursivas representam os amores e os afetos entre mulheres negras, na perspectiva analítica de rasurar a história única e determinante de grupos minoritarizados pelo poder vigente.

Esta pesquisa emerge da necessidade de percepção das vivências e das relações de amor e da falta dele na vida social, sobretudo ao que se refere às mulheres negras e as intersecções que as atravessam. É importante ressaltar que pouco se percebe o protagonismo de pessoas negras nas relações sociais. Dessa forma, é possível identificar os entraves na disseminação do amor entre pessoas negras. Não evidenciar relações afetuosas entre pessoas não brancas é admitir e perpetuar o jugo da colonização, é pressupor uma inferiorização e incapacidade do sujeito negro de se amar, demonstrar seus sentimentos e suas emoções, o que o impede de aceitar a negritude².

A partir dos textos literários *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020), das escritoras Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo, é proposto oportunizar às produções literárias de autoria brasileira e caribenha, uma valorização das suas escritas e o reconhecimento das subjetividades de suas autorias. Assim, as *escrevivências* dessas autoras que caracterizam essa literatura negra contemporânea, pautada nas relações de amor e afetos que atravessam as mulheres negras, insurge como construção de uma identidade fundamentada na ação de ocupar os espaços que historicamente nos foram negados, através da palavra e do exercício da escrita.

O amor é um elemento fundamental nas relações humanas, necessário para a vida em comunidade. Assim é apresentada a comparação proposta por Souza (2022):

Assim, como na canção da banda Jota Quest, “É preciso amar direito. [...] Ser amor a qualquer hora. Ser amor de corpo inteiro”, hooks nos convida a aprender a pensar o amor, e como ser amor, para sermos sinceros com nossos sentimentos e em nossas relações com os outros, assim como para com a sociedade. É um tema que se desdobra pelas temporalidades, afinal todos nós precisamos do amor, não importa de qual local temporal e cultural falamos, o

² “Negritude é identidade, solidariedade e fidelidade”. Fala de Aimé Césaire em uma conferência sobre Negritude, Etnicidade e Afro-culturas das Américas. GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. – 1ªed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.272.

amor é importante para se pensar as relações humanas e a promoção de uma sociedade melhor e mais justa a partir da visão proposta por hooks (Souza, 2022, p.7-8).

Com essa comparação, é enfatizada a importância do amor na vida do ser humano que vive em comunidade e se entende como indivíduo pertencente a uma sociedade que deve estar sempre em busca de melhorias, e que prioriza o bem-estar. A inclusão da reflexão sobre a temática a partir de uma canção, eleva o nível da discussão, transcende a perspectiva do amor, quando pluraliza os gêneros textuais e mescla signos linguísticos que resultam em um comparativo com o argumento proposto por hooks em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021).

E em conformidade com o que propõe hooks (2021) e Souza (2022), Zacarias (2021) afirma:

Olhando de perto, a história da mulher negra na diáspora é a história sobre a politização de dores, amores, afetos e busca pela liberdade. A missão de trazer a complexidade da vida negra requer então que no mesmo horizonte das dores possamos conceber os afetos e amores. Nesse sentido, acessamos ferramentas que nos auxiliam a não sucumbir ao binarismo excludente da impossibilidade de se vislumbrar mesmo nas reivindicações políticas da dor, os exercícios de amor que motivam a ação (Zacarias, 2021, p.12).

É com a possibilidade de criar histórias “sobre a politização de dores, amores, afetos” (Zacarias, 2021), que Pizarro (2020) e Evaristo (2024), com seus pensamentos influenciam as pessoas e a sociedade, assumem com suas escritas, um caráter atemporal na construção de seus enredos e personagens. Com a perspectiva de promoção do amor através das ações das mulheres negras, faz-se necessário enfatizar que as autoras prezam pela característica da resistência ao conseguir exprimir, nos contos e nas poesias, relações fortes de afetos frente às inúmeras intersecções de raça, gênero e classe que as atravessam. Como contextualiza Akotirene (2019):

A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe da cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro-mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostas a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade, conforme pensam Maria Lugones e Avtar Brah (Akotirene, 2019, p.20).

Akotirene (2019) destaca a importância de a mulher negra manter suas especificidades e se distanciar dos padrões sociais elitistas impostos pelo colonialismo. Assim, as interpretações das poesias e dos contos, comprovam a subjetividade do *afrofeminismo* da escritora Pizarro (2020), traduzido em versos livres que exaltam o amor próprio e a experiência de liberdade, e as *escrevivências* de Evaristo (2024), que redigem

em suas histórias pensamentos livres de padrões que subjagam os indivíduos a estereótipos impostos pelo racismo e pela heteronormatividade.

Os textos literários que compõem esta dissertação, são atravessados por intersecções de raça, gênero e classe recorrentes nas relações sociais que envolvem os sujeitos afrodescendentes, as mulheres negras tanto quanto os homens, carregaram por muito tempo a sombra do desamor e da introspecção social. Sob o rigor da escravização experimentaram a incapacidade de se auto amar. Como argumenta hooks (2024a):

Em seu perspicaz livro *A arte de amar*, Erich Fromm define o amor como uma fusão de cuidado, respeito, conhecimento e responsabilidade. Baseando-se nessa obra e ampliando-a, M. Scott Peck estende essa definição para incluir ‘a vontade de nutrir o próprio crescimento espiritual e o de outra pessoa’. Essa compreensão do significado do amor deixa claro que, com muita frequência, a escravidão tornou quase impossível que pessoas negras amassem umas às outras. Quando laços emocionais eram estabelecidos entre indivíduos, quando crianças nasciam de mães e pais escravizados, esses afetos eram normalmente dissociados. A ternura da conexão não importava e muitas vezes era ofuscada pelo trauma do abandono e da perda (hooks, 2024a, p.46).

A partir desta concepção, hooks (2024a) demonstra como o jugo da escravização produziu a falta do amor e impossibilitou o desenvolvimento espontâneo do sentimento de amar e admirar a si mesmo e ao próximo. “O maior testemunho da falta de amor que assolou diversas comunidades negras é a presença constante de violência desnecessária, brutal e sem sentido” (hooks, 2024a, p.235). Em outras palavras, a escravidão foi a ferramenta de opressão que provocou um estigma na mente e no espírito dos afrodescendentes, impedindo-os de amar e compreender a negritude.

É válido salientar que, a partir das obras literárias evidencia-se, o aspecto da comunhão relacionada aos amores e afetos entre pessoas negras. Assim consideramos as mulheres como as protagonistas destas relações e problematizamos, através de suas ações, perspectivas de um amor que permita introjetar a comunidade. Entretanto, hooks (2021) destaca:

Todos nós ansiamos por uma comunidade amorosa. Ela eleva a alegria da vida. No entanto, muitos de nós buscam a comunidade apenas para escapar do medo da solidão. Saber como estar sozinho, é central para a arte de amar. Quando somos capazes de ficar sozinhos, podemos estar com os outros sem usá-los como válvula de escape (hooks, 2021, p.138).

Dessa forma, se faz necessário reconhecer a importância da comunidade, mas de uma maneira altruísta, que nos afaste do individualismo e nos aproxime da noção de solidariedade. De acordo com essa perspectiva é relevante acrescentar a filosofia africana de Sobonfu Somé de que, “Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para

afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons” (Somé, 2003, p.35). Assim, é preciso então compreender que a vida em comunidade é partilhar vivências e saberes com livre acesso para todos aqueles que a compõem, diante do ato de dar e receber amor.

Em razão do exposto, destaco a importância de autoras como Evaristo (2024) e Pizarro (2020) que de maneira insurgente inserem na literatura o protagonismo negro como uma marca do fazer literário. Em suas produções, ambas oportunizam vozes e cidadanias negras que por muito tempo foram silenciadas e deslegitimadas pelo sistema social hegemônico. Porém, com um olhar diferenciado e empático, ressignificam através dos afetos a forma de apresentação dos seus personagens, ao atribuir-lhes a devida humanidade que lhes é de direito e garantem-lhes em suas narrativas a posição de sujeito.

Assim, apresento uma nova perspectiva sobre o amor e as relações sociais focada na conexão de amores e afetos entre as mulheres negras mediante seus atravessamentos. Para tanto, utilizo como fundamentação teórica autores negros, em maioria mulheres, para valorizar a escrita negra feminina. Esse movimento é uma forma de reivindicação do meu direito, enquanto pesquisadora e mulher negra, de firmar presença em territórios, antes inacessíveis, através da minha escrita. Afinal, a palavra expande fronteiras e superam barreiras transculturais.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, nos quais serão expostos os objetivos específicos elencados de forma sequenciada em uma crescente explanação de argumentos a respeito do amor e suas significações. No primeiro capítulo, intitulado *O amor e suas epistemologias na literatura negra*, apresento perspectivas distintas do amor, ancorado teoricamente pela autora estadunidense bell hooks (2021; 2024) e o filósofo brasileiro Renato Nogueira (2020). Problemático a importância das subjetividades como construção da autoria negra feminina e apresento argumentos sobre o fazer literário de Evaristo (2024) e Pizarro (2020) e o posicionamento de suas escritas.

O segundo capítulo, de título *Amores e afetos: a resistência como construção das memórias*, está direcionado para as análises dos contos e das poesias. E dou início com uma argumentação da compreensão da mulher negra entender-se sujeito através do exercício da memória. Em seguida, exponho como estão representados os amores e os afetos nos textos literários a partir do acesso às memórias das personagens e como as mesmas são construídas através da resistência.

No terceiro e último capítulo intitulado *Análise comparativa: os amores na prosa de Conceição Evaristo e na poesia de Yolanda Arroyo Pizarro*, proponho um comparativo dos novos sentidos que os amores e afetos apresentam nas obras literárias. É feita uma

comparação entre a prosa de Evaristo (2024) e a poesia de Pizarro (2020), que evidencia possíveis diferenças e semelhanças socioculturais, pelas quais são expostas transformações na vida social através dos amores e uma ressignificação do lugar de opressão imposto às mulheres negras através da resistência e da prática do afeto.

1 O AMOR E SUAS EPISTEMOLOGIAS NA LITERATURA NEGRA

*“Mesmo quando não podemos mudar a exploração e a dominação em curso, o amor dá significado, propósito e direção à vida”
(bell hooks).*

A literatura se apresenta como manifestação da linguagem concebida pela produção subjetiva do indivíduo e possibilita espaços de privilégio na produção e ampliação do conhecimento, seja pelo viés teórico ou pelo artístico. Dessa forma, surge como aspecto emergente na construção de identidades plurais que utilizam a escrita como força política no contexto sociocultural. Contudo a literatura de concepção negra tem crescido de maneira incisiva na contemporaneidade e inserido na cultura uma escrita insurgente criada pela influência das vivências e das subjetividades de sujeitos afrodescendentes na diáspora. É na literatura negra que esta pesquisa fundamenta seus argumentos a respeito das representações do amor e suas relações.

Neste contexto, o amor se manifesta na literatura negra de forma diversa, modificado por contextos sociais que sofrem influências das culturas, dos costumes e tradições do povo negro. Assim, neste capítulo são apresentadas epistemologias distintas, a respeito do amor, a partir de vozes intelectuais negras, que surgem como agentes analíticos oriundos da educação e da filosofia, e como ferramentas sociopolíticas importantes no processo de construção de identidades e memórias.

O amor, apesar de não ser totalmente compreendido em sua essência, constitui um afeto inerente aos seres vivos, presente historicamente nas relações como a materialização do afeto em ato, como salienta Noguera (2020). Embora seja frequentemente percebido sob o viés místico das emoções, conecta indivíduos por afinidade e intensidade, nenhuma relação é dada de forma espontânea. Conforme ensina hooks (2021), o amor exige intencionalidade: ele nasce da vontade e da intenção, há a necessidade do querer.

Para dar início às discussões, é necessário apresentar uma definição de amor, não precisamente na visão formadora de um conceito, mas a partir do olhar que propõe uma exposição de características que determinam um comportamento ético perante a sociedade e que corrobora com a ação da escolha de amar, de trilhar um caminho na companhia de outrem, como prega a filosofia *dagara*³ de que “Amar exige apoiar e ser

³ Povo do oeste da África, do qual pertence a filósofa Sobonfu Somé, autora do livro *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar* (2003).

apoiado por outras pessoas, inclusive os ancestrais” (Noguera, 2020, p.33). Assim, o amor se apresenta como linguagem universal, tangível a todos os seres humanos e como instrumento essencial para a vida em sociedade.

A ideia de definição citada pela escritora americana hooks (2021) foi contextualizada a partir de estudos e análises de outros autores, também americanos, que a ativista cita em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021), no qual ela afirma: “A melhor definição de amor é aquela que nos faz pensar o amor como ação — conforme diz o psiquiatra M. Scot Peck, trata-se da ‘vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa’” (hooks, 2021, p.12).

É com base nessa colocação apontada por hooks (2021), em esclarecer que o amor é ação, que esta pesquisa se compromete em investigar as ações das personagens negras femininas das obras *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) de Conceição Evaristo e *Afrofeministamente* (2020) de Yolanda Arroyo, especificamente dos contos *Isaltina Campo Belo* e *Shirley Paixão* e das poesias *La afrodiva era mi abuela* e *Tratado de auto-afroreparación*, e em analisar como são representadas as relações amor-afetivas entre ambas, e ainda, salientar semelhanças e diferenças em suas atuações, levando em consideração o caminho que as levaram a construir um lugar de acolhimento e resistência firmado pelos afetos.

1.1 O amor como prática política e libertadora em bell hooks

Se observarmos com atenção, a história das mulheres negras na diáspora é atravessada pelas consequências das estruturas políticas que impactam suas vidas e as posicionam em lugares de opressão. Contudo, diante da complexidade e necessidade de compreender a importância da vida negra nos espaços de vivências e poder, o amor surge, nesta proposta de pesquisa, como ferramenta política e libertadora com a intenção de ressignificar esse lugar de opressão e dor, através de uma resistência ao patriarcado com base na contextualização da teórica americana hooks (2021).

O amor é marca da politização de hooks (2021), emergente da necessidade de sua insurgência, enquanto mulher negra feminista, que insere no cenário sociopolítico modificações na abordagem da luta contra os sistemas de dominação. Desenvolver técnicas de transformação para um modelo de sociedade pautada no amor e na justiça foi dedicação exclusiva da trajetória de vida da autora.

Com a relevância de reconhecer o indivíduo que produz conhecimento, independente de marcadores sociais e que pertence à categoria de sujeito enquanto pessoa e intelectual, apresento a principal teórica que fundamenta o tema gerador desta dissertação. Mulher negra, nascida em 1952 nos Estados Unidos como Gloria Jean Watkins, tornou-se conhecida com o pseudônimo bell hooks, nome escolhido em homenagem à sua bisavó. Surgiu como uma autora teórica de grande influência nas discussões sobre crítica social, feminismo negro, pedagogia crítica, cultura contemporânea e intersecções de raça, gênero, classe e poder, que comumente são temas que sob sua perspectiva crítica ganharam novas formas e concepções que sugerem um modelo de sociedade mais justa e libertária, ao trazer o amor para o centro da discussão.⁴

Como demonstração de seu posicionamento político em prol de mudanças radicais para construção de uma comunidade amorosa, bell hooks escolheu nomear-se com letras minúsculas com a intenção de distanciar o foco da intelectual enquanto pessoa, para priorizar a produção de conhecimento coletivo com base no pensamento feminista e na possibilidade de transformação da sociedade através do amor.⁵ Desta forma, a teórica rasura epistemologias acadêmicas, que habitualmente são admiradas pelas instituições por possuírem um caráter de genialidade individual, e assim comprova seu status de intelectual negra ao transitar pela via acadêmica em conjunto com experiências da vida cotidiana que colabora com a concepção de um ideal social que se compromete com a democratização do conhecimento e a valorização do espírito de liberdade.

Ao propor a idealização do amor como uma ação libertadora, a ativista estadunidense transcende sua perspectiva de conceituar o amor quando insere na discussão a importância de trabalhar uma “ética amorosa” (hooks, 2021), que define como uma conexão das relações interpessoais com a interação na vida em sociedade, em oposição a qualquer sistema de dominação.

A dominação não pode existir em qualquer situação social em que prevaleça uma ética amorosa. É importante lembrar a percepção de Jung, de que, se o desejo de poder predomina, o amor estará ausente. Quando o amor está presente, o desejo de dominar e exercer poder não pode ser a ordem do dia. Todos os grandes movimentos sociais pela liberdade em nossa sociedade têm promovido uma ética amorosa. A preocupação em relação ao bem coletivo de nosso país, de nossa cidade ou vizinhança, baseada em valores amorosos, faz com que todos busquemos nutrir e proteger esse bem. Se todas as políticas públicas fossem criadas no espírito do amor, não teríamos que nos preocupar

⁴ HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

⁵ HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvli Libanio. – 26ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024b.

com o desemprego, as pessoas em situação de rua, o fracasso de escolas em ensinar às crianças ou os vícios (hooks, 2021, p.107-108).

Com esta assertiva, hooks (2021) propõe modificações significativas no *status quo* de uma sistematização sociopolítica que tem se posicionado de forma hegemônica, ao impor um domínio sistêmico baseado na manipulação e no poder. Para a autora, em qualquer âmbito que existe dominação e desejo de poder o amor não prevalece, e logo a sociedade sucumbe no quesito humanidade, por não permitir as mudanças necessárias para uma vida plena através de uma ética que se compromete com a generosidade.

O amor é então apresentado como práxis de uma politização de valores, afetos e dores, concebidos pela possibilidade da escolha. Na concepção de hooks (2021), a ação de amar está atrelada à vontade, ao desejo do querer, e distancia a ideia de que o amor é um sentimento instintivo no qual todas as pessoas sabem amar. “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar” (Peck, 1978 *apud* hooks, 2021, p.39). Com esta afirmação a teórica conceitua o que é amor a partir do seu posicionamento político e esclarece a dialética que envolve transformações necessárias na sociedade – o que corrobora com a expressão “o amor é revolucionário”.

Com uma postura crítica, hooks (2021) iniciou uma revolução nos padrões normativos e morais de um patriarcado que insiste em subjugar as mulheres, atribuindo-lhes um lugar de inferioridade frente às camadas sociais hierárquicas. Seu ímpeto feminista foi o que influenciou a luta por uma sociedade mais justa através do amor, que enquanto ato político, promoveu modificações necessárias para um modelo de sociedade que se preocupa em desconstruir estereótipos, desigualdades e violências de gênero.

A partir desta proposição de desconstrução de estigmas opressores, a “política arrebatadora” de bell hooks ganha proporção entre membros e aliados do movimento feminista negro, que persistem na luta contra o patriarcado e as *interseccionalidades* pelas quais mulheres negras são atravessadas. Uma política que incentiva pessoas de todo o mundo a melhorarem suas vidas através da possibilidade da descoberta de um feminismo negro criado por um amor que revoluciona, que toca e age na sensibilidade de perceber a importância do cuidado, de responsabilizar-se afetivamente com e pelo outro.

Em *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2024b), bell hooks discorre sobre o posicionamento não equânime que o movimento feminista teorizava sem se dar conta de que a idealização sexista adquirida, enquanto conscientização política, não reconhecia a raça como categoria relevante na luta feminista.

Elas entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos, mas eliminando raça do cenário. Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir. A visão utópica de sororidade evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracismo séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não brancas. A maioria das mulheres negras individuais, predominantemente ativistas do movimento desde a origem, permaneceu no lugar (hooks, 2024b, p.90-91).

Como é foco desta pesquisa direcionar as dinâmicas dos amores e afetos, enquanto ações políticas, para as mulheres negras e suas subjetividades, evoco à referida obra com a intenção de evidenciar a importância do feminismo negro e a necessidade de sua criação, por diferir do movimento feminista que crescia rapidamente nas sociedades contemporâneas, mas se limitava ao marcador gênero, reduzindo seu posicionamento político à opressão sexista que se opunha ao compromisso com a diversidade e a manutenção de uma política de prática libertadora.

Com a perspectiva do amor como ação política em prol do desenvolvimento das relações sociais, é relevante apresentar uma argumentação da teórica negra portuguesa, Grada Kilomba, de que “o amor e a união emergem como uma tarefa política para reparar nossa historicidade individual e coletiva de perda e isolamento” (Kilomba, 2020, p.144). Ao se referir a uma “historicidade” de “isolamento”, Kilomba (2020) justifica um dos entraves na ação da escolha de amar, quando resgata memórias de todo um período histórico de segregação social, que fragmentou povos e culturas sob o rigor da escravização.

O colonialismo representa o principal sistema de exploração e desumanização que produziu um mecanismo de ódio e desamor no continente americano. Dessa forma, é responsável por inferiorizar os afrodescendentes negando-lhes o direito de pertencer à categoria de sujeito.

Essa tentativa de retirada de humanização do sujeito negro faz parte do projeto político de dominação articulado pelos europeus, que apoiados por ideais branco-cêntricos manipulou todo um sistema sociopolítico e econômico com intenção de reduzir o negro à categoria de objeto.

bell hooks usa estes dois conceitos de “*sujeito*” e “*objeto*” argumentando que *sujeitos* são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p. 42). Como *objetos*, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são *sujeitos*.” (hooks, 1989, p. 42). Essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como ato político (hooks, 1989 *apud* Kilomba, 2020, p. 19-20).

Com essa inferência de Kilomba (2020) a respeito dessa troca de categoria de objeto em sujeito, que na opinião da autora confere à sua escrita uma ação política, assemelhasse à prática ideológica adotada por hooks (2024a) a respeito do amor, que surge como resistência reacionária à perpetuação de um desamor produzido e difundido pela colonização europeia. Em um movimento de libertação e com intenção de desenvolver uma cultura de busca pelo bem-estar, a ativista norte-americana ressignifica o lugar do desamor através da ação política de amar, tanto a si mesma quanto ao próximo em igual condição. E propõe uma libertação do jugo da colonização ao fazer revolução nos princípios de uma sociedade que necessita de transformações pessoais e coletivas através do amor.

O cerne da descolonização é o reconhecimento da igualdade entre os seres humanos, aliado à compreensão de que categorias raciais que estigmatizam negativamente a negritude foram criadas como uma ferramenta política da dominação branca imperialista. A maioria das pessoas negras primeiro confrontam a supremacia branca no contexto da negritude, geralmente através de discussões e/ou respostas a nossa aparência. Uma vez que a lógica da supremacia branca é que negro é sempre ruim e branco é sempre bom, esse pensamento no intuito de descolonizar, precisa ser rejeitado e substituído pela lógica da autoaceitação. Aprender a ser positivo, a afirmar-se, é uma forma de cultivar o amor-próprio, de intervir na humilhação racializada (hooks, 2024a, p.99).

hooks (2024a) nos convida a descolonizar o pensamento incutido pela supremacia branca através da ação de desenvolver o amor-próprio, evidenciar a importância de uma ética amorosa como ferramenta política para enfraquecer o racismo. Salvação, escrito no título da obra⁶, instiga uma busca por libertar-se, sugerida pela autora como emancipação psíquica dos resultados da colonização. Esta ação de salvar designa um resgate, uma libertação do próprio pensamento em compreender o que a teórica chama de “lógica da autoaceitação”. É nesta autoaceitação que o indivíduo negro acolhe suas dores, seus afetos e reencontra meios que possam gerar e dignificar o amor-próprio.

Comunhão: a busca das mulheres pelo amor (2024c) é o livro que encerra a trilogia revolucionária sobre perspectivas e maneiras de encarar o amor como o protagonista da vida e das relações em sociedade, de forma harmoniosa e acolhedora, sob o viés feminista. A obra é um convite às mulheres para irem à procura incessantemente do amor com a intenção de dignificar suas trajetórias em resposta a imposição de inúmeras interpelações, pelas quais as mulheres passam e precisam merecer o amor em

⁶ HOOKS, bell. Salvação: pessoas negras e o amor. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2024.

uma sociedade de valores patriarcais, que não lhes são conferido este direito e é preciso merecê-lo (hooks, 2024c).

Com esta assertiva de sugerir uma união entre as mulheres pela busca do amor, hooks (2024c) potencializa o conceito de sororidade, foco do movimento feminista nas décadas de 1970 e 1980, que é o sentimento de irmandade, solidariedade, união e empatia, entre as mulheres por compartilharem uma identidade de gênero, proposto pela escritora Kate Millett, líder feminista da década de 1970.

Naquela época, existia uma movimentação frenética às voltas de uma solidariedade entre as mulheres que legitimava o movimento feminista, embora o oportunismo dentro do movimento tenha acabado por estratifica-lo (hooks, 2024b). A ativista, na condição de mulher negra, compreendia a relevância de mobilizar dentro do movimento feminista o marcador raça com extrema importância, visto que de acordo com o conceito de *interseccionalidade* há uma interação entre os fatores raça e gênero que define a identidade da mulher negra e os impactos em suas relações com a sociedade. O quesito raça ocupa a primeira posição na escala de opressões, e é ele o marcador que insere a dor na causa do feminismo negro como fator determinante.

No contexto brasileiro, Vilma Piedade, ativista atuante no movimento feminista, transcende a perspectiva do conceito de sororidade ao colocar a dor no foco do conceito:

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. Sororidade, etimologicamente falando, vem de sóror – irmãs. Dororidade, vem de Dor, palavra-sofrimento. Seja Físico. Moral. Emocional. Mas qual o significado da dor? Aqui *tá* no conceito (Piedade, 2017, p.18).

Com a criação do conceito de Dororidade, a professora brasileira oportuniza ao conceito de sororidade a inclusão da raça como especificidade da mulher negra e a garantia de equidade entre os marcadores sociais que atingem as mulheres. Raça, gênero e classe, em uma escala de igualdade, representam a idealização de um projeto político perfeito, que só seria possível através de “políticas arrebatadoras”, como propõe hooks (2024b), em conjunto com a ação da escolha de amar. Em seu escrito *Vivendo de amor* cita:

O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente (hooks, 2010, p. 5).

Enfim, é com essa busca por plenitude, citada por hooks (2010), e com base na vida em comunhão que as mulheres negras avançam cada degrau do elevado caminho do amor, em busca de uma vida plena que lhes permita abraçar a espiritualidade, defender a sua identidade enquanto sujeito que vive em sociedade e representa uma coletividade, um grupo que, apesar de ser visto como minorizado, exerce grande influência, atualmente, nas discussões de pautas e lutas sociais.

1.2 O amor na perspectiva filosófica de Renato Nogueira

Ao apresentar um caráter multifacetado, o amor é visto como uma temática de muitas influências sociais que perpassam os campos da religião, da filosofia e da história, e se apresenta como um objeto de concepção hegemônica, moldado por uma literatura criada e retratada pelo ocidente, que investiu em características associadas a um amor ideal, com raízes no romantismo e na exclusividade da monogamia.

Perspectivas distintas de amor nos levam a pensar no cenário de acontecimentos históricos que levaram à idealização de relações afetivas apresentadas através de um caráter individualista, no qual o amor era visto por este viés romântico e da escolha pessoal do indivíduo. Essa característica, própria do ocidente, enquanto força política, econômica e sociocultural garantiu um status de dominância mundial ancorado na razão e em certa democracia. Dessa forma, essas bases históricas tiveram fundamentos na cultura greco-romana, na qual se destacava o pensamento filosófico grego e a língua romana (o latim), de domínio cristão, praticamente usada como universal.

Em contrapartida, ao direcionarmos a atenção para o amor como uma ação política, instigamos um distanciamento do status de sentimento. Novas formas de compreender o amor de maneira ética e justa contrapõem o ideal romântico. É desta forma que algumas perspectivas de amor são apresentadas na obra *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor* (2020), do filósofo brasileiro Renato Nogueira, que discorre sobre várias histórias do passado, reais e fictícias, argumentadas com bases científicas, nas quais são apresentados aspectos conceituais da filosofia e da mitologia.

Nogueira é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, doutor em Filosofia e realiza um trabalho notável sobre as formas de relacionamentos amorosos, usando a filosofia como base teórica para desenvolver seus conhecimentos sobre a arte

de amar. Em seu livro, visões culturais bem distintas são apresentadas com histórias que servem de exemplo e campo comparativo das argumentações propostas. Destacam-se as versões apresentadas pela cultura ocidental, fundamentada na mitologia e pela cultura africana, ancorada na filosofia.

Nogueira (2020) escreve sobre o amor sem cunho político no capítulo *O amor Platônico*, com a intenção de demonstrar como os filósofos daquela época apoiavam seus pensamentos nos mitos associados às divindades gregas e romanas, além de argumentar como o amor idealizado se tornou um exemplo da expressão. Ele relata o episódio que marca o início das discussões a respeito do amor no ocidente, *O banquete*⁷, diálogo escrito por Platão, filósofo grego, na busca de encontrar uma definição para o amor analisando a “natureza universal do fenômeno” (Nogueira, 2020). Havia um “tratado ocidental sobre o amor”⁸ criado pelo filósofo ateniense que ficou famoso na Europa renascentista e se tornou alvo de muitas discussões entre os pensadores da época.

No referido diálogo, várias perspectivas foram evidenciadas, expondo diferentes significados do amor a partir do pensamento de renomados filósofos e pensadores europeus. Na ocasião, Platão relata um grande encontro entre seu mestre Sócrates, e os cultos Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes e Alcebíades, convidados para discursar sobre o tema e, finalmente, concluir seu pensamento a respeito do que seria de fato o amor. Com posicionamentos controversos e uma ou outra semelhança nos discursos dos estudiosos, Platão elegeu, entre todos, o relato do sábio Sócrates, que argumenta ser uma artimanha onde o amor está sempre em busca da sabedoria.⁹

Mas Sócrates oferece uma lição muito mais valiosa. Se o amor é a força que nos empurra para o que não temos, e o que não temos é o belo e o bom, e sendo a sabedoria a coisa mais bela que existe, o amor quer mesmo é atingir o conhecimento. Assim, o amor é, antes de tudo, um projeto de investigação. É filosofia (Nogueira, 2020, p.107).

O professor Nogueira (2020) se refere no trecho acima a um amor pela sabedoria, e assim, propõe um outro olhar no qual coloca o amor como objeto investigativo, e afirma que o amor “é filosofia”. E é neste ponto que esta pesquisa firma seu interesse nesta discussão. Na palavra filosofia, “Filo é originário de *philia* – um dos termos para amor em grego –, e *sofia* significa saber ou conhecimento” (Nogueira, 2020, p.108). Este termo, é de origem grega, porém apresenta um significado um tanto controverso para uma

⁷ PLATÃO. *O banquete*. São Paulo: Edipro, 2017.

⁸ Tratado criado pelo filósofo Platão na Atenas antiga.

⁹ NOGUEIRA. Renato. *Porque amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

civilização que preza pela razão e pelo individualismo, uma vez que ao apresentar um sentido de “amor pelo conhecimento” expressa um significado hábil e diverso, que compete a sujeitos, independente de raça, gênero ou classe. E ainda inspira uma intenção – um desejo de aprendizagem pelo novo.

Esta intenção, como antes mencionada nesta dissertação, é contextualizada como uma ação pela ativista norte-americana bell hooks (2021; 2024), que propõe uma outra perspectiva do amor, assim como Noguera (2020), a autora contrapõe a visão do ocidente e em suas trajetórias dedicam parte de suas vidas a escreverem sobre o tema, propõem transformações na sociedade, distanciam o pensamento eurocêntrico e a trazerem para a discussão acadêmica o amor como um tema de categoria epistemológica. Categoria esta oriunda da política e da filosofia que dedica seus estudos ao conhecimento e a formulação de teorias que fundamentam a existência.

Diante deste conhecimento que inspira à filosofia, enquanto ciência que se atém a disseminar o desejo de aquisição do saber, é pertinente destacar um contraste na visão ocidental do amor. As bases ocidentais, que deveriam sustentar os ideais, propõem uma perspectiva contraditória, sugerem um amor estruturado na exclusividade da motivação pessoal do indivíduo, enquanto este é por natureza um ser social que vive em comunidade, partilha vivências coletivas e protagoniza acontecimentos da história.

História esta que vem sendo deturpada pelo sistema europeu que, ao assumir um status dominante, produziu uma versão considerada como única, e a complexidade desta questão é que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, 2019, p.14), e, na condição de colonizador, foi responsável por difundir a escravidão no mundo moderno e, a partir de então, tornou-se referência de uma dominação social sistêmica.

O ocidente tem um posicionamento dominante com relação ao conhecimento e à vida, porque considera seu modo de viver e saber uma referência-modelo para a humanidade. Dentre as categorias que constroem uma sociedade, destaco dois agentes que representam os maiores veículos de dominação e poder – o pensamento e a fé. Refiro-me aqui ao pensamento crítico e à fé cristã, ambos formadores de opiniões a respeito da vida social, da qual fazem parte as relações amor-afetivas, desenvolvidos pela civilização eurocêntrica. A criação de um sistema de exploração que provocou o desamor e o apagamento histórico e cultural de povos nas Américas é a principal evidência da concretude do autoritarismo ocidental.

O regime branco dominante, manipula no imaginário social a ideia de que o conhecimento ocidental é colocado como universal. Segundo Kilomba (2020), esse conhecimento é considerado a norma, reconhecido como científico, enquanto os demais conhecimentos, produzidos por outras etnias como de pessoas negras, por exemplo, são considerados específicos, reconhecidos como “a-científico”. É este conhecimento, tido como universal, que filia o pensamento crítico e desenvolve traços de uma perspectiva de amor tradicional, tal como conhecido ainda nos dias de hoje, que é o amor romântico, idealizado na Europa Ocidental e enredado em vários romances trágicos, como no famoso romance *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, escrito no século XVI.

Em contrapartida, Noguera (2020) traz a perspectiva filosófica africana através de ensinamentos do povo *dagara* e outras culturas africanas, que não concentram a idealização da ação de amar no individualismo – nas sistematizações culturais africanas, o bem-estar e estilo de vida precisam estar em harmonia e interligados com a comunidade. Surge neste contexto a temática da não monogamia, prática comum nas relações conjugais de várias culturas africanas e discutida em *Por que amamos* (2020):

O fato é que, dentro dos vários arranjos possíveis do relacionamento iorubá, não há lugar para o capricho de um único indivíduo – e a monogamia nem sempre dá conta de todas as necessidades de uma comunidade. As mulheres da etnia odabi (povo nômade que habita a República dos Camarões) podem se casar com mais de um homem. O primeiro casamento é escolhido pela família, pois seu objetivo é a reprodução. Daí em diante, a mulher pode escolher os demais pretendentes a compor a relação amorosa e fortalecer o grupo (Noguera, 2020, p.75).

Neste trecho, é perceptível como as relações amorosas sofrem influências culturais e, assim, apresentam diferentes perspectivas. Em oposição à visão ocidental do amor, o posicionamento africano traz dentro de uma normalidade a policonjugalidade citada por Moore (2012), como uma prática comum em comunidades onde o número de homens excede o número de mulheres, é natural que elas tenham mais de um parceiro, para que a grande maioria não fique solteiros e tenham o direito de ter uma vida conjugal. Também ocorre com mulheres inférteis, que desposam mulheres mais novas para seus cônjuges, para ter a possibilidade de ter filhos (Nogueira, 2020).

A ativista indígena Geni Núñez traz um posicionamento a respeito da não monogamia, já que, influenciada também pela cultura, ela considera que é vista de maneira preconceituosa porque fere a normalidade imposta pela colonialidade. Em seu livro *Descolonizando afetos – experimentações sobre outras formas de amar* (2023), expõe reflexões contracoloniais, opondo a forma como o modelo colonizador impõe o amor monogâmico e defende outras formas de amar sem colocar a não monogamia como

uma alternativa, apenas como uma oposição ao que está posto (Núñez, 2025). E afirma em uma entrevista:

Um exemplo que eu queria trazer é de que as relações também são afetadas pela colonização, como todas as dimensões da vida são e umas das características que definem esse modo cristão-colonial é a fixidez, a imutabilidade e a permanência. Essas outras formas de amar não teriam esses pressupostos como funcionamento. Então vai ter a possibilidade de concomitância, a possibilidade de não fixidez, o tempo não é necessariamente eterno. São outros referenciais, outros pontos de partida (Núñez, 2025).

Dessa forma a psicóloga contextualiza a questão da imobilidade do padrão colonial e afirma que, o que se opõe a esse padrão é considerado anormal, interdito, está fora da ordem imposta pelo modelo europeu. E diante disso, propõe em seu livro formas insurgentes/outras de amar, novas perspectivas, como propõe hooks (2021; 2024) e Noguera (2020). Os teóricos trabalham o amor em suas mais diversas facetas e possibilidades.

Diante do exposto, firma-se a proposta filosófica de que o amor está ligado ao conhecimento, às novas possibilidades e ao desejo por algo que não se tem. Então conclui Noguera (2020): “Por fim, em termos filosóficos, a resposta à pergunta “por que amamos?” é bem simples: nós amamos porque estamos vivos. A vida impõe a vontade de amar. O que nos cabe é encontrar uma boa história para essa aventura” (Noguera, 2020, p. 197).

1.3 Subjetividades e afetos na construção da escrita de autoria negra feminina

A escrita como veículo de informação permite autoconhecimento, expressão de subjetividades e promove a construção de identidades. Através da mesma é possível exteriorizar o pensamento crítico, assumir um posicionamento político e como consequência obter poder, como afirma Cuti¹⁰ (2010, p.21) “Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também”. No campo afro-diaspórico o ato de escrever está intrinsecamente ligado às percepções do indivíduo negro em conjunto com suas vivências, ao considerar a imposição do contexto histórico-cultural marcado pelo racismo, produzido pelo colonialismo europeu desde o século XV e que se apresenta até os dias de hoje como estrutural.

¹⁰ Pseudônimo de Luiz Silva, um dos criadores da série Cadernos Negros na década de 1970 e um dos fundadores do coletivo Quilombhoje, fundado em 1980. Para mais informações: <https://www.letas.ufmg.br/literafro/autores/212-cut>

As subjetividades, por sua vez, são aqui apresentadas, enquanto variações de perspectivas e experiências individuais, e funcionam como matéria-prima da produção criativa do sujeito negro, através de emoções e sentidos, ou seja, de afetos que são “as energias que movem a vida” (Queiroz, 2022, p.21). Dessa forma, os afetos abordam pessoas negras no tocante ao espaço comum, e transformam este lugar em especificidade literária, ao desconstruir o imaginário social hegemônico que associa estes indivíduos à condição de miséria, marginalidade, subalternidade e morte.

O fazer literário de autoria negra, fundamenta-se na produção de contranarrativas que rompem com o legado epistemológico eurocêntrico e introduz no cenário literário textos que exprimem subjetividades a partir dos conhecimentos acadêmicos juntamente com conhecimentos de mundo, dos quais recebem grande influência ancestral. Como é identificado nas escritas das autoras Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo Pizarro, selecionadas para este trabalho, ambas assumem em suas produções a ação política de escrever a partir de suas ancestralidades, e todo movimento discursivo que envolve seus sentimentos e suas percepções a respeito do que é importante expor através das palavras.

É importante destacar que, nesta subseção evidencio a escrita de autoria negra feminina. Intencionalmente, exponho as subjetividades e os afetos que constroem uma literatura de característica ancestral, influenciada pelas vivências de mulheres/autoras que são tocadas por diversos atravessamentos, como a raça e o gênero, por exemplo, que são os marcadores que lhes atingem de maneira mais incisiva. Em uma entrevista, a escritora brasileira Conceição Evaristo afirma que nas produções de autoria literária, homens negros ocupam um menor quantitativo enquanto mulheres negras representam um número ainda menor, ou seja, são quase invisibilizadas, ocupam o último lugar em um grau de escala (Evaristo, 2017).

Na condição de intelectual, Conceição Evaristo, a partir de suas experiências de vida e observação de tantas outras, iguais e diferentes a ela, inscreve na literatura o conceito de *escrevivências*, ao interligar as ações de escrever e viver em uma única palavra que ganha propriedade e cria uma marca do seu fazer literário inspirando uma legião de escritores no Brasil e no mundo. O referido conceito será aprofundado na subseção 1.4.

Ainda nessa mesma perspectiva, a autora caribenha Yolanda Arroyo Pizarro, que se autointitula como *afro-lésbica*, diz em entrevista: “No meu caso, o Afro não pode se separar do Lésbico, se bem que eu posso fazer referência a vivências que eu tenho ao meu redor e sempre volto para núcleo, que é o que eu sou e desde então construo minha

história, na serenidade dos meus versos” (Pizarro, 2019). Ela introduz na sua escrita uma singularidade ao utilizar a palavra afro como um marcador do seu posicionamento político. Através da ancestralidade a poetisa destaca a etnia que descende da África e constrói novas palavras que marcam o seu estilo literário.

Muitas mulheres negras têm investido em uma escrita afro-centrada,¹¹ algumas de caráter teórico e uma grande maioria de cunho literário, com o intuito de tornar vigente e fazer circular entre o campo editorial a produção intelectual negra feminina, tanto no Brasil quanto no mundo, dando continuidade ao trabalho de grandes nomes da intelectualidade negra como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Maya Angelou, bell hooks, entre outras, que construíram um legado com suas escritas atemporais. E ao oportunizar experiências e histórias da população negra através da escrita, rompem com a padronização canônica e elevam a voz em um âmbito majoritariamente masculino. Dessa forma, protagonizar mulheres negras nas obras escritas por autoras negras é garantir uma representatividade que apesar de partir das subjetividades individuais alcançam o coletivo.

No Brasil, os primeiros registros de escrita feminina referem-se à maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), que é reconhecida como a primeira autora negra a escrever um romance. A professora que viveu a passagem dos séculos XIX e XX escreveu a obra *Úrsula* (1859), que representa um marco na escrita de autoria feminina e foi o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher negra em toda a América Latina. Com a força de sua escrita denunciou em seu conto *A escrava* (1887) a desumanização que sofriam as pessoas escravizadas e protagonizou neste escrito uma mulher que lutou pela liberdade e enfrentou o sistema escravista em prol da abolição.¹²

O movimento abolicionista foi de suma relevância para o desenvolvimento da produção literária no Brasil. A partir de uma literatura de denúncia, que retratava a crueldade do sistema de escravização, sensibilizava a opinião pública através da indignação e argumentava em favor da abolição, poetas, ensaístas, atores, romancistas surgiram como defensores da vida negra e da justiça, acusando o sistema que escravizava os negros e os mantinham em condições subumanas.

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo

¹¹ Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Angela Davis, Grada Kilomba, Carla Akotirene, Chimamanda Ngozi Adichie, Yolanda Arroyo Pizarro, Paulina Chiziane, entre outras.

¹² UFMG. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Para mais informações acesse: [Maria Firmina dos Reis - Literatura Afro-Brasileira](#).

em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. [...]

Para tanto, contribuiu enormemente o trabalho seminal de poetas e prosadores de organizações como o Quilombhoje, de São Paulo, a que se somaram grupos de escritores de Salvador, Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras capitais. E, a partir de intensa busca pela ampliação de seu horizonte recepcional, a literatura afro-brasileira adquire legitimidade crescente, tanto nos cursos de graduação e pós-graduação e nas listas dos vestibulares de universidades públicas e privadas, quanto no meio editorial. A série *Cadernos Negros* ultrapassou três décadas de publicação ininterrupta e um romance voltado para o resgate da história não oficial dos escravizados e suas formas de resistência, como o épico *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), foi publicado por uma editora de grande porte e, em seguida, consagrado vencedor do Prêmio Casa de las Américas (Duarte, 2010, p.113-114).

A assertiva de Duarte (2010) explana como a série *Cadernos Negros*, criada na década de 1978, sob a organização do coletivo Quilombhoje desde 1980, se tornou um marco na escrita literária negra e se manteve no mercado editorial com publicações anuais ininterruptas desde a sua fundação.¹³ Muitos movimentos aconteciam naquela época em volta de uma cultura de oposição hegemônica desde a década de 1960 e teve grande influência do Movimento Negro Unificado (MNU), que surgiu já na década de 1970 como um importante agente da militância negra que fazia uma série de denúncias contra as desigualdades e ao racismo impregnado na sociedade brasileira. Foi nesta série que a autora Conceição Evaristo estreou sua trajetória como escritora e inseriu no cenário literário uma literatura negro-brasileira marcada por uma escrita insurgente criada pela subjetividade de suas *escrevivências*.

O estilo literário adotado por cada autora negra carrega marcas de subjetividades construídas ao longo da vida e recebe influência ancestral através dos afetos que envolvem a sua existência. Diante de um passado de violências contra a descendência de todo o povo negro, o desrespeito ao sujeito e aos seus corpos, a mulher negra convive com a implicação de não representar o modelo ideal de beleza; esse lugar pertence a mulher branca, uma vez que, no imaginário social, “o arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro” (Fanon, 2008, p.160), ou seja, há uma inferiorização racial em vincular o que é considerado feio, ruim e sujo ao que é preto. Assim, é imposto à mulher negra um lugar de “antimusa” (Carneiro, 2003).

Essa colocação da intelectual Sueli Carneiro, ao referir-se à palavra antimusa, define a forma estereotipada que a Literatura Brasileira, branco-cêntrica, personifica as mulheres negras nas obras que compõem o cânone literário. A hipersexualização de

¹³ Quilombhoje. Mais informações acesse: www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/

corpos negros femininos é uma marca desta literatura, que representa a etnia negra de forma pejorativa. Nas palavras de Conceição Evaristo:

Sou tentada a dizer que os personagens negros, por via de regra, são moldados sob um olhar que os define dentro de uma ou outra característica, tal como estas: preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar ou viver sentimentos como o amor, o afeto. As culturas africanas e afro-brasileiras são exotizadas ou folclorizadas. Dificilmente se encontra a construção de uma personagem negra que represente a potência do ser humano em toda sua dignidade. Creio que a minha autoria não chega a ser tão cruel, pois, como já afirmei, não é essa personagem que me interessa criar, e quando crio essa representação, o branco surge e ocupa o lugar da crueldade; não salvo ninguém (Evaristo, 2020, p. 28-29).

Com esta assertiva, Evaristo denuncia a maneira que são citadas e construídas as personagens negras na literatura de autoria branca. Em contrapartida, reafirma o traço subjetivo de sua literatura que se opõe a uma erudição dominante e através de sua sapiência intelectual exalta o protagonismo do indivíduo negro, o coloca como foco da narrativa e o atribui devida humanização e dignidade.

A escrita de autoria negra representa a resistência e a luta de um povo em não sucumbir diante das violências e opressões causadas pela colonização. Com fundamentação nas subjetividades que estão correlacionadas ao ponto de vista, a literatura negra, conforme Duarte (2008) discursa, integra a literatura brasileira e suas nuances em um movimento de pertencimento – uma literatura afro-brasileira. Como concorda a escritora Evaristo (2009), porém complementa:

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afro-brasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivemos os

meus familiares e a grande maioria negra, certamente influiu e influi em minha subjetividade (Evaristo, 2009, p.18).

Em sentido, fazer parte de um lugar que funde a escrita literária à condição de ser mulher e afrodescendente faz com que Conceição Evaristo e um legado de escritoras negras representem a literatura de autoria negra feminina, que insurge com suas experiências individuais e coletivas, dentro de um espaço histórico-cultural fragmentado pela imposição hegemônica eurocêntrica, mas que possibilita novas vozes, novos discursos e novas narrativas, contadas a partir de um olhar subjetivo e das relações de afetos que constroem a identidade negra.

1.4 O fazer literário das escritoras Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo Pizarro

A palavra de ordem é amor, experienciado e teoricamente argumentado por hooks (2020) como sendo o grande foco de busca de toda a sua obra e de sua ação política. A intelectual negra norte-americana, empenhou-se em encontrar uma forma de reunir, em um só lugar, espiritualidade e política, no sentido de “esforços para acabar com a dominação, para trazer paz e justiça” (hooks, 2020).¹⁴ E é nessa perspectiva de acabar com a ação de domínio entre povos e alcançar paz e justiça que proponho o encontro do fazer literário das literatas Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo Pizarro, que ressignificam o lugar da opressão através da forma como ambas representam os amores e os afetos em seus escritos.

Com a utilização de conceitos e novas palavras, Yolanda Arroyo Pizarro e Conceição Evaristo oportunizam em suas literaturas o lugar de fala da mulher negra e suas relações. Como afirma Ribeiro (2017, p.19) “Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades”. Assim, ambas autoras, articulam novas formas de inserir na literatura a importância da ancestralidade enquanto influência motriz da vida negra coletiva e ainda de suas impressões individuais, ao criarem novos termos oportunizam e contribuem para as discussões pertinentes às relações étnico-raciais na sociedade. Dessa forma, criam também seus próprios estilos literários e demarcam a potência de suas escritas.

¹⁴ Rodriguez, Débora Helena de Rezende. Portal Geledés. Construindo uma comunidade de amor. Para mais informações acesse: <https://www.geledes.org.br/construindo-uma-comunidade-de-amor/>

A autora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. Em uma família empobrecida, cresceu na companhia fraternal de oito irmãos e de sua mãe, Joana Josefina Evaristo, lavadeira de profissão, até os sete anos; após essa idade, foi morar com uma tia, que possuía melhores condições de vida e, então, podia amenizar o fardo da sua mãe de alimentar tantas bocas em meio à pobreza. Da figura paterna não se tem muita informação, assunto que Conceição Evaristo cita na referência do padrasto Aníbal Vitorino, o qual reconhece como pai.¹⁵

Com uma infância marcada pela pobreza, a segunda filha de Dona Joana não tinha muito tempo para as brincadeiras e o ocupava com a contemplação da natureza. Fato que, de alguma forma, contribuiu para a escrita de olhar atento que lhe é costumeira.

Sua infância foi de muita pobreza. Na ausência de brinquedos e espaço, aprendeu a se divertir e a brincar com as flores do pequeno jardim, e com as bonecas de capim ou de pano. Lembra-se da alegria de recolher as frutas no pé para saciar a fome, de ter aprendido a olhar o céu, as estrelas e as nuvens, porque lhes foi ensinado por sua mãe e tia a olharem e a sentirem esses ambientes (Queiroz, 2022, p. 46).

É possível compreender como o traço literário de Conceição Evaristo foi construído. Ainda menina, aprendeu com as suas primeiras a observar a vida na riqueza dos detalhes impostos por uma realidade, que apesar de lhe ser dura, possibilitou a pujança do raciocínio, de perceber o mundo à sua volta e lhe permitir, muito cedo, a pensar de forma crítica e sagaz. Quando Verônica Queiroz relata que a mãe e a tia a ensinava a sentir os ambientes, revela a essência da escrita de Evaristo, que costuma, mesmo em prosa, usar a poesia como recurso literário (no uso de elementos como jardim, céu, nuvens, citados acima) para contar histórias de pessoas negras, em maioria mulheres, em seus cotidianos e suas experiências de vida.

Em meio a muitas dificuldades, quando Conceição e sua família sofriam com o processo de desfavelamento, que as empurraram para a periferia da capital mineira na década de 1970, concluiu o ensino básico (Curso Normal) aos 25 anos. Conciliava os estudos com a profissão de doméstica, ocupação que desde garota já realizava como um auxílio à mãe e à tia. Ainda jovem participou de grupos que debatiam questões sociais, como o Juventude Operária Católica na década de 1960, que acabou sendo reprimido pela ditadura militar, e integrou o Movimento do Negro Brasileiro, quando ainda residia em Belo Horizonte (Queiroz, 2022).

¹⁵ QUEIROZ, Verônica Santana. Conceição Evaristo e a política dos afetos: caminhos para a Bioética. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

Após aprovação em um concurso público para professora primária, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973 e, já lecionando, iniciou a graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a qual concluiu apenas no ano de 1989, mesmo ano que falecera seu marido Osvaldo, após interrupção de alguns anos durante o curso, decorrente do problema de saúde que acometeu sua filha ao nascer, no ano de 1980. Tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (P.U.C.-Rio), com a dissertação *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade* (1996), e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011). Lecionou em duas universidades do Rio de Janeiro, uma na Bahia, uma no Uruguai e na Universidade Federal de Minas Gerais, sua terra natal (Rocha, 2025).

Iniciou sua carreira literária como escritora depois dos quarenta anos de idade, ao publicar na série *Cadernos Negros*, na década de 1990, contos e poemas. A partir de então, passou a publicar não somente estes dois gêneros, como também se enveredou pelas publicações de romances, dos quais publicou o primeiro, *Ponciá Vicêncio* (2003), pela Editora Mazza, exclusivamente com recursos próprios e que lhe acarretou sérios problemas financeiros. A obra já havia sido escrita dez anos antes de sua primeira publicação; infelizmente a realidade do mundo editorial limita o acesso em massa a obras de grande importância e repercussão como esta.

Com o sucesso do primeiro livro, foi convidada pela mesma editora a publicar seu segundo romance, *Becos da memória* (2006), escrito no final da década de 1980, e, mais uma vez, a delonga entre a criação da obra e sua publicação, o que implica na questão financeira dos autores e na falta de incentivo por parte das editoras. Fato que Evaristo afirma ser um entrave no processo de escrita, juntamente com a falta de valorização e de espaço para autoras negras no mercado editorial, um ambiente de domínio masculino e que ainda se destaca por manter uma preferência que não inclui a diversidade étnica e social. “Por isso, Conceição considera que a escrita e a publicação de obras de mulheres negras são um ato político” (Queiroz, 2022, p.52). A respeito do assunto, cita:

O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social (Evaristo, 2017b, p.9).

Ao compreender a subjetividade de sua escrita como um ato político, Conceição denuncia, a certo modo, a importância da publicação para que tal ato se concretize dentro

de sua proposição. Ela enfatiza as desigualdades, tanto étnicas, quanto sociais, que as mulheres enfrentam para se sustentarem e se manterem ativas no mercado literário.

Entre dificuldades, enfrentou a instabilidade do mercado e a oscilação das publicações, afinal “o mercado editorial pode matar ou fazer viver escritoras, a depender do interesse desse mercado” (Queiroz, 2022, p.52). Porém, mesmo com todas as adversidades, Evaristo se tornou uma das escritoras negras brasileiras mais importantes em seu país e fora dele. Com um vasto acervo literário, que mescla publicações de poemas, contos, ensaios, romances, teve algumas de suas obras traduzidas e publicadas em inglês, francês e espanhol, dentre as quais se destaca a obra *Olhos d'água* (2014), que rendeu a autora não só o Prêmio Jabuti, no Brasil em 2015, como também o Prêmio de Obra Poética da Academia Claudine de Tencin, com a versão *Ses yeux d'eau*, na França em 2020¹⁶.

Em 2011, a autora publicou *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, obra de contos que integra o *corpus* de análise desta pesquisa. Cada texto que compõe este livro traz histórias individuais de mulheres negras que, na escrita de Conceição, ganham valores que afirmam a memória coletiva de tantas outras mulheres que, apesar de serem submetidas a uma série de episódios de violências e desumanizações, encontram-se em uma mesma categoria, unidas pelo pertencimento.

E é nesse sentimento de fazer parte de um mesmo grupo que se criam as relações de amores e afetos, que, nos contos da obra mencionada, ficam evidentes pela construção linguística das *escrevivências* da referida autora, como no trecho do conto *Shirley Paixão*: “As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cumpliciada entre nós” (Evaristo, 2024, p.28). No relato de Shirley, o amor que ela sentia pelas filhas, biológicas e de criação, representa a memória de afirmação que acessa a coletividade por serem mulheres, possuírem a mesma etnia e vivenciarem acontecimentos que as unem em resistência.

Com propriedade e técnica discursiva, Conceição Evaristo lança, no ano de 2014, sua segunda obra de contos intitulada *Olhos d'água*, a qual foca na violência urbana e seus desdobramentos em meio à vida cotidiana da população negra brasileira. A autora conta histórias de mulheres que, nesta obra, também são personagens em destaque, denuncia a pobreza, as violências e as desigualdades sociais sofridas pelas personagens,

¹⁶ Book Center Brazil, 2021. Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior. Para mais informações acesse: <https://bookcenterbrazil.wordpress.com/2021/11/08/a-traducao-da-obra-literaria-de-conceicao-evaristo-para-o-frances/>.

que são evidenciadas pelas *interseccionalidades* de raça, gênero e classe e, apesar de todo esse contexto pesado, leva o leitor a um misto de sensações de dores e amores.

Assim, de forma engenhosa e criativa, Conceição Evaristo insere na literatura brasileira um estilo único de escrever a partir de suas impressões e vivências, de considerar os desdobramentos da vida social à sua volta e de resgatar memórias e ensinamentos de suas ancestrais, como relata no poema *De mãe*, presente no livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017a):

[...]

Foi mãe que me fez sentir as flores
amassadas debaixo das pedras;
os corpos vazios rente às calçadas
e me ensinou, insisto, foi ela,
a fazer da palavra artifício
arte e ofício do meu canto,
da minha fala
(Evaristo, 2017a, p.80).

Na construção desses versos é possível perceber a habilidade com que Conceição Evaristo versa por entre as temáticas que movimentam as tramas e enrobustecem os seus textos. No reconhecimento do aprendizado de Dona Joana, exprime com entusiasmo tanto o gesto singelo de “sentir as flores”, quanto a rigidez e complexidade de sentir a realidade dos “corpos vazios”, que na minha mera interpretação remetem a corpos sem vida, e finaliza a estrofe com destreza ao articular as palavras e seus sentidos em um jogo de trocadilhos que se mostra construtivo no texto literário e de grande riqueza linguística. O referido poema é também referência para o tema *maternagem*, que a autora comumente aborda em suas produções literárias – muitas obras de Conceição possuem a figura materna como protagonista ou eixo indispensável aos entrelaçamentos das narrativas.

É com a riqueza literária de articular temas e histórias que carregam, em suas linhas, as emoções e os afetos inerentes à mulher negra que Evaristo introduz, na sua escrita, o conceito de *escrevivência*, que criou a partir da percepção de suas próprias vivências e vigilância das de outras mulheres que diferem das suas, mas que, de alguma forma, se aproximam mediante as intersecções que as atravessam e as inserem em um coletivo.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 30).

Consoante a afirmação de Duarte e Nunes (2020), torna-se implícita a ideia da não subserviência, da não disposição de sujeitar-se à branquitude¹⁷, que, na fala da autora, é representada pela “casa-grande” e, então, impor, com a nossa escrita/vivência negra, o incômodo de nossas existências, enquanto corpo/intelecto, que fere o sono daqueles que, sob a alcinha da injustiça, tentam deslegitimar a nossa condição humana.

E é nesse movimento de resistir às investidas recorrentes de desumanização da branquitude que Conceição Evaristo, através de um ato de amor por si mesma e pelos seus, firma a sua *escrevivência* e polariza o lugar do interdito, habitualmente imposto pelo despotismo dos que se consideram superiores e o modelo étnico de civilização humana.

Em consonância com o posicionamento de Conceição, parafraseio o título de um dos seus contos, que, em resistência e afetada pelo amor e minhas subjetividades, reafirmo que nós, povo negro, “combinamos de não morrer”¹⁸, já que o projeto político eurocêntrico, que vai de contra a proposta desta pesquisa, é o de nos matar.

A segunda autora trabalhada nesta pesquisa é a ativista porto-riquenha Yolanda Arroyo Pizarro, nascida em Guaynabo, em 1970. É professora, militante, *afrolésbica*, poetisa, contista, ensaísta, e se insere no campo literário afro-diaspórico como uma escritora que cria novas epistemologias, novos estilos de pensamentos, a partir do rompimento de estruturas socioculturais hegemônicas, e constrói um modelo próprio de narrativas, nas quais são apresentadas novas palavras ligadas ao termo afro e os seus significados.

É considerada uma das vozes mais importantes da literatura negra contemporânea do Caribe e quase toda a América Latina. Sua intelectualidade lhe garantiu uma vasta produção literária, valorização acadêmica e destaque no campo social, devido sua

¹⁷ “Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (Bento, 2022, p.18.).

¹⁸ “A gente combinamos de não morrer” é o título original penúltimo conto que compõem a obra Olhos d’água (2014).

participação assídua em movimentos sociais e de direitos humanos. A saber, suas obras circulam por muitos países de diversos continentes: Porto Rico, México, Equador, Guatemala, Gana, Colômbia, Venezuela, Chile, Bolívia, Argentina, Brasil, Panamá, Espanha, França, Dinamarca, Reino Unido, entre outros (Sales, 2022).

A trajetória literária de Pizarro iniciou na década de 1989, quando venceu um concurso interno na Universidade Central de Bayamón, que foi o incentivo para que a escritora começasse a publicar os seus livros de contos e romances. Publicou seu primeiro livro de contos, *Origami de Letras* (2004), e seu primeiro romance, *Los documentados* (2005), o qual aborda o movimento de migração na região do Caribe e, neste mesmo ano, publicou ainda o livro *Los coleccionistas de latidos* (Sales, 2021).

Em 2007, publicou o livro *Ojos de luna*, pela Terranova Editores, uma obra de contos, dos quais a maioria de seus personagens são femininos, uma característica recorrente na escrita da autora. A obra foi selecionada como o livro do ano pelo jornal *El nuevo día* e Yolanda foi eleita, em Bogotá, uma das escritoras latinoamericanas mais importantes do cenário literário caribenho. Com prolífica publicação entre os mais variados gêneros textuais, publicou ainda *Historias para morderte los labios* (2009), pela Editorial Pasadizo; *Medialengua: moitié langue, petits poèmes et des histoires* (2010), pela CreateSpace Independent Publishing Platform; *Las ballenas grises* (2012), pela Fuga Editorial; *Lesbofilias* (2014) e *Las Negras* (2016), ambas pela Editora Educación Emergente; *Transcribeñx* (2017), pela Editorial Egales, e, no mesmo ano, lançou *Saeta* (2017), novamente pela CreateSpace Independent Publishing Platform, e *Negras* (2023), pela Sundial House.¹⁹

Arroyo Pizarro teve uma infância marcada pelo abandono materno, fato que a autora diz influenciar a sua escrita e revela em uma entrevista: “Minha literatura é nutrida, sem querer ou querendo, por esse abandono”²⁰ (Tradução minha). Em contrapartida, cresceu com o pai e os irmãos e tem em sua avó a referência da figura feminina que representa a importância da presença materna na vida de uma criança. E, ainda, reconhece o poder ancestral das matriarcas que antecederam a sua geração.

Eu ressuscito as Ancestrais. As convoco de um multiverso Ubuntu, para que nos ensinem o caminho decolonial, afrofeminista e antipatriarcal. Sou a Ressuscitadora das minhas tataravós, Miguelina, Gregoria e Petronila, mulheres matriarcas, bruxas fitoterápicas e parteiras. Elas vivem no canto

¹⁹ Hablemos escritoras. Yolanda Arroyo Pizarro. Para mais informações acesse: <https://www.hablemosescritoras.com/books/2984>.

²⁰ PIZARRO, Yolanda Arroyo. La piel negra que transgrede. Entrevista concedida a David Caleb Acevedo. Em Label Me Latina/o Fall 2012 Volume II.

ancestral do meu ser, e eu as convoco para que suas vozes, sabedoria e força voltem a ser corpóreas em meu caminho (Pizarro, 2023, tradução minha).²¹

Com esse posicionamento de convocar suas ancestrais, Pizarro confere à literatura caribenha a insurgência de sua escrita, marcada pelos ensinamentos e traços culturais da herança ancestral africana representada pela sua linhagem étnica.

[...] O tema que repito nos meus livros é o da ancestralidade. Eu sinto que a nós (porto-riquenhos) foi tirado o direito de nos sentirmos orgulhos dos ancestrais, mais do que qualquer coisa de nossas antepassadas. Onde estão as mulheres que me formaram? Sou uma mulher forte, mas é porque herdei isso das avós e tataravós fortes. Onde estão essas pessoas? Essa ausência me dá coragem, me move à reclamação, de querer escrever para que aqueles que sofrem das mesmas preocupações tenham voz²² (Sales, 2021, tradução minha).

Em muitos dos livros da porto-riquenha, a ancestralidade é marca literária; está comumente entrelaçada às tramas dos romances fictícios, embora possuam bases e características realistas, e aos versos dos poemas, cuidadosamente construídos com recursos poéticos que resgatam suas origens, enquanto mulher, negra e lésbica. No trecho acima, em entrevista, a escritora indaga a presença dessas predecessoras afrodescendentes, com suas sabedorias e heranças culturais, em retórica de saber onde as mesmas se encontram; destaca suas importâncias na representação literária da negritude caribenha e confirma o caráter distintivo da escrita de Yolanda Arroyo, que, através do seu grifo, transcende a forma do seu fazer literário.

Durante o processo de pesquisas e construção da dissertação, percebi e trago para discussão a utilização de novas palavras utilizadas por Yolanda, não só em suas obras, mas também em seus discursos. Como um ato político, surgem ferramentas de resistência na escrita da autora, que assume tal posicionamento, através das mesmas, de forma ativa, com o intuito de promover uma política que atinge de maneira benéfica a tudo e a todos que descendem de África e são representados pelo prefixo afro, o que, na minha opinião, representa e caracteriza sua identidade literária.

Termos como *afrofeminista*, *afroempoderamiento*, *afroreparación*, *afroguerreras*, *afroamor*, e muitas outros, são palavras que a autora caribenha discorre em vários textos que compõem o livro *Afrofeministamente* (2020), selecionado como *corpus* de análise deste trabalho. Ao criar palavras com o referido prefixo, Pizarro assume uma postura politizada pelo termo afro, quando propõe uma conscientização, um reconhecimento da

²¹ Para mais informações acesse: <https://narrativadeyolanda.blogspot.com>). Acesso em 28/05/2025.

²² Trecho de uma entrevista concedida por Yolanda Pizarro a Gabriela Ortiz Díaz Para Fundación Nacional para la Cultura Popular e publicada no blog da escritora *Boreales...*

importância da palavra ligada ao afro, sem hífen para não indicar possibilidade de separação – acresce no significado de cada uma delas a característica advinda de África. A exemplo, ao citar *afroresistencia*, se reporta à resistência negra, à forma como os negros praticam a ação de resistir às inúmeras opressões impostas aos afrodescendentes, o que difere da resistência exercida por outra etnia.

Com a utilização das novas palavras, como pertencentes à sua especificidade étnica, Yolanda Arroyo rompe com paradigmas coloniais que insistem em subjugar a descendência negra. Sua escrita transgressora é a ferramenta que se opõe a hegemonia patriarcal, caminho pelo qual acredita alcançar um *afrofuturo*, um lugar de destino para a etnia negra construído pela crença nas ancestrais, na sabedoria que as mesmas carregam e no amor que resiste à imposição das violências sofridas pelo povo negro.

Eu revivo Ancestrais. Nesta jornada tecemos o passado, o presente e o futuro num tecido cósmico. Navegamos por universos paralelos, onde as vozes das Ancestrais transcendem o tempo e o espaço, inspirando novas narrativas e visões. Mergulhamos na riqueza dos africanismos, onde palavras como “Sankofa” nos lembram a importância de olhar para trás para avançar com sabedoria e “Ubuntu” nos conecta à essência compartilhada da humanidade. Este manifesto é um compromisso, um apelo à ação. É um reconhecimento da importância de ressuscitar vozes silenciadas e da sabedoria do meu DNA que foi marginalizado. Eu faço os Ancestrais renascermem. Nesta jornada de todas as afro-reparações, inspiradas nas leis da física quântica, na possibilidade das construções dos nossos impérios, das nossas sociedades, das nossas dignidades, entendemos que ações e palavras podem se entrelaçar em estado de superposição, transformando a realidade. Como partículas quânticas, somos capazes de influenciar múltiplos ambientes ao mesmo tempo e, ao observar as nossas histórias, colapsamos as possibilidades numa nova narrativa de poder e libertação (Pizarro, 2023, tradução minha).²³

Neste trecho do *Manifesto afrofuturista para resucitar Ancestras*, escrito por Yolanda em seu blog Boreales, em 2023, fica evidente como foi construída a unicidade da escrita da porto-riquenha. Ao se referir aos africanismos e utilizar palavras de origem africana como assertiva para o seu discurso, comprova a sua intenção de criar palavras que os significados remetem a uma elevação da negritude, assim como os termos *Sankofa* e *Ubuntu* que inspiram ensinamentos da filosofia africana. Dessa forma, a autora demarca o seu fazer literário através da política de inserção do afro em seu discurso linguístico. E, com o propósito de oportunizar vozes que foram silenciadas e marginalizadas pelo sistema colonial europeu, insere na literatura a insurgência do povo negro na diáspora, oferecendo a sua escrita como ferramenta de luta e resistência.

²³ Para mais informações acesse: <https://narrativadeyolanda.blogspot.com>. Acesso em 28/05/2025

2 AMORES E AFETOS: A RESISTÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

Neste segundo capítulo é abordado não somente questões relacionadas aos amores e afetos e suas relações, mas também a resistência como ferramenta pela qual se compreende sujeito e se constrói as memórias. Diante desse contexto, revivo a lembrança de ter nascido em uma família simples e honrosa, que resistiu às dificuldades e se criou sob o respeito e o afeto. Cresci na companhia de três irmãos e um meio-irmão, ouvindo quase diariamente a seguinte frase: “o mundo pertence a quem estuda e a ninguém mais”, na voz de sabedoria do meu pai.

Minha mãe, Dona Sirene²⁴, mulher parda de pele clara, viveu com meu pai, Seu Gileno²⁵, um homem negro, quarenta e três anos de uma vida partilhada entre algumas dores, devido perdas dos seus, mas grande parte entre muitos amores. Professora do magistério, também formada em contabilidade, construiu uma família de bons valores em união com o funcionário público federal da extinta SUCAM²⁶, que estudou apenas até a terceira série do primário, mas que devido sua garra e força de vontade superou obstáculos e concluiu sozinho sua alfabetização, o que lhe proporcionou trocar o trabalho braçal de quebrar pedras de sal na salina por um emprego concursado.

Com uma sabedoria construída no hábito da leitura, não havia um único dia que ao me levantar para trabalhar não encontrasse Seu Gileno com um livro ou uma revista na mão, investiu ao máximo, cada centavo do suor do seu trabalho, na educação dos seus cinco filhos. Nós, os filhos mais novos, tivemos melhor chance em concluir todo o ensino básico em escola particular, mas todos tivemos a sorte de usufruir dos cuidados de Dona Sirene, que nessa época já se dedicava à família em tempo integral.

E é com a consciência deste exercício de memória, em relembrar e reconhecer o esforço de minha família de oportunizar a melhor formação para uma vida digna e justa, entre gestos de amor e afeto, que acolho a dor da perda do meu saudoso pai, que, com seus ensinamentos e carinho me tornou mulher forte e astuta.

²⁴ Forma como os conhecidos chamam a minha mãe Sirene dos Santos.

²⁵ Forma como os conhecidos chamam o meu pai Gileno José dos Santos.

²⁶ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, órgão do governo brasileiro criado na década de 1970 para combater endemias como a doença de Chagas, a malária, a esquistossomose e a febre amarela.

“bell hooks argumenta que em algum momento a morte toca todos nós e mesmo quando a dor do luto parece interminável, ser uma pessoa amorosa significa estar aberta ao luto e a dor: ‘A forma em que vivemos o nosso luto é informada pelo fato de conhecermos ou não o amor’” (hooks, 2020, p.230 *apud* Zacarias, 2021, p.28).

Diante do exposto e ao compreender minha condição de mulher negra, enquanto sujeito que pensa e resiste às opressões que a sociedade me impõe, ressignifico a falta da presença física do meu pai acessando a memória do amor que sempre me nutriu. Esta perda me motivou a revisitar, mais uma vez, o amor na minha vida. Seu Gileno, seja pelos momentos de plena alegria, seja pelo momento da perda, através da lembrança me fez conhecer de várias formas o amor.

2.1 Compreender-se sujeito: um exercício de memória

A partir de minhas pesquisas a respeito dos amores e afetos, e suas entrelinhas, percebidos nas relações cotidianas e na literatura, proponho uma reflexão, como em um exercício pelo qual se acessa o passado e relembro aqui o caminho trilhado historicamente pelas mulheres negras. Um trajeto marcado por perdas e isolamentos e a concepção desses amores e afetos ao longo das gerações contrapõem o lugar e a posição que o ocidente as coloca enquanto pessoas afrodescendentes e a forma como as mesmas constroem esses sentimentos e emoções dentro de um contexto histórico-cultural hegemônico.

Na diáspora, a vida cotidiana da linhagem ancestral da mulher negra é exaltada pelas vivências de suas descendentes através de uma posição sociopolítica e cultural que as determinam como pertencentes a um grupo étnico-social identitário. A partir de tal entendimento é proposta a compreensão do pertencimento à categoria de sujeito.

O sujeito negro percorreu um longo caminho, desde a retirada forçada das terras ancestrais (Mãe-África), a travessia do Atlântico, até chegar em territórios ocidentais – essa trilha percorrida por todo o povo negro foi marcada por um rastro de violências, desumanizações e apagamentos. As vivências das mulheres negras não foram construídas com amores e afetos, no ocidente cristão e branco a construção de suas identidades ramificou-se sob a forja do tronco e das correntes, transformando-as em feridas ainda abertas, provocadas pelos tentáculos do racismo estrutural.

Para esclarecer a forma como são concebidas pelas mulheres negras as representações de afetos, em suas relações sociais e suas influências, é necessário apontar argumentos sobre a constituição do indivíduo, a forma como o mesmo se porta e o papel

social que a mulher negra ocupa enquanto ser humano pertencente a esta categoria, considerando um passado histórico marcado pela desumanização e a influência do mesmo em sua vida social.

Como indivíduo, pessoa provida de cidadania e de direitos, a mulher negra sofreu, ao longo de sua existência, com a desumanização, primeiramente enquanto cor, toda a sua linhagem ancestral foi inferiorizada pela pigmentação da pele, fator que, há muito e até os dias atuais, distancia povos durante gerações, a chamada “epidermização da inferioridade”, Fanon (2008). E, em segundo, enquanto corpo, por representar um gênero visto como uma categoria inferior pela camada social hierárquica ocidental, como coloca a socióloga nigeriana Oyèronké Oyewùmí, de que “As mulheres foram excluídas da categoria de cidadãos porque “a posse do pênis” era uma das qualificações para a cidadania” (Oyewùmí, 2021, p.35).

Da mesma maneira, Isildinha Baptista, faz um prognóstico a respeito da desumanização e do “lugar do negro na sociedade”, em sua obra *A cor do Inconsciente: Significações do Corpo Negro* (2021): “O negro não era persona. Não era um cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravizado, não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito. Assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar indivíduo” (Nogueira, 2021, p.56). Esse argumento da psicanalista justifica a dificuldade de construção de uma identidade social que represente, no caso dessa investigação, a mulher negra, como um indivíduo social portador de direitos e de cidadania, já que a sociedade a inferioriza e a desconsidera como sujeito intelectual e que performa amor na construção única do ocidente cristão e branco.

É o processo de colonização o responsável pela inferiorização social do negro. Desde a invasão europeia às terras brasileiras, existe uma hegemonização social sobre a descendência da miscigenação entre europeus, africanos e indígenas, onde se criou uma superioridade dos europeus que, na condição de colonizadores, tomaram uma posição de dominação hierárquica. Diante disso, as representações históricas a respeito da figura do negro, tanto na literatura quanto nos meios midiáticos, moldaram-se no imagético da sociedade de maneira efetivamente negativa, o que reforça a ideia do inconsciente social que exclui o negro da condição humana de indivíduo.

Ainda como contribuição, é relevante evidenciar a colocação da nigeriana Oyewùmí (2021), pesquisadora dos estudos de gênero, a respeito de uma contradição da teoria feminista de que “o gênero é socialmente construído e que a subordinação das mulheres é universal”, com a intensão de esclarecer a natureza da inferiorização da

mulher no ocidente. A concepção da socióloga é baseada a partir de referenciais africanos, no qual é utilizada como base a cultura iorubá, mostrando então que o papel social que a mulher ocupa não pode ter uma atribuição de caráter universal, uma vez que a influência cultural de cada povo é um fator determinante em qualquer sociedade.

Assim, é importante pensar que há sempre influência da cultura de origem na vida social do indivíduo, o que acaba por determinar a dificuldade da mulher negra, que vive na diáspora, de ser vista como indivíduo, como cidadã, por ter tido usurpada a sua cultura e ter sido influenciada pela imposição dos costumes europeus, que a desvaloriza, e por séculos não permitiu a disseminação da cultura africana no ocidente branco-cêntrico dominado pelo cristianismo.

É a partir dessa influência cultural que destaco a forma como as mulheres negras resgatam costumes e tradições dos seus ancestrais e reescrevem, tanto as autoras quanto as personagens das obras selecionadas, suas próprias histórias, ao romper o discurso hegemônico de uma narrativa única. Reconhecem a importância de integrarem a categoria de sujeito e, através da resistência, inscrevem na literatura um discurso social construído a partir de suas acepções e constroem memórias pautadas em suas origens, nas quais os amores e os afetos as mantem em “quilombo”, unidas ao longo da história.

2.2 Elos de afetos e resistências em Insubmissas Lágrimas de Mulheres

Esta obra de contos, publicada pela primeira vez em 2011, pela editora Nandyala, entre outras edições, é a sétima edição, publicada no ano de 2024, pela editora Malê – usada como *corpus* nesta pesquisa. Muitas histórias compõem essa coletânea de textos em prosa e, com habilidade literária, a autora brasileira Conceição Evaristo relata histórias contadas por mulheres negras, através de entrevistas que, em verdade, eram visitas a desconhecidas que mais pareciam ser amigas de longa data.

Em processo de análises dos contos, é percebido como a autora usa de suas *escrevivências* e redige algumas experiências da vida cotidiana narradas pelas próprias personagens. Ao escrever sobre a realidade da vida urbana, Evaristo, ora segue fielmente os acontecimentos, ora permite deleitar-se na engenhosidade da invenção. Sem grandes interferências, a autora consegue reunir histórias de mulheres bem distintas, mas que se assemelham no intangível, a solidariedade que as unem em comunhão.

A produção *evaristiniana*²⁷ expõe a condição da mulher negra, considerando a história da sociedade brasileira que sempre ocupa o lugar de subserviência, mas, ao mesmo tempo, denuncia as opressões femininas através de uma literatura insurgente, que se apresenta como ferramenta de resistência.

Às voltas de muitas histórias que reescreve a realidade da vida brasileira, a autora Conceição Evaristo retrata, através de suas personagens, um protagonismo único, trazendo em evidência mulheres emblemáticas como Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Benedita, Mirtes Aparecida da Luz, Líbia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia. Treze mulheres que intitulam os contos que compõe a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e partilham suas vivências às narrativas ficcionais marcadas pelas violências, mas principalmente pelas relações de amor e afeto que enredam suas trajetórias.

Ao adjetivar, no título da obra, as lágrimas dessas mulheres negras como insubmissas, a autora provoca o leitor a perceber que, diante da grandeza das histórias dessas protagonistas, a insubordinação derramada estampa não só a face das entrevistadas, mas também a de quem as entrevista e, ainda, a de quem percorre as páginas deste livro. Com a característica de suas *escrevivências*, Evaristo evidencia, nessa obra, o acolhimento, a solidariedade entre as mulheres que vertem lágrimas de *dororidade*²⁸. Como afirma Vilma Piedade:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravio nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados (Piedade, 2017, p.18).

As palavras de Vilma Piedade conceituam o estado emocional das personagens da obra de Conceição Evaristo. O machismo surge em quase todos contos, todas as mulheres que protagonizam essas histórias são atravessadas pelas *interseccionalidades* de raça, gênero e classe, apesar do marcador classe não ser significativamente evidenciado nas minhas análises, devido a percepção de que a raça e o gênero são os marcadores que mais problematizam, de maneira incisiva, a história e os destinos das personagens escolhidas dos contos em análise.

²⁷ *Evaristiniana*, são as produções textuais escritas por Conceição Evaristo

²⁸ Conceito criado por Vilma Piedade, ao perceber que a sororidade não dava conta das necessidades das mulheres negras. “Dororidade, vem de Dor, palavra-sofrimento. Seja Físico. Moral. Emocional. Mas qual o significado da dor? Aqui tá no conceito.”

Consoante a isso, “O marcador gênero evidencia as marcas do patriarcado e para denunciá-las é vital o exercício do lugar de fala na escrita. Porém, os atravessamentos das *interseccionalidades* de raça, gênero e classe fez com que o grupo feminino fosse o mais atingido pela desigualdade na literatura” (Rocha, 2025, p. 28). E, diante disso, a dor causada por esses marcadores sociais, é o ponto no qual essas mulheres se encontram e tem oportunizadas suas vozes, que falam de um lugar de memórias e, apesar do sofrimento, cria um elo de comunhão e partilha dos amores e afetos.

E é na prática deste exercício que Evaristo insere, na sua escrita literária, o seu lugar de fala:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas os de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto da minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as minhas histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o conhecimento e narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais fosso. Entretanto, afirma que, ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (Evaristo, 2024, não paginado).

Este texto inicia como uma abertura, na primeira página da sétima edição de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, usada aqui como objeto de análise. De maneira ensaística, mostra pelas palavras de Conceição Evaristo a poética presente em seu grifo, mesmo em prosa, um recurso literário recorrente na sua escrita, que dá distinção ao seu texto e instiga um desejo de leitura.

Instigada pelo reverberar da escrita de Conceição, ponho em foco a palavra *insubmissão*, que pode ser lida como indisciplina ou rebeldia, a qual a autora faz referência a não aceitação das lágrimas, ou desobediência, citadas no título da obra, que inspiram essas mulheres a partilharem suas histórias dolorosas de invasão e desrespeito sob a incidência das opressões contra, não só, os seus corpos, mas às suas histórias, seus posicionamentos e valores. O ato de oposição à submissão e subalternidade que o sistema hegemônico impõe às mulheres negras é um movimento revolucionário de resistência.

Dos treze contos que compõem essa produção literária, selecionei o conto *Shirley Paixão*, que conta um episódio fatídico na vida de uma mulher que, em nome do amor pelas suas filhas, quase tornou-se uma assassina, selecionei-o devido à força da união das

mulheres que formam essa história e que demonstram, mesmo com o sofrimento, os afetos que as unem em família. O outro conto escolhido, *Isaltina Campo Belo*, relata a história de uma mulher que assim se descobriu já na fase adulta, após crescer se entendendo menino durante quase toda sua vida, e o escolhi porque percebi a grandeza de sua história, devido à forma afetuosa que a personagem acolhe seu destino através da resistência. Ambos os contos são marcados por violências, traumas e desumanizações das personagens, mas são os afetos que engrandecem esta obra de Evaristo.

O conto *Shirley Paixão* inicia com um relato de tentativa de homicídio:

Foi assim – me contou Shirley Paixão – quando vi caído o corpo ensanguentado daquele que tinha sido meu homem, nenhuma compaixão tive. E, se não fosse uma vizinha, eu continuaria o meu insano ato. Queria matá-lo, queria acabar com aquele malacafento, mas ele é tão ruim que não morreu! Não adianta me perguntar se me arrependi. Arrependi não (Evaristo, 2024, p. 27).

Com um depoimento franco e direto, Shirley revela para Conceição Evaristo até que ponto foi necessário chegar a sua história para que suas lágrimas fossem de fato insubmissas. Lágrimas que rolaram pelo seu rosto, diante da monstruosidade da cena que presenciou e foi incumbida de interromper. O ato de Shirley, apesar de violento, foi concretizado de maneira instintiva e em nome do amor. Afinal, ela nutria um verdadeiro amor materno por todas as suas filhas.

Havia anos que estávamos juntos. Quando ele veio para minha casa, trouxe as três meninas. Elas eram ainda pequenas, as minhas duas regulavam idade com as dele. As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos. E, logo-logo, selaram irmandade entre elas. Pessoas desconhecidas, não sabedoras de nossa vida, nem imaginavam que o parentesco entre elas não tivesse o laço sanguíneo, pois fisicamente se assemelhavam (Evaristo, 2024, p. 27).

A união de Shirley Paixão e seu cônjuge, que levou consigo suas três filhas, órfãs de mãe, para juntar-se às duas filhas dela, abandonadas pelo pai, tornou-se um encontro de irmandade feminina, uma verdadeira aliança onde todas, mulher e meninas, firmam um compromisso entre elas, de se amarem e se protegerem incondicionalmente – o que Conceição Evaristo chamou de “Uma confraria de mulheres” (Evaristo, 2024, p.28).

Conceição Evaristo, com sua eloquência, elabora este conto com a presença marcante da violência, e ao mesmo tempo com demonstrações de afeto em seu entorno. “As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cúmplice entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo” (Evaristo, 2024, p.27). Shirley Paixão nutria um amor verdadeiro pelas suas filhas, independentemente de serem biológicas ou não. Os elos de afetos são evidenciados neste trecho pela presença recorrente do pronome “minha”, que a

protagonista repete com voracidade para mostrar, não a posse que a palavra em sua classe gramatical expressa, mas a proximidade, a ação de proximidade que o amor anseia.

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Nos primeiros tempos de nosso convívio, era mais caladinha ainda. Respeitei sua pouca fala, imaginei saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe. Ao pai, faltava paciência, vivia implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. Eu percebendo a dificuldade da relação dele com a menina, procurei ampará-la, abrigá-la mais e mais em mim (Evaristo, 2024, p. 28-29).

É possível notar como os afetos estão representados neste conto, os gestos de amor e carinho que ecoam das falas da mãe dão o tom afetuosos ao texto, mesmo sob a sombra da violência. Shirley se refere a Seni de maneira doce e é declaradamente amorosa com a menina. Em sua concepção, o luto pela mãe morta era o que a deixava muito calada, a maior parte do tempo completamente inaudível. E talvez o fosse, hooks (2021, p. 184) argumenta sobre o luto ser implacável quando não se tem noção da perda como uma realidade. Seni ainda era uma criança quando passou pela experiência da separação, a perda da mãe, então não teria ideia de que o luto, segundo bell hooks, pode servir de consolo e causar alívio. Porém, a implicância, relatada pela mãe, que o pai mantém com a menina, é algo intrigante e de certa estranheza.

Sempre de pouca conversa, mas de um desmedido amor para quem convivesse com ela. Na escola, tinha também um comportamento exemplar. Suas notas estavam sempre acima da média. Certa vez, uma de suas professoras me chamou, para saber se, em casa, éramos severos com ela. Ela observara que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande. Expliquei para a moça que não. Que o pai implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia. Quando se dirigia à menina era sempre para desvalorizá-la, constantemente com palavras de deboche, apesar da minha insistência em apontar o modo cruel com que ele tratava a filha. E que, de minha parte, eu fazia tudo para aliviá-la das exigências que ela mesma se impunha (Evaristo, 2024, p. 29-30).

Evaristo deixa evidente nesse trecho a violência psicológica que atormenta a filha mais velha de Shirley. A autocobrança desmesurada era consequência de algum trauma, de algo que fazia Seni querer se punir, ao exigir de si mesma a perfeição. E pelos relatos da mãe, é possível perceber que o pai era o responsável pelos medos retraídos da menina. Quando se refere a forma com que o mesmo tratava a garota, usa a palavra “cruel”. E como poderia alguém tão próximo, o genitor, agir de maneira tão maldosa com a própria filha? Qual o real motivo dessa crueldade?

Quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investiu contra ela, porque eu estava por perto. Seni entrou em pânico. Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse

enfiar o corpo dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim. A sensação que tive foi como se ela tivesse regredido no tempo. Não era uma mocinha de doze anos que chorava e sim uma menininha desesperada, pedindo socorro. Encarei o homem, que ainda era meu marido. Ele olhava de modo estranho para filha. Temi por ela e por mim (Evaristo, 2024, p. 30).

A reação violenta do pai denuncia a culpa pelos temores da menina. Ao saber que as pessoas poderiam descobrir algo que afligia sua filha, e que ele era o responsável por tal aflição, o homem entra em surto e reage da pior maneira. Não consegue sucesso em seu intento por que Shirley intervém: “Gritei, com raiva, para que ele saísse da sala e me deixasse com Seni, ...” (Evaristo, 2024, p.30). Porém, na sequência, mais uma vez o amor se faz presente em meio à violência: “Abracei minha menina de doze anos. A que eu não tinha parido, mas que eu tinha certeza ser ela também minha filha. Por ela e pelas outras eu morreria ou mataria se preciso fosse” (Evaristo, 2024 p. 31). E através do afeto, Shirley Paixão demonstra a força do amor materno ao acessar essa memória.

Evaristo nos faz perceber o deslocamento da memória, que Bento (2022) cita não se tratar somente de uma lembrança e que memória é simbolicamente uma construção em nome do coletivo. Shirley não relata apenas uma recordação, ela verbaliza, através da resistência que ela e suas filhas, como em um quilombo, precisaram possuir coragem e determinação para sobreviverem, resistirem às violências e, assim, ressignificarem esse lugar de memórias e transformarem a dor em amor.

No referido trecho, Shirley diz que Seni ao entrar em pânico devido as ações do pai violento, pedia por socorro, era porque ela já previa o que aconteceria em seguida. As investidas daquele malfeitor eram cada vez mais corriqueiras, de nenhuma maneira ele se intimidava.

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava furioso – afirma Shirley, chorando – que Seni, para sua salvação, fez do medo, do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos (Evaristo, 2024, p. 31).

Conceição expõe o clímax do conto em detalhes, como característica recursiva de suas narrativas. Evidencia a ira que possuíra aquele homem diante da intenção de cometer mais uma vez os seus atos abusivos, ele não se preocupou em esconder suas ações e de forma bárbara submeteu todas as filhas a momentos de angústia e dor: “As irmãs acordaram apavoradas engrossando a gritaria e o pedido de socorro” (Evaristo, 2024, p.31), mas nada fazia parar o algoz em desatino:

E avançou sobre Seni, gritando, xingando os maiores impropérios, rasgando suas vestes e expondo à nudez aquele corpo ainda meio-menina, violentado diversas vezes por ele, desde quando a mãe dela falecera. Nesse momento eu já estava alcançando o quarto das meninas, no andar superior. E não conseguia atinar como alguém, que não tivesse a chave, pudesse ter entrado na casa. [...] Foi quando assisti a cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz. Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! (Evaristo, 2024, p. 32).

Diante desta cena, apresento o argumento de hooks (2021) de que, onde há abuso, não pode existir amor. Ao detalhar a forma imprópria que o pai impõe ao corpo-menina da filha, Evaristo corrobora, através de sua literatura, com a colocação da ativista americana de que “o abuso enfraquece irreparavelmente os laços” hooks (2021, p. 135). Aquele homem nunca expressou amor pela sua filha, nunca esboçou um gesto de carinho, conseqüentemente, nesta relação pai e filha, nunca houve amor, o laço familiar que poderia existir entre eles foi rompido pelo descontrole do abuso paterno.

Shirley presencia aquela cena de pedofilia sem acreditar que a capacidade da maldade humana poderia chegar àquele ponto. Tamanho era o seu estado de indignação que, mesmo desorientada e acreditando que a “vida” não teria mais “sentido”, só pensava em salvar a sua filha do ato monstruoso do pai.

Na concepção de hooks (2021, p. 136), é possível mudar a rota dos nossos destinos, “na realidade, quando amamos corretamente, sabemos que a resposta saudável e amorosa à crueldade e ao abuso é nos retirarmos do caminho dos danos”. A forma que Shirley Paixão encontrou para retirar do caminho de sua família aquele que lhes causavam o maior dos danos, foi usar uma “barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela” (Evaristo, 2024, p.32).

Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão. Na metade do segundo movimento, alguém me segurou – uma vizinha. Outras e outras pessoas chegaram, despertadas pelos gritos. [...] Só quando vi o maldito estendido no chão, foi que corri para proteger Seni, e a sensação que experimentei foi a de que pegava um bebê estrangulado no meu colo. Naquele momento de total incompreensão diante da vida, eu não sabia o que dizer para Seni. Somente a embrulhei no lençol e fiquei com ela no colo, chorávamos. Ela, as irmãs e eu (Evaristo, 2024, p. 33).

Shirley reagiu a toda aquela violência da forma que lhe foi possível. Os elos de afetos que existem entre ela e as filhas a manteve lúcida diante de toda a barbaridade que acabara de acontecer. E foi pelo amor às filhas e para salvar-lhes às vidas que cometeu a tentativa de homicídio. “Não tinha outro jeito. Era um homem alto e forte. Só um golpe

bem dado poderia conter a força bruta dele. Fiquei três anos presa, depois ganhei a condicional” (Evaristo, 2024, p. 34).

Consciente do seu ato, Shirley Paixão pagou sua dívida com a justiça, cumpriu a sua “meia-morte”, viveu algum tempo privada de gozar a companhia das suas filhas. Algum tempo depois, teve a oportunidade de usufruir do convívio delas e dos netos:

Das meninas, três já me deram netos, estão felizes. Seni e a mais nova continuam morando comigo. A nossa irmandade, a confraria de mulheres, é agora fortalecida por uma geração de meninas netas que desponta. Seni continua buscando formas de suplantar as dores do passado. Creio que, ao longo do tempo, vem conseguindo. Entretanto, aprofunda a cada dia, o seu dom de proteger e de cuidar da vida das pessoas. É uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria (Evaristo, 2024, p. 34).

Evaristo finaliza o conto com leveza, oportuniza à personagem, que sofre o abuso, ressignificar a violência sofrida em amor e cuidado. A “geografia dos afetos” (Duarte; Nunes, 2020) segundo a autora, é o caminho que se percorre rumo aos afetos. A medicina representa essa geografia para Seni, através da resistência e dos elos de afetos da mãe e das irmãs, se tornou uma médica pediátrica e dedica sua vida a arte do cuidar.

Em síntese, o conto *Shirley Paixão* apresenta uma história marcada pela violência, a pedofilia, o estupro e os terrores psicológicos, caracterizam um quadro de horror, mas é no traço do afeto e do amor que a resistência das personagens constrói essa memória, relatada a Conceição Evaristo de maneira franca e orgulhosa. Segundo bell hooks (2024) “o amor dá significado à vida”.

O segundo conto investigado segue a mesma perspectiva de análise.

No conto *Isaltina Campo Belo* os afetos se apresentam já no decorrer das primeiras linhas:

Isaltina Campo Belo me recebeu com um sorriso de boas-vindas acompanhado de um longo e apertado abraço. Depois desse gesto meio sem graça, me pediu desculpas dizendo que estava se sentindo tão honrada com a minha presença, e por isso tinha cometido aquela desmesurada audácia. Não me importei – disse eu – aliás, me importei sim – gostei tanto que espero a repetição desse abraço na saída. E soltamos uma boa gargalhada, como se fôssemos antigas e íntimas companheiras. A sonoridade de nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivos de gargalhar e creio que a ela também. E foi tudo tão espontâneo, que me recordei de algo que li um dia sobre o porquê de as mulheres negras sorrirem tanto. Embora o texto fosse um ensaio, lá estavam Isaltina e eu, como personagens do escrito, no momento em que vivíamos a nossa gargalhada nascida daquele franco afago (Evaristo, 2024, p.55).

É com essa aproximação, como um personagem de dentro da história, que Conceição Evaristo constrói os elos narrativos e transcende sua escrita ao humanizar em gestos e detalhes as ações das suas personagens. No trecho acima fica evidente a forma de construção desta obra insurgente, a qual foi elaborada a partir de visitas da autora a

algumas mulheres, na busca de colher suas histórias anônimas e dar-lhes conhecimento através do seu traço literário. Ao citar que pareciam “antigas companheiras” e, em seguida, que se recordou de ter lido a respeito “de as mulheres negras sorrirem tanto”, comprova a forma como os afetos estão representados em sua obra de forma tocante e precisa, e de como funcionam como uma acolhida à mulher negra.

A escrita de Conceição lembra-me a forma do dizer da autora Chiziane (2013), quando se refere ao que a levou a escrever o seu primeiro livro:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (Chiziane, 2013, p. 202-203).

A autora moçambicana relata o que lhe impeliu a escrever quando perturbada pelo incômodo de não poder dizer o que pensava e desejava ao acessar suas memórias em busca de um erro-mulher sem sucesso, e o encontro era de um vazio que foi preenchido pela coragem da escrita, de verbalizar no campo dos afetos femininos e escrever o que se deseja, da forma que se deseja. E assim, tal qual Chiziane (2013), é a escrita de Conceição, na obra *Insubmissas*, que oportuniza a escrita ao desejo de mulheres que oralizam o que pensam e o que sentem, contam suas histórias praticando o exercício da memória. E dessa forma, possibilitou a personagem Isaltina, contar-lhe a sua história:

Desde menina – assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos – eu me sentia diferente. Nascida após um menino e uma menina, tive uma infância sem muitas dificuldades. Meu pai trabalhava como pequeno funcionário da prefeitura e minha mãe como enfermeira do grande hospital público da cidade. [...] Éramos muito conhecidos e bem aceitos. Nossa família, desde os avós maternos de minha mãe, já se encontrava estabelecida na cidade. Eles tinham chegado ali como negros livres, nos meados do século dezenove, com uma parca economia. Minha mãe, orgulhosamente, sempre nos contava a luta de seus antecedentes pela compra da carta de alforria. [...] Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia um menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados (Evaristo, 2024, p. 56-57).

Este trecho traz a evidência da natureza do problema que encadeia os conflitos deste conto. Apesar da boa vivência com a sua família, bem assistida e afetuosa, o não reconhecimento, por parte de Isaltina Campo Belo, do seu sexo de nascimento criou uma enorme confusão em sua mente que de maneira desesperada ansiava para que as pessoas à sua volta percebessem o erro, porque naquela época tinha convicção que ela não era

uma menina. Neste contexto, ao acessar os “fios da lembrança” da infância de Campo Belo, Evaristo redige o que Martins (1997) chama de “grafias da oralidade”, relata a história contada por sua entrevistada e lhe oportuniza o direito de voz e valorização da sua história através do afeto da escuta.

Entre dúvidas sobre sua real condição de menina e o desespero de que se concretizasse o seu desejo de ser menino, Isaltina cresceu rodeada dos afetos que uma boa vivência familiar pode oferecer. Das brincadeiras infantis com os irmãos à descoberta das especificidades femininas: “Antes dos meus onze anos, uma noite sem qualquer sinal do que estava para acontecer, sem dor alguma, quem verteu sangue foi eu. Não senti prazer ou desprazer algum. Tanto eu quanto minha irmã já estávamos mais sabidinhas” (Evaristo, 2024, 61).

Na vida cotidiana tudo parecia acontecer dentro da normalidade dos acontecimentos que envolvem uma família, na cabeça de Isaltina muitas coisas já haviam sido compreendidas, mas o problema em questão eram as irregularidades dos seus desejos.

Em pouco tempo, sem que a mamãe-enfermeira soubesse, descobrimos, na rua e nos livros, tudo sobre o corpo da mulher e do homem. Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. Lembro-me de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via e sentia o meu corpo parecer com o da minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão. Eu já sabia que a história do sangue mensal era nossa, isto é, de mulheres. Sabia também que só o corpo da mulher podia guardar dentro dele um bebê. Eu via o meu corpo menina, muitas vezes, gostava de me contemplar. O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, dolorosamente tudo mudou (Evaristo, 2024, p. 61-62).

Nesta passagem do conto, o misto de emoções que perpassa a mente e o corpo de Campo Belo demonstra a confusa fase da adolescência, na qual tudo é incerto e sempre se tem algo a descobrir. É evidente que ela confundia a noção de acreditar que era um menino devido os desejos que sentia diferirem dos de outras meninas. Mas na realidade, quando ela cita que gostava de contemplar o próprio corpo, um gesto de auto afeto, fica claro que o fato de ser menina não era o problema, a questão era os anseios dos seus gostos e arrebatos.

Em meio aos conflitos, Conceição consegue expor situações dolorosas de uma maneira sutil. A forma como constrói as frases que compõem os parágrafos é

característica do seu traço forte e preciso e, ao mesmo tempo, sensível, como é possível notar no trecho acima quando a personagem relata a violência de “crescer contida”, da introspecção dos seus desejos e precisar fugir de si mesma e logo em seguida abrandar o peso da cena em um gesto afetuosamente ao citar a frase: “imaginava doces meninas sempre ao meu lado” (Evaristo, 2024, p.62). Este recurso literário é uma demonstração de afeto, pelo qual a autora consegue provocar deslocamentos em suas obras e, tocar o leitor, o induzir a acessar o íntimo dos seus sentimentos.

Campo Belo já contava com seus vinte e poucos anos quando decidiu mudar de cidade e morar sozinha. O que parecia determinação e prospecção profissional, era na realidade mais uma fuga, “sem nada para contar, pois nada eu tinha vivido nesse terreno, estranha no ninho, em que os pares são formados por um homem e uma mulher, resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse. Mas me coubesse sozinha” (Evaristo, 2024, p. 63). Nesta fala, a personagem expõe o marcador gênero, devido sua orientação sexual, pela qual é obrigada a conter seus sentimentos e esconder sua identidade. Impelida para essa fuga, seguiu pra viver longe das indagações indesejadas dos familiares e amigos, mas ainda em confusão com seus sentimentos:

Eu era eu, uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim. Tudo desconhecido, nada experimentado no campo amoroso. Uma fuga que me garantia certa segurança, já que eu não me expunha a ninguém, até que um dia um colega de faculdade disse estar encantado por mim. Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. Ele de uma elegância e de um cuidado tal, que ganhou a minha confiança. E me conquistou tanto como uma pessoa de bem que acreditei que ele entenderia, quando eu contasse para ele, umas das diferenças que eu vivia em mim, em relação ao nosso namoro. Um dia, em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a me palpar por dentro e por fora, falei de minha vida até ali. (Evaristo, 2024, p.63).

Com uma ação comum do universo feminino diante da propensão ao amor e mesmo sem nutrir um sentimento pelo rapaz, Campo Belo se deixa conquistar e infringe sua própria regra de segurança, confia naquele que será para ela um algoz. Na tentativa de esclarecer para o rapaz o que lhe perturbava com relação a vida amorosa e seus desejos, Isaltina é encurralada, é violada pelo machismo velado do tendencioso namorado:

Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... Eu não sabia o que responder para ele. Em mim, eu achava resposta, mas só para mim. Eu sabia, desde a infância, do menino que existia em mim. E esse menino crescera comigo, assim como cresceram os meus seios [...] (Evaristo, 2024, p.64).

O posicionamento do namorado foi o que comumente é adotado pela maioria dos homens, que acreditam ser superiores às mulheres, ter mais conhecimento, e se portam como “professores/ensinadores”, formadores de opinião. Segundo hooks (2021) afirmar as opiniões é um ponto positivo para a masculinidade. Então, encorajado pela virilidade, o sabedor tenta de todas as formas convencer Isaltina a entregar-se ao prazer da carne, visto que nesta relação não há vestígios de afeto, nem de amor.

O trecho acima traz dois pontos significativamente problemáticos e traumáticos, a violência psicológica, através da tentativa de acesso ao inconsciente, “única forma de expressão do desejo” (Nogueira, 2021), pelo qual o rapaz induz ao tocar na fraqueza, representada pelo medo da moça. E o outro, o machismo impregnado nas raízes sexistas de uma sociedade patriarcal. Quando Isaltina cita que ele a iria “ensinar”, “despertar”, e a “fazer mulher” e ainda “que tinha certeza” do seu “fogo” porque ela “era uma mulher negra, uma mulher negra...” (Evaristo, 2024, p.64), demonstra a forma abusiva que aquele homem impõe as suas intenções.

Sabemos que o Machismo Racista Classista inventou que Nós – Mulheres Pretas – somos mais gostosas, quentes, sensuais e lascivas. Aí, do abuso sexual e estupros, naturalizados da senzala até hoje, foi um pulo. Pulo de 129 anos, e passamos a ser estatística. Os dados oficiais sobre violência sexual falam disso. Estamos na frente, morremos mais nas garras desse Machismo do que as Mulheres Brancas [...] (Piedade, 2017, p. 16).

Vilma Piedade coloca em foco o abuso sexual enquanto expressão de desafeto, por ter sido normalizado pelo processo colonialista que naturalizou atos violentos, como os estupros às mulheres negras, as quais sofrem, estatisticamente, mais abusos do que as mulheres brancas até os dias de hoje. A forma como a teórica aponta seu argumento é denunciativa, característica semelhante à de Conceição Evaristo, que denuncia, com técnica literária, o caráter do rapaz na forma como constrói as frases, deixa transparecer a face do cafajeste.

Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido. Só agora, depois de trinta e cinco anos, neste exato momento, me esforço por falar em voz alta o que me aconteceu. Os mais humilhantes detalhes morreram na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças (Evaristo, 2024, p. 64-65).

Um plano arquitetado pela impunidade masculina, que vê na inexperiência de Campo Belo, não só nas relações amorosas, mas na vida, a oportunidade de violar aquele “corpo-objeto sexual, pronto para ser consumido” (Piedade, 2017). O abusador utiliza de

artifícios, a mentira e a enganação, como uma garantia para alcançar o sucesso do seu intento. No referido trecho, é notório como Conceição redige frases, algumas construídas com uma única palavra, verbos, com intensão de indicar a mobilidade das ações no exato momento do ato abusivo. A frase curta confere o impacto da coação sofrida pela protagonista e ao mesmo tempo, a força da denúncia na forma passiva, como um recurso literário.

No trecho “Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher” (Evaristo, 2024, p.64-65). Novamente, o machismo e a pretensão masculina se apresentam, os homens se mostram como sábios diante de um crime hediondo, no qual suas ações são despropositadas e cruéis. Os abusadores impõem a Campo Belo um “estupro “corretivo” (Queiroz, 2022, p. 153), como classifica Verônica Queiroz em sua tese de doutorado *Qual o lugar dos afetos na Bioética? – Percursos e contribuições da literatura negra: um encontro possível com a Conceição Evaristo e a sua obra*, no quadro dos Marcadores de afetos da obra *Insubmissas*, elencando-o como um desafeto. A psicóloga usa o termo “corretivo” para chamar atenção à forma como se dá, na sua interpretação, o estupro coletivo pelo qual os infratores rompem não só com as leis, mas com os limites da mente e do corpo. Na minha interpretação, é qualificado como corretivo se pensarmos pelo prisma dos estupradores que, mediante seus posicionamentos sexistas e intolerantes, subjugam uma mulher pela sua condição de lesbianidade e, através do ato violento, tentam impor uma punição.

Ao finalizar o trecho, com a afirmação que nunca havia contado para ninguém a sua história, Campo Belo acessa essa memória, que representa a maior dor de sua vida e que só foi reativada devido à importância de servir como depoimento/exemplo da *escrivência* de Conceição Evaristo, que oportuniza a sua depoente contar a sua história de resistência e resiliência: “depois apareceu a gravidez, uma possibilidade, na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento que eu me encontrava, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo” (Evaristo, 2024, p. 65).

A gravidez, apesar da possibilidade de se transformar em algo traumático foi para Isaltina uma luz, “lhe trouxe a vida” (Queiroz, 2022, p.135), ela ressignificou o trauma através dos afetos que envolvem a *maternagem*, e transformou a sua dor em amor. Após dar à luz a Walquíria, retornou ao convívio da família, no qual foram recebidas com muito amor, e Isaltina com o seu direito de silêncio respeitado sobre a paternidade de sua filha.

Não muito permaneceu entre os seus e partiu com sua menina para novas possibilidades de encontros e de vida.

Na nova cidade, quando estava na reunião de pais de Walquíria, Campo Belo notou olhares persistentes da professora de sua filha em sua direção. E um misto de emoções tomaram sua mente, em suas palavras “o menino que habitava em mim reapareceu crescido” (Evaristo, 2024, p. 66). A partir de então foram reavivadas inúmeras memórias da sua infância e adolescência, pelas quais foram recordados momentos bons e ruins:

Nesse emaranhado de lembranças, lá estavam o meu corpo-mulher, a cena do estupro, minha filha nascendo. E, de repente, uma constatação que me apaziguou. Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu até então encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (Evaristo, 2024, p. 66-67).

Campo Belo chega à compreensão de sua real orientação sexual, jamais existiu um menino em seu corpo. Os desejos que um dia lhe pareceram “errados”, “desviantes” eram apenas amor e afeto que, em sua mente juvenil, pareciam confusos por não serem dirigidos aos homens. Mas, com a maturidade, percebeu, após o olhar de outra mulher, que o seu olhar, amores e desejos eram destinados a outra mulher e, então, assim se descobriu mulher. Encontrou em Miríades, mais uma vez o amor, já o havia experimentado com a chegada de Walquíria, e pôde desfrutar, a partir desses dois amores, romântico e materno, do amor próprio, que para hooks (2021, p. 85) “é a base da nossa prática amorosa”.

Conceição Evaristo finaliza o conto demonstrando a enorme felicidade de Campo Belo:

Tamanha foi a nossa felicidade. Miríades, Walquíria e eu. Minha menina, se pai não teve, de mãe, o carinho foi em abundância, em dose dupla. Hoje, Miríades brinca de esconde-esconde em alguma galáxia. Ela jaz no espaço eterno. Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu (Evaristo, 2024, p. 67).

A repetição de frases é uma característica da autora, que utiliza como um recurso estratégico de reafirmar algo impactante ou muito importante no texto. No caso desse conto, a repetição da frase que indica o grande momento de felicidade da personagem é um elo que une os afetos e a resistência como elementos de construção da memória de Campo Belo, uma memória de afirmação. Depois de todas as dificuldades, a personagem

conseguiu viver em um “círculo de amor” (hooks, 2021), vivido entre ela, a filha e sua companheira, que deu todo sentido para a sua vida.

A insurgência da escrita de Conceição Evaristo é que, através da sua forma do dizer, nos alcança, nos toca no ponto que é mais sensível, o afeto. Folhear uma obra de Evaristo é ser acolhida pelas palavras cuidadosamente escolhidas para provocar sensações. Seu texto é território de memórias, como os contos de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, que foram construídos a partir dos relatos das memórias de mulheres negras, que, apesar de verterem lágrimas, ressignificam suas dores e resistem através dos seus amores.

2.3 Amor e “afroafeto” nas entrelinhas de *Afrofeministamente*

A obra *Afrofeministamente* (2020) é um compilado de poemas que a autora porto-riquenha Yolanda Arroyo Pizarro reuniu de maneira afetuosa e que simboliza todo seu amor pelo afro e pelo feminismo. Com uma visão futurista do simbolismo que representa a etnia negra como o grande marco da civilização humana, a escritora aposta na liberdade de compor versos que representam o amor próprio de crianças e jovens afrodescendentes e a percepção de seus pertencimentos enquanto descendentes da civilização africana.

Na página de abertura da referida obra, a autora redige em nota: “Tratado de afroamor próprio para meninas e juvenzinhas, meninos e juvenzinhos, crianças tod_es. Uma ferramenta de afrodescobrimento, afroautoestima e afroempoderamento para adolescentes e tod_e adultx, que necessite destes versos de AfroResistência.” (Pizarro, 2020, p.03 - Tradução minha), para se referir ao significado e ao que representa o termo *Afrofeministamente*.

O trecho mencionado acima mostra alguns elementos que comprovam a característica de modernidade que Yolanda insere em seus escritos, além das palavras que sugerem neologismos a partir da palavra afro, o uso da linguagem neutra é apresentado de forma incisiva. Termos usados com a vogal “e” no final de palavras, intencionalmente, para substituir o masculino ou o feminino são um recurso marcante na poesia da autora, que compreende e respeita a identidade de gênero da não binariedade.

Afrofeministamente (2020) surgiu da necessidade de alcançar todas as idades e expor várias possibilidades de abordagens sobre temas que são muito importantes para as pautas de lutas sociais. De forma criativa, Arroyo construiu este manuscrito em seis partes

e as distribuiu com poemas que falam sobre um mesmo tema, os quais intitulou de *Afronanas*, *Afroreparación*, *Afroconocernos*, *Afrotodopoderoso*, *Afrolibertá* e, por último, *Afrofeministamente*, que é o tema que intitula o livro.

As poesias deste livro de Arroyo, ao mostrar um futurismo em seu traço literário, exprime muita sensibilidade e, ao mesmo tempo, demonstra força na articulação das palavras. Na composição dos versos dedicados ao amor pelo afro, são evidenciados pontos importantes para a luta antirracista, como as demonstrações de amor pela raça, pela cor da pele negra, explícitas na poesia *La afrodiva era mi abuela*, por exemplo, que exaltam admiração e respeito pela negritude, pela ancestralidade do povo afrodescendente, representada pela figura da avó, que inspirou e inspira a autora em suas produções literárias até hoje.

Eu ressuscito os Ancestrais. Em cada palavra que escrevo, em cada história que conto e em cada luta que empreendo, sigo o legado dos meus Ancestrais. Neste momento presente, eles sussurram em meu ouvido, guiam meus passos e inspiram minha criatividade. Com amor, subversão e soberania, caminhamos rumo a um mundo onde a Afrovisibilidade e a Afrojustiça sejam nossa bússola. Este é o nosso pacto, um compromisso eterno, compreendendo a necessidade de reparar as injustiças do passado e do presente. Erguemo-nos com o espírito das comunidades quilombolas, desafiando correntes e forjando um caminho sem marcas em direção à igualdade. Com cada palavra, cada poema, cada ato de performance, avançamos na Afroreparação, curando as feridas da história e construindo um futuro onde a dignidade e a equidade nos pertençam. Esta é a nossa jornada, uma jornada de resiliência, amor-próprio e empoderamento (Pizarro, 2023, tradução minha).

O trecho acima mostra o quanto está enraizado um futurismo ancestral que caracteriza a escrita de Yolanda, que, respaldada pelo seu amor pela etnia negra e pelo reconhecimento de sua linhagem, rompe com paradigmas da herança escravocrata e assume uma narrativa biográfica que estimula o engrandecimento e valorização de sua raça. Com propriedade, por pertencer e descender de povos que sofreram e ainda sofrem com as injustiças, a autora inscreve na literatura vozes que ecoam uma reparação e uma propagação do amor e do “afroafeto”.

Para uma melhor contextualização deste tópico, no qual se entrelaçam amor, “afroafeto” e feminismo, é proposto um entendimento a respeito da palavra “afroafeto”, o que ela significa e representa na obra *Afrofeministamente* (2020). Compreende-se a construção da palavra, formada por outras duas palavras, sem adição ou diminuição de vocábulos, e sem distanciamentos, que representa a união e a resistência da etnia negra e demonstra como o amor é ancestral.

Ao considerar algumas premissas ao que se refere a sentimentos próprios e comuns, o afeto, de origem etimológica do latim, *affectus,us* (estado psíquico ou moral (bom ou mau), afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade²⁹), é apresentado à luz da psicanálise por um de seus precursores, Sigmund Freud, e definido, em sua obra *O inconsciente* (1915), como sentimentos que correspondem a processos de descarga, e os seus surgimentos são percebidos como sensações.

Por outro lado, à luz da psicogênese (psicologia genética), o intelectual Henri Wallon traz a concepção de afetividade como uma predisposição ou capacidade de ser tocado pelo mundo de forma intrínseca e extrínseca, através de sensações que podem ser agradáveis ou não. Em uma de suas teorias, Wallon apresenta, em *A evolução psicológica da criança* (1998), que as habilidades herdadas de forma genética por um indivíduo dependem do meio, espaço de vivência que o mesmo está inserido.

Diante de tais concepções, compreende-se o sujeito como um ser humano de características inerentes ligadas às sensações e às emoções, capaz de exprimir sentimentos, então chamados de afetos, que estão ligados diretamente às manifestações dos mais variados elementos culturais.

A partir dessas idealizações, e da importância de enaltecer a cultura afro, é proposto, nesta pesquisa, a consideração do termo “afroafeto” como uma junção da palavra “afeto” com a palavra “afro” na condição de prefixo. O termo “afro”, é um termo que atende ao princípio básico de particularidade, uma vez que se refere a peculiaridade do que é advindo ou típico da África negra e tudo que ela inspira e representa.

Já o termo “afeto” atende a um princípio básico de universalidade, uma vez que se apresenta como uma característica inerente, que se estende a todos os seres humanos sem distinção, pelo qual, qualquer ser humano é capaz de sentir, perceber e exprimir afeto. Em seguimento de tal raciocínio, proponho a elaboração do seguinte pensamento: o “afroafeto”, palavra aqui escrita intencionalmente sem hífen para não permitir nenhum tipo de distanciamento entre os termos e seus significados, é a capacidade de demonstrar, através das sensações, um amor por tudo que advém de África, da etnia negra, é o sentimento puro de acolhimento à negritude.

O “afroafeto” é então utilizado como ferramenta do posicionamento sociopolítico de Yolanda Arroyo, somando-se a inúmeros outros termos como “afroamor”,

²⁹ Houaissson Dicionário on-line. Disponível em: <https://houaissson.online/houaissson/apps/www2/v9-0/html/index.php>. Acesso em: 24/10/2025.

“afroresistência”, “afroempoderamento”, por exemplo, usados nos textos da autora e em seu discurso como uma marca de sua existência, de seu pertencimento ancestral e como forma de combustível para sua produção literária.

Operando uma ruptura com as formas hegemônicas de pensamento, Yolanda Arroyo Pizarro coloca em crise o modelo de uma epistemologia e racionalidade únicas, criando outros pensamentos, outras epistemologias, transformando-se em um dos postulados de resistência política de mulheres negras em diáspora (Salles, 2021, p.111).

É afetada pela inspiração dessas outras epistemologias presentes na poética de Arroyo e por uma sistematização não linear que exponho à minha análise indisciplinada as poesias *La afrodiva era mi abuela* e *Tratado de auto-afroreparación* que compõem a segunda parte temática do referente livro intitulada de *Afroreparación*. Contraponho qualquer método que seja disciplinar, uma vez que “Metodologia disciplinar é seguir a sequência protocolizada de ações para adquirir conhecimento, traçar o caminho que se deve seguir” (Haber, 2011, p. 29, Tradução nossa). Nesta análise sigo um caminho próprio, que percorre inúmeras possibilidades de sensações e de demonstração do “afroafeto”.

Sob uma investigação desprovida de cuidados com a métrica ou qualquer outro tipo de padrão, submeto minhas impressões analíticas a respeito dos amores e afetos que permeiam as entrelinhas dos versos da autora caribenha. Porém, me valho de recursos estilísticos, como as figuras de linguagem, para desenvolver e justificar minhas análises, já que possuem licença poética e dão uma musicalidade ao texto que transforma o poema em poesia. E é este ritmo que será analisado nos versos de Arroyo.

Afrofeministamente (2020) convida os seus leitores para uma dança e os encorajam a agirem em prol da raça, os instigam a reparar todo e qualquer mal que lhes tenha sido imposto. Dessa maneira, em um movimento libertário de luta e resistência, a poetisa não segue nenhum padrão ou sequência anteriormente preestabelecida, a sua poesia de tipologia livre se deleita na volatilidade, no incomum, no excepcional e extraordinário.

Não existe uma constância na disposição dos versos que compõem as estrofes das poesias do referido livro de Yolanda, em muitos casos sequer existem as estrofes, a preocupação da autora é única/exclusivamente com o conteúdo, com a intensão em afetar àqueles que prestigiam a riqueza dos seus versos e de sua autenticidade.

Das quatro poesias que compõe a seção *Afroreparação*, selecionei para o *corpus* de análise as duas últimas, às quais disponho escritas em espanhol, a nível de visualização, com o intuito de preservar a escrita, a estrutura, e a construção poética de uma escritora

que imprime em seu grifo elementos que simbolizam e representam a cultura latino-americana. No decorrer dos versos, é perceptível como a ancestralidade é um elemento presente na vivência do povo caribenho e como este recurso representa a riqueza cultural dos povos latino-americanos e a grandeza de suas literaturas.

A seguir são apresentadas as poesias completas, e no idioma original, para melhor visualização da construção poética de Yolanda Arroyo, mas serão analisadas, em recortes, com o texto traduzido para o português. Utilizo deste artifício para melhor elucidação da escrita da autora, uma vez que o processo de tradução, mesmo em uma tentativa de seguir fielmente a originalidade, acaba por fazer interferências na linguagem para manter o sentido e/ou o significado e ainda para assegurar o contexto do que está sendo dito. Dessa forma, é possível ter acesso às duas versões para uma melhor compreensão das análises.

Foi escolhido o terceiro poema da seção *Afroreparación*:

La Afrodiva era mi Abuela

Manifiesto de afroamor propio

Yo me amo y me afroamo

mi afroidentidad es sublime e importante

mi afrointelecto viene de las divinidades

de la sabiduría de las tatarabuelas

de los juegos de aldea

de la afrosororidad en tribu

mi reconocimiento de los ancestros

y su recuerdo es primordial

amo mi melanina

ese color de piel maravilloso

esa pigmentación de dermis extraordinaria

el hermoso color café con leche

el asombroso color caramelo

ese portentoso color sepia

somos Altezas de piel canela

reyes y reinas Ashanti, yoruba, Carabalí

Yo me amo y me afroamo

*y defenderé mi derecho a existir
y ser tratado con igualdad y Liberación*

*Yo me amo y me afroamo
amaré y afroamaré a mis hermanos de negritud
aquellos que reciben dificultades del mundo
debido al racismo y los prejuicios
aquellos que mientras más oscuro son
más difícil se les hace sobrevivir.
A ellos, a ellas, a ellos y a mí
todo este Afroamor.
Aménashé.*

(Pizarro, 2020, p. 29).

E o quarto poema da mesma seção:

Tratado de auto–afroreparación

*Cuando se habla de la puertorriqueñidad,
siempre es sobre los blancos;
el elemento negro no se discute
como parte de la identidad.*

Dra. Marie Ramos Rosado

*Sanaré la herida racista causada
por todo aquel que me ha dicho fea
por mi color de piel
de quienes han empleado la frase hiriente
“mejorar la raza”
de aquellos que se han atrevido a llamar a mi afro
“Pelo malo”*

*Sanaré la herida
y afrorepararé con compasión y ternura
los insultos y la mezquindad clavados en mi corazón*

*besaré mis manos negras
acariciaré mi oscura piel de los hombros
me abrazaré a mí misma*

*Sanaré la herida
y diré a mi chata nariz
que merece loas
que merece glorias
recorridos de dignidad y respeto*

*Sanaré la herida
y susurraré a mi boca grande
que es digna de felicitaciones y besos
diré a mi frente ancha que ella es
como la Madre Patria África
amplia, explayada, extraordinária*

*Sanaré la herida
y no permitiré que nunca
nunca, nunca más alguien me hiera*

*Afrorepararé
afrorepárate
afroreparemos nuestra familia
afroreparemos la escuela
afroreparemos la comunidad
afroreparémonos todos
afroreparación ahora.*

(Pizarro, 2020, p. 31-32).

Durante todo o processo de pesquisa e análise do mestrado, não havia nenhum livro da autora publicado em nosso idioma, porém é de meu conhecimento e de alguns pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, que o livro *Afrofeministamente* (2020)

de Yolanda Arroyo Pizarro, trabalhado nesta pesquisa, foi traduzido pela professora sergipana Jéssica Saraiva, graduada em Letras Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe e Pós-Graduanda em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Espanhola. A pesquisadora tem dedicado sua carreira às literaturas afro-latino-americanas, em específico, à tradução de algumas obras da autora caribenha e o referido livro encontra-se em processo de editoração, para ser lançado em breve pela editora Malê. As poesias selecionadas serão analisadas a partir da tradução da citada professora.³⁰

Os dois textos são apresentados em versos livres, e demonstram a liberdade presente na escrita da autora portoriquenha, sem seguir nenhum padrão a autora constrói estrofes, mas sem nenhuma regularidade. Há, em específico, na referida seção, um sentimento de reivindicação, de um chamado à necessidade de reparar a etnia negra, não em sentido de reparação histórica, que, apesar de necessária, lamentavelmente não se concretiza, mas como uma reparação identitária, uma restauração do sujeito negro, enquanto afrodescendente que tem consciência de seu pertencimento racial. E esse reconhecimento se insere no movimento de resistência e “afroamor” inscrito nos versos de Arroyo.

Na primeira poesia há uma grande estrofe com mais de quinze versos e, em seguida, uma estrofe com apenas três versos, que, na minha opinião, foi construída intencionalmente para chamar atenção do leitor, destacando o ponto mais importante, ou o que passa a real mensagem do texto, logo em seguida, uma outra estrofe com muitos versos finaliza a poesia, que fala sobre um “afroamor próprio” como um manifesto – escrito no subtítulo do poema com a intensão de tornar público e reavivar o amor em seu íntimo.

A memória se apresenta como território fértil para as conexões entre os amores e os afetos e suas perspectivas e representações. Esse movimento de representação, em sítio de recordação, se inicia já no título da poesia *A afrodiva era minha avó*, seguido do subtítulo *Manifesto de afroamor próprio*. A forma como a autora se refere a avó, não só com *afroafeto*, mas com admiração pela sua grandiosidade e significação, se faz na lembrança, na herança deixada pela mulher que a criou e a ensinou a amar o outro e a si mesma, e que declaradamente é homenageada no decorrer da poesia.

³⁰ A saber, a edição em português do livro *Afrofeministamente*, de Yolanda Arroyo Pizarro, traduzida pela Prof^a Jéssica Saraiva, foi publicada em 18 de dezembro de 2025, no período de conclusão desta dissertação, quando já estava em processo de ajustes e correções para ser entregue a banca examinadora da defesa.

A composição das palavras cria uma imagem, a figura de uma mulher poderosa, quase uma divindade negra, que evoca, através de uma sabedoria ancestral, todo sentimento pela raça e por sua existência feminina e negra. Nesta construção poética, a autora fala de amor-próprio, um “afroamor”, que ora parece referir-se a si própria, ora parece expressar o sentimento particular de sua avó, e essa dupla suposição imprime ao texto um caráter de incerteza e ao mesmo tempo de possibilidades.

Apesar do texto de Yolanda partir de uma experiência individual, de um sentimento particular, ele emerge das *escrevivências* da autora e, a partir de suas impressões, exprime no texto a característica da coletividade, da partilha de momentos de vivências das pessoas negras que vivem na diáspora. E essa movimentação em torno de uma memória que é coletiva cria raízes nos afetos e na ancestralidade, como é possível perceber no trecho:

Eu me amo e me afroamo
 minha afroidentidade é sublime e importante
 meu afrointelecto vem das divindades
 das sabedorias das tataravós
 dos jogos das aldeias
 da afrosororidade nas tribos
 meu reconhecimento dos ancestrais
 e sua lembrança é primordial
 (Pizarro, 2020, p. 29 – Tradução: Jéssica Saraiva).

O trecho acima é marcado por uma breve dualidade entre o individual e o coletivo. Há uma possibilidade de oposição, mas ao mesmo tempo de completude, quando é pensado um entendimento “afrocoletivo” do “eu”, a identidade aparece com uma característica coletiva, e mesmo que as experiências possam ter características individuais, as escolhas sofrem influência de tudo à sua volta. Como esclarece a respeito o filósofo Renato Nogueira, a partir da perspectiva defendida por Cheikh Anta Diop, grande pensador senegalês:

Segundo ele, se um indivíduo faz parte de um coletivo, suas escolhas não podem ser meramente individuais. Assim, num contexto africano tradicional, nenhuma decisão pode ser tomada pensando apenas no que nos agrada. Uma ação possui sempre uma dimensão coletiva, política e espiritual. E o amor não foge a essa regra (Diop, 1979 apud Nogueira, 2020, p. 74).

O amor é então representado, na poesia de Arroyo, através da construção coletiva do “eu preto”, como no verso “Eu me amo e me afro amo”, essa aliteração destaca como a autora se posiciona política e espiritualmente, demonstra que se ama como etnia, porém se ama como indivíduo que crê no poder dos ancestrais e assume um compromisso com o amor-próprio.

Consoante a colocação de que “O amor-próprio não pode florescer em isolamento” (hooks, 2021, p. 75), Pizarro constrói estes versos compartilhando vivências coletivas através de suas memórias e experienciando conhecimentos de mundo. No verso “minha “afroidentidade” é sublime e importante”, o reconhecimento da importância de sua identidade concebida em raízes africanas traz a grandiosidade do “afroafeto”, da mobilidade que envolve as energias do sujeito negro, suas subjetividades e a vida em comunidade – é a partir do convívio com o coletivo que a autora compreende a riqueza de sua etnia e admite essa “afroidentidade”.

Os versos “meu afrointelecto vem das divindades/ das sabedorias das tataravós”, são marcados pela ancestralidade, pela influência do espírito de justiça, que sem ela, segundo hooks (2024) não há amor, e o reconhecimento de conferir às forças superiores a responsabilidade do domínio do conhecimento, tanto quando se refere às divindades, quanto quando cita a sabedoria dos nossos mais velhos. Dessa forma, a autora demonstra respeito pelos deuses e por todos aqueles que vieram antes de nós, povo negro, e destaca o poder da cultura ancestral dos seus antecessores.

Ainda em relação a origem do seu “afrointelecto”, a autora faz menção à vivência em comunidade e a importância do feminismo quando cita que o mesmo vem “dos jogos das aldeias/ da afrosororidade nas tribos”. A referência a jogos que são praticados em um espaço comunitário, como as aldeias, traz a dinâmica da ludicidade, da satisfação em partilhar um momento feliz e afetuoso entre seus iguais.

Já o uso da palavra “afrosororidade” reafirma o caráter partidário de Yolanda Arroyo, que, enquanto mulher negra e ativista, assume o posicionamento político e social de lutar contra os sistemas de opressão, tanto na vida quanto na arte. O termo, composto pela união das duas palavras, instiga o sentimento de irmandade entre mulheres afrodescendentes, pelo qual a autora, mais uma vez, destaca o uso do afro ao sugerir uma inovação no conceito de *sororidade* – adaptando-o à etnia negra.

O referido trecho finaliza com a retomada de engrandecimento dos ancestrais, da característica da coletividade conforme a autora recorre à memória como um recurso

poético. Dessa forma, Pizarro recorda a riqueza cultural dos povos afrodescendentes e imprime ao texto uma estética de preservação, de cuidado diante de tudo que representa seus antepassados e a história do seu povo, e ainda inspira o “afroafeto” expresso nas entrelinhas dos seus versos.

A poesia em análise traz a recorrência da figura de linguagem, aliteração, que é uma figura de sonorização, comumente utilizada em textos do gênero como um recurso para inserir uma rítmica textual, um efeito estético e um movimento de significações no escrito. Como é possível perceber no trecho:

amo minha melanina
 essa cor de pele maravilhosa
 essa pigmentação da derme extraordinária
 a linda cor café com leite
 a deslumbrante cor caramelo
 essa fantástica cor sépia
 somos Altezas da pele canela
 reis e rainhas Ashanti, yorubá, carabalí
 (Pizarro, 2020, p. 29 – Tradução: Jéssica Saraiva).

Há uma musicalidade no primeiro verso “amo minha melanina” escrito pela autora com a repetição da letra “m”, presente em todas as palavras que compõe o verso, o que caracteriza uma aliteração. O recurso sonoro imprime à poesia uma significação de sentimento para além do ritmo, neste verso, a autora expressa um sentimento de “afroafeto” ao proferir que ama a sua tonalidade de pele e reafirma esse amor nos dois versos que se seguem: “essa cor de pele maravilhosa/ essa pigmentação da derme extraordinária”, veja que os adjetivos engradem e certificam o que está sendo dito, há, em ambos os versos, a presença de uma grande admiração por si mesma, e que pode ser compreendida como autoestima, como amor-próprio.

Amor-próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham. Ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter o amor incondicional que talvez tenhamos sempre desejado receber de outra pessoa (hooks, 2021, p. 85-86).

Esta afirmação de bell hooks embasa a perspectiva do eu-lírico de Yolanda Arroyo, que através de sua poética, de estilo livre, mostra como o amor deve ser incondicional e

ativo, é o movimento das ações que a autora escreve na poesia que demonstra o afeto de amar a sua cor, a sua etnia, o seu povo, e que isso só é possível porque ela ama a si mesma, porque a poetisa pratica um “afroamor próprio”.

O trecho em destaque é marcado pelo uso recorrente da palavra “cor”, que, na linguagem poética de Yolanda, ganha um significado de exaltação da beleza e da etnia negra através de metáforas e movimentos sinestésicos. A autora consegue alcançar uma riqueza visual ao inserir no texto uma característica de ilustração, concebida por meio de percepções de alimentos e sentidos subentendidos nas entrelinhas do poema.

Os versos “a linda cor café com leite/ a deslumbrante cor caramelo/ essa fantástica cor sépia” apresentam um ritmo de sinestesia que inspira degustação e satisfação ao usufruir das sensações que os alimentos e a imagem instigam. Importante perceber que não há comparação do objeto/sujeito com a comida, e sim que há alusões às sensações que o alimento e a cor podem causar.

A autora usa sentidos como a visão e o paladar para expressar seus sentimentos, parece degustar as palavras quando sugere uma visualização da beleza da cor negra, que se assemelha, em temperatura e coloração, ao resultado da mistura do café com o leite, e ainda supõe a sensação do olfato, os alimentos citados possuem um aroma acentuado e marcante, é possível que essa seja mais uma intenção de Yolanda, comparar os cheiros das iguarias ao cheiro da pele negra.

Em igual perspectiva, há uma repetição da sensação quando Arroyo faz novamente uma comparação da pele negra à cor e ao sabor doce do caramelo. Ela brinca com a palavra “cor” e suas representações, os versos irregulares permitem que a autora transcenda a riqueza do seu eu-lírico, ao associar sua admiração pela pele de cor negra aos seus possíveis tons e sabores. A cor se torna um elemento central neste trecho, e a referência é a etnia negra, sempre julgada e inferiorizada pelo jugo da escravização, porém, nesta poesia ocorre o oposto – através das palavras da poetisa a negritude alcança o bálsamo da liberdade e livra as pessoas negras da estruturalidade do racismo.

Com uma presença marcante de versos que comprovam o autoamor da autora, ou de outra possível personagem, sua avó, e o “afroafeto” pelos seus iguais, Yolanda finaliza este trecho com versos que exprimem uma constatação: “somos Altezas da pele canela/ reis e rainhas Ashanti, yorubá, carabalí”. Veja que estes últimos versos justificam o quê e quem realmente são as pessoas que descendem da África, na opinião da autora. Mais uma vez a presença de um alimento reaparece para ser comparado à cor, enquanto sensação, a palavra canela (especiaria) surge com o intuito de instigar visão, paladar e olfato e sugerir

o uso desse campo sensorial para demonstrar a diversidade dos corpos e celebrar a beleza da etnia negra.

Ambos os versos inspiram reverência e riqueza ancestral, o uso de nomes em letras maiúsculas indicam o respeito pela cultura africana, seus honrosos títulos hierárquicos, como “Alteza”, e a valorização de grupos étnicos daquela região, percebida pelo emprego das palavras *Ashanti*, *yorubá*, *carablí*. A ancestralidade é novamente aplicada pela autora caribenha que, assim como os povos citados, cultua a espiritualidade e a crença em muitos deuses que, através da natureza, protegem e regem a vida.

Como ativista e aliada às causas antirracistas, Yolanda Arroyo se posiciona como uma mulher politizada e defende movimentos que lutam por direitos, pela liberdade e pelas igualdades sociais.

Eu me amo e me afroamo
e defenderei meu direito de existir
e ser tratado com igualdade e libertação
(Pizarro, 2020, p. 29 – Tradução: Jéssica Saraiva).

Os versos da estrofe acima indicam total ação e empenho na luta por direitos e liberdade. É em movimento de resistência que Pizarro muda o tempo verbal dos seus versos e utiliza o futuro para mostrar que não mais aceitará o domínio, o cárcere e a injustiça. A poetisa ressignifica o lugar de opressão imposto às pessoas negras e expõe, nesse manifesto, seu desejo de luta, de exigir igualdade, o direito de sua existência e de se libertar da sombra da dominação.

Há uma repetição nessa estrofe que, segundo Staiger (1977), é a única coisa que pode impedir que o lirismo se desfaça, porém que claramente se presta à criação poética, como é possível perceber no reaparecimento do verso “Eu me amo e me afroamo”, anteriormente utilizado no primeiro verso do poema. A ação de repetir um mesmo verso em uma composição poética, é reafirmar uma intenção, enfatizar de propósito uma mensagem importante que precisa ser lembrada e fixada na memória do leitor.

Da mesma maneira, a autora inicia a última estrofe utilizando a mesma repetição:

Eu me amo e me afroamo
amarei e afroamarei aos meus irmãos negros

aqueles que tem dificuldades no mundo
 devido ao racismo e seus preconceitos
 aqueles que enquanto mais escuros são
 mais difíceis de sobreviver.

A eles, a elas, e a mim

Todo esse Afroamor

Ameénashé

(Pizarro, 2020, p. 29 – Tradução: Jéssica Saraiva).

Pode-se observar que a repetição do verso “Eu me amo e me afroamo” no início de cada uma das três estrofes, caracteriza a presença de uma anáfora, que é uma figura de linguagem que dá ritmo e coesão ao texto. Nunca é por acaso o uso das anáforas, há uma intenção em enfatizar o que se diz em tal repetição e criar ligações entre os parágrafos e/ou estrofes, como no caso da poesia em análise. O verso se repete para que a autora exponha, de maneira incisiva, o “afroamor” que preenche seu íntimo e serve de exemplo para que todos aqueles que leiam seus versos compreendam a importância do amor-próprio e se acolham, em dignidade, de suas identidades negras.

No verso “amarei e afroamarei meus irmãos negros” reaparece a aliteração, com a presença da letra “m” em quase todas as palavras do verso. Essa rítmica traz, neste trecho, uma característica de proximidade, a autora se refere a todo e qualquer descendente da etnia negra como “meus irmãos”, usa a aproximação de parentesco para demonstrar o “afroafeto” que nutre pelos seus iguais. O uso do tempo futuro ajuda a dar o ritmo do desfecho da poesia, já que inspira possibilidades de transformações e projeção de aspirações, de algo que se deseja alcançar.

Os versos que se seguem “aqueles que tem dificuldades no mundo/ devido ao racismo e seus preconceitos/ aqueles que enquanto mais escuros são/ mais difíceis de sobreviver” referem-se a escala estrutural do racismo, que em sua vasta dimensão mostra uma “hierarquia inconfundível” que ocorre “entre negras/os de pele clara e pele escura” (Kilomba, 2020). A autora usa dessa realidade austera da vida cotidiana de pessoas negras e, através do tom proferido destes versos, denuncia as injustiças e as violências deferidas contra pessoas retintas.

As palavras da portoriquenha evocam um passado desastroso, sob o rastro do sangue preto derramado durante centenas de anos de escravização, mas também de um

período glorioso de luta, de obstinação e construção de memórias que fortaleceu e valorizou a existência negra – independente da opressão, o negro resiste, luta e vive. Yolanda Arroyo fala de “afroamor” em sua poesia, então fica evidente o movimento de resistência em suas ações, pelo qual ela deixa explícito o amor e o acolhimento por aqueles que de maneira injusta são inferiorizados e desprezados, única e exclusivamente, pela cor da pele. E assim, ressignifica o lugar de domínio que sempre existiu e abraça, em quilombo, seus irmãos de raça rumo à liberdade.

A poesia é finalizada com os versos “A eles, a elas, a mim/ todo esse Afroamor/ Aménashé”, como em um oferecimento de prece. A autora deseja a todas as pessoas negras, independente do gênero, todo “afroamor” que sente, exaltando não só o amor-próprio, mas também o amor pelo próximo de maneira incondicional.

O último verso chama atenção por mais uma vez se tratar de uma nova palavra desconhecida, *Aménashé*, jamais vi este vocábulo escrito em algum outro lugar e não foi encontrado em dicionários, tanto de português, quanto de espanhol, que é a língua materna da autora. Na minha interpretação, a expressão une duas palavras em idiomas diferentes, o termo amém escrito em espanhol *amén*³¹ e o termo axé escrito na forma original iorubá *ashé*³², ambas significam bençãos. Juntas as palavras possuem um som agradável, que inspiram uma afirmação ou manifestação de algo importante que está atrelado aos seus significados religiosos.

Ambas as palavras são saudações ligadas à religiosidade. *Amén* tem o mesmo significado na língua portuguesa, “que assim seja” e *ashé*, em português axé significa também “poder, energia, força vital”. Como a autora usa a palavra para finalizar sua poesia, escrita como um manifesto, traduz com *Aménashé* sua maior aspiração, que é desejar coisas boas para todas as pessoas. Em resumo, Yolanda conclui seus versos como uma oração, profere algo como “Que assim seja, bençãos”, em culto aos seus ancestrais e às suas crenças, e em desejo de energias positivas.

Na segunda poesia, *Tratado de auto afroreparação*, a poetisa utiliza as estrofes como um recurso, mas também sem apresentar uma cadência, há uma regularidade na divisão em estrofes, mas não nos versos. Ela inicia o texto com uma epígrafe, não muito

³¹ I. interj. *Así sea. U. al final de una oración. U. t. c. s. m. Dicaionario de la lengua española. Actualización 2024.*

³² ASHÉ significa um dom de virtude concedido, todo o bem. De certo modo é poder, sorte, energia, força, como natureza que é subjacente a toda existência humana e a possibilidade de materializá-la na realidade concreta, através das conquistas de nossos desejos. Ifá Ni L’órun (2015). Disponível em: <https://ifanilorun.com/?p=4316> Acesso em: 14/11/2025.

comum à escrita de poemas, porém estruturalmente possível de acordo com a linguística e com o seu eu-lírico, provido de liberdade e astúcia criativa.

Há na poesia *Tratado de auto afroreparação* a presença de versos longos, mas também uma recorrência de versos curtos, alguns com apenas duas ou três palavras, conferindo ao texto uma dinamicidade e um ritmo peculiar, caracterizado por uma anáfora, com a repetição do mesmo verso no início de cada estrofe.

O título da poesia traz um caráter harmonioso quando, ao usar a palavra “tratado”, a autora sugere fazer um acordo consigo mesma, faz um pacto de autoreparar a sua condição de mulher negra, que vive em um mundo racista, misógino e classista, que inferioriza pessoas afrodescendentes pelos fenótipos que caracterizam a etnia negra.

Em *Tratado de auto afroreparação*, Yolanda Arroyo assina um contrato com o seu “eu”, no qual a principal cláusula é reparar a sua “afroidentidade”, a sua afrodescendência. De uma maneira excêntrica, a autora inicia a poesia com uma fala da escritora, também portorriquenha, Dra. Marie Ramos Rosado³³ que diz: “Quando se fala da potorriquenhidade, sempre é sobre os brancos, o elemento negro não se discute como parte da identidade”.

Veja como a autora, para criar o seu texto, faz uma retomada de um outro texto, usa a intertextualidade como recurso linguístico, que é o movimento em mosaico de texto, idealizado e teorizado pela teórica feminista Julia Kristeva, no final da década de 1960, e difundido por outros pesquisadores, como a crítica literária Tiphany Samoyault.

O texto aparece então como um lugar de uma troca entre pedaços de diálogo que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores. Não se trata a partir daí, de determinar um intertexto qualquer, já que tudo se torna intertextual; trata-se antes de trabalhar sobre a carga dialógica das palavras e dos textos, os fragmentos de discursos que cada um deles introduz no diálogo (Samoyault, 2008, p. 18).

É com a utilização de um “fragmento de discurso”, teorizado por Tiphany Samoyault, que a poetisa se vale do intertexto, a partir de um pedaço de texto, cria um outro texto. Yolanda inscreve uma característica de denúncia no início da poesia, ao usar um discurso da professora portorriquenha, porém, no decorrer dos versos, assume um outro tom, em um movimento de ressignificação, adota um discurso de corrigir erros

³³ Pesquisadora, escritora, atriz, declamadora, bailarina, locutora de rádio, professora doutora em Filosofia e Letras do Departamento de Estudos Hispânicos. Para mais informações acesse: *Fundación Nacional para la Cultura Popular*. Disponível em: <https://prpop.org/biografias/marie-ramos-rosado/> Acesso em 20/11/25.

causados por um racismo estrutural persistente e restaurar a sua identidade através da resistência.

A fala mencionada na epígrafe expõe uma realidade social do país, Porto Rico, que não exclusivamente sofre com o racismo e a falta de representatividade negra, assim como o Brasil e muitas outras nações que passaram pelo processo de colonização e utilizaram o domínio de povos sob o trabalho escravo como sistema econômico, social e político.

A professora expõe que os portorriquenhos são mundialmente representados pelos brancos; a cultura que é difundida do país é a que parte da classe branca; e os negros, assim como em muitos lugares da diáspora, são invisibilizados, mesmo em posse de uma grande capacidade de produção intelectual e de diversos elementos culturais.

Pizarro (2020) usa o tempo futuro para criar um espaço especulativo de possibilidades, pressupõe possíveis alcances e desenvolvimento do imaginário, através dos seus versos, cheios de intenções positivas, procura demonstrar amor e “afroafeto” pela sua cor e por toda sua etnia. Com um caráter otimista escreve:

Curarei a ferida racista causada
por todo aquele que me chamou de feia
pela cor da minha pele
de quem empregou a seguinte frase dolorosa
“melhorar a raça”
daqueles que se atrevem chamar meu afro como
“Cabelo ruim”
(Pizarro, 2020, p. 31) – Tradução: Jéssica Saraiva).

A poesia inicia com o verso “Curarei a ferida racista causada”, o verbo, no futuro do presente do modo indicativo, expressa um compromisso que a autora firma mediante suas convicções, agir em prol de solucionar os problemas causados pelos danos do racismo. Todo o poema está escrito em primeira pessoa, o que possibilita uma maior projeção do eu-lírico e permite um leque de possibilidades – antecipar acontecimentos e/ou até mesmo acessar o passado e suas consequências com a intenção de propor novos destinos.

Assim, Yolanda constrói seus versos justificando suas ações, ao proferir que irá curar a “ferida racista”, usa da metáfora como recurso poético ao empregar uma

substituição de termo para dar significação e tessitura ao enunciado. Expõe o resultado (a lesão) decorrente do maior sistema de exploração humana nas Américas.

Os versos “por todo aquele que me chamou de feia/ pela cor da minha pele” legitima a causa da ferida criada na autora, trazem sentimentos negativos que machucam e menosprezam o indivíduo negro devido a pigmentação da sua pele. O que torna lamentável e nocivo a associação da cor negra ao que esteticamente é imposto pela sociedade como “feio”, como se a beleza fosse um dispositivo estético de exclusividade branca. E, conseqüentemente, a cor negra, delegada pelo racismo, é colocada como feiura.

Em continuidade, a autora acusa os causadores do ferimento que marcou a sua existência, com os versos “de quem empregou a seguinte frase dolorosa/ ‘melhorar a raça’”, é colocada em evidência, através do uso das aspas, a expressão “melhorar a raça” que se refere a um termo de significado pejorativo e violento.

A partir da análise do verso “melhorar a raça”, emerge um pensamento de condição de inferioridade direcionado para a etnia negra, o que me faz comparar o significado do enunciado a um acontecimento social ocorrido no Brasil, e em Porto Rico, porém em épocas diferentes – projetos políticos de embranquecimento da população, neste país logo após a abolição e na ilha caribenha já no século XX.

A expressão usada pela poetisa pode ser associada ao resultado do que é retratado pelo quadro *A Redenção de Cam* (1895), pintado pelo espanhol, radicado no Brasil, Modesto Brocos. Na tela é explícita a imposição de um clareamento populacional através da disposição linear das personagens. Ao analisar a cor da pele, e a faixa etária dos componentes da família retratada na pintura, em uma sequência da esquerda para a direita, percebe-se a intenção da imagem de pressupor que através da miscigenação as gerações futuras possam compor uma população majoritariamente branca (Roncolato, 2018).

Assim, com o cruzamento das raças humanas, de tons de peles diferentes, e a inclusão do sujeito branco na procriação, o resultado esperado seria uma linhagem embranquecida após duas ou três gerações com a prática dessa sistematização sociopolítica que buscava uma hegemonia racial branca. Esse processo de branqueamento no final do século XIX, instituído pela elite brasileira da época, tensionava aperfeiçoar a população de maior contingente negra em branca, uma vez que o negro representava o atraso, a sombra do passado, e o branco o desenvolvimento, a propensão de futuro.

Essa comparação com o significado do verso “melhorar a raça”, mostra a violência e o preconceito presentes tanto na frase, quanto no projeto político. No país da autora, assim como ocorrido no Brasil, houve um movimento político e social de branqueamento

da população portoriquenha. Segundo (Loveman; Muniz, 2007), tal processo se deu através da reclassificação racial constatada no censo americano nos anos de 1910 e 1920, devido um intenso fluxo de imigração e autodeclaração populacional. A nação tornou-se mais branca já na segunda década do século XX, com os cruzamentos e deslocamentos raciais nas fronteiras da ilha.

Ainda em demonstração do racismo e da violência, tanto física quanto psicológica, proferidos contra pessoas afrodescendentes, Yolanda Arroyo mais uma vez faz uma acusação e denuncia os preconceituosos ao escrever os versos: “daqueles que se atrevem chamar meu afro como/ ‘Cabelo ruim’”. A autora usa da figura de linguagem metonímia: quando escreve “meu afro”, substitui um termo por outro que possui alguma relação, a palavra afro é também popularmente usada como um estilo de cabelo.

Novamente reaparece no texto uma expressão de cunho pejorativo, a autora evidencia com as aspas um termo estereotipado, ao referir-se ao tipo de cabelo crespo como cabelo “ruim”. Este verso retoma o discurso racista que associa pessoas e coisas, que descendem da etnia negra, ao que é inútil, que não tem serventia. O cabelo é um elemento muito importante para as mulheres negras, representa um símbolo da forma estética, de como se veem na sociedade e de como está ligada a imagem à beleza.

Dessa forma, criou-se, no contexto social, uma obsessão pelo cabelo, o método de alisamento passou a ser prioridade no mundo feminino negro, em uma tentativa de conter os fios crespos impostos socialmente como “ruins” e de igualar esteticamente aos cabelos lisos das mulheres brancas. Como contextualiza bell hooks:

O alisamento era claramente um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos. Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo do branco. Antes da integração, os negros podiam se preocupar menos sobre o que os brancos pensavam sobre seu cabelo (hooks, 2014).

Neste trecho, bell hooks enfatiza a tentativa do apagamento da identidade negra através da ditadura do alisamento. As mulheres negras com intensão de acessar os espaços, tentam se moldar aos padrões branco-cêntricos na ilusão de se enquadrar, de pertencer a uma sociedade hegemônica estabelecida por uma elite branca. Assim, atravessada pelo “afroafeto”, Yolanda Arroyo em um movimento de ressignificação transforma o amor-próprio em reparação, expõe na poesia que irá curar as marcas deixadas pela maldade do racismo e que irá reparar a sua identidade, enquanto mulher negra, que ama e respeita a cor da sua pele e a natureza dos seus cabelos crespos.

A segunda estrofe do poema:

Curarei a ferida
 e afrorepararei com compaixão e ternura
 os insultos e a maldade cravados em meu coração
 beijarei minhas mãos negras
 acariciarei a pele escura dos meus ombros
 abraçarei a mim mesma
 (Pizarro, 2020, p. 31) – Tradução: Jéssica Saraiva).

A estrofe inicia com a repetição do verso “Curarei a ferida”, este recurso poético indica uma anáfora, figura de construção que é utilizada para dar ênfase e destacar ideias centrais, além de atribuir uma musicalidade, esta figura de linguagem dá um ritmo marcante ao escrito e imprime o exercício de memorização de uma parte importante do texto. Com a repetição, Arroyo inscreve mais uma cláusula no contrato auto assinado com a sua reinvenção, propõe, através da resistência, estratégias de enfrentamento ao racismo e promete reparar com “afroamor” os obstáculos que impedem caminhos de dignidade.

A autora faz menção ao coração no verso “os insultos e a maldade cravados em meu coração”, trata-se do órgão que representa o centro das emoções e é notável como a poetisa usa da hipérbole para intensificar a sua dor, o quanto lhe fere a maldade humana a ponto de exagerar e dizer que está cravada em seu coração. Porém, usa da figura de linguagem para reforçar a ação de reparar a sua “afroidentidade”.

Os versos “beijarei minhas mãos negras/ acariciarei a pele escura dos meus ombros/ abraçarei a mim mesma” trazem uma dimensão afetiva que a autora alcança, ao expressar, como forma de reconciliação e de “afroreparação”, por partes do seu corpo que foram feridas por estruturas coloniais. O uso de movimentos corporais infere um sentido de amor tateável, é através do toque, da ação de acariciar o próprio corpo negro, que Yolanda resiste e transforma desvalorização em afeto e acolhimento.

Curarei a ferida
 e direi ao meu nariz chato
 que merece elogios
 que merece glórias
 caminhos de dignidade e respeito

(Pizarro, 2020, p. 31 – Tradução: Jéssica Saraiva).

Curarei a ferida
e sussurrarei com minha boca grande
que é digna de felicitações e beijos
direi a minha testa larga que ela é
como a Mãe Pátria África
ampla, extensa e extraordinária

(Pizarro, 2020, p. 32 – Tradução: Jéssica Saraiva).

As estrofes, em sequência, iniciam com a repetição da anáfora, que indica a dor causada pelo preconceito estruturado pelo colonialismo e apresentam uma revalorização estética, novamente surgem elementos corporais colocados em posição de ressignificação. Veja como a autora refere-se em ambas estrofes a partes do rosto, que evidenciam os traços fenotípicos da etnia negra que são menosprezados pelo racismo.

A forma como a autora escreve os versos apresenta um contradiscurso, quando ela diz que o seu “nariz chato” “merece elogios” e “glórias”, que sua “boca grande” é “digna de felicitações e beijos” e compara a sua “testa larga” a “Pátria África”, ela transforma, ressignifica o lugar de inferioridade imposto pelo projeto colonial europeu, que enquadra traços negroides como feiura, e com seu “afroafeto” oferece essas características como potencialidade para o sujeito negro.

A estética é, neste texto, instrumento de memória afetiva, é através das características físicas, que um dia lhes foram apontadas como feias, que Yolanda Arroyo resiste aos preconceitos e se reconstrói, engrandece seu amor próprio, ao unir ancestralidade e afeto, quando cita em merecimento “caminhos de dignidade e respeito”. Através de seu “afroamor”, a poetisa lança um olhar ancestral, faz um retorno às raízes e contrapõe à visão colonial.

Curarei a ferida
e não permitirei que nunca
nunca, nunca mais alguém me machuque

(Pizarro, 2020, p. 32 – Tradução: Jéssica Saraiva).

As figuras de linguagem, marcam a poética de Arroyo, na penúltima estrofe acima reaparece a anáfora que inicia as primeiras cinco partes do texto e na sequência uma nova anáfora surge com os versos “que nunca,” e “nunca, nunca mais alguém me machuque”. O ritmo impresso pela repetição da palavra “nunca”, insere na poesia uma autoafirmação de recusa à violência. O amor assume, neste trecho, um caráter protetivo, abandona a passividade e impõe limites, mesmo que demonstre em toda a poesia um movimento de auto acolhimento e resistência ele estabelece fronteiras e se opõe à narrativa racista.

Com a repetição, a musicalidade dos versos apresenta força e determinação, com o uso do advérbio de negação com sentido temporal a autora decide que não mais aceitará ser machucada. Ao incluir a palavra “mais”, seguida do “nunca”, intensifica a intensão de suas ações, indica que jamais ocorrerá, de sua parte, permissão para a agressão.

Afrorepararei
 afrorepare-se
 afrorepararemos nossa família
 afrorepararemos a escola
 afrorepararemos a comunidade
 afrorepararemos todos
 afroreparação agora.

(Pizarro, 2020, p. 32 – Tradução: Jéssica Saraiva).

Na última estrofe do poema é apresentado um amor coletivo que expressa reivindicação e uma convocação à reparação da identidade negra. O eu poético de Yolanda ultrapassa a individualidade do texto, e alcança com seu “afroafeto” uma ampla dimensão em rede, com os versos “afrorepare-se/ afrorepararemos nossa família/ afrorepararemos a escola/ afrorepararemos a comunidade/ afrorepararemos todos”, mobiliza instituições fundamentais interdependentes que atuam como agentes na formação humana.

A ação de reparar se torna um processo político pelo qual a poetisa induz o leitor a praticar uma solidariedade racial, e como consequência, faz uma reorganização social ao englobar família, escola e comunidade, enquanto agentes essenciais à convivência em sociedade. A autora amplia horizontes com propostas de restauração própria e coletiva, através da resistência, constrói caminhos de pertencimento, ao abordar a ancestralidade

como fonte de afeto, que potencializa o corpo negro e valida a etnia negra, contrapondo o cenário social majoritariamente branco.

O movimento de ressignificação do lugar de dor em amor é uma ação revolucionária e o afeto é o elemento reparador que transforma e devolve a humanidade ao sujeito negro. No texto, Yolanda impõe um ritmo pedagógico ao propor práticas de autocuidado em acolhimento à identidade negra, e como afirma hooks: “Cuidado e apoio, o oposto do abuso e da humilhação, são as bases do amor” (hooks, 2021, p.51).

Assim, *Tratado de auto afroreparação* também se apresenta como um manifesto, pelo qual a comunidade negra é convocada a reparar suas identidades. Pizarro (2020) imprime uma estética de representações afetivas em sua poesia, baseada na luta de mulheres negras que historicamente tiveram suas dignidades negadas, vozes silenciadas e humanidades roubadas. Através dos amores e afetos, a reparação se converte em estratégias de resistência e ressignificação.

3 ANÁLISE COMPARATIVA: OS AMORES NA PROSA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E NA POESIA DE YOLANDA ARROYO PIZARRO

Neste capítulo proponho um comparativo de como os amores e os afetos, apresentam novos sentidos e como estão representados nas obras literárias selecionadas para esta pesquisa, considero as nacionalidades das autoras, consequentemente os ambientes culturais de seus países, os gêneros literários dos textos analisados e os contextos sociais que influenciam as vivências das escritoras e caracterizam o estilo de suas escritas.

A literatura produzida pelas autoras tem em comum a urgência de reivindicar vozes e espaços historicamente silenciados e apagados pelo racismo estrutural. Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo Pizarro possuem uma marca escriturária que define os estilos de suas escritas, ambas escrevem a partir de um prisma de reconhecimento do sujeito negro e suas vivências como território de memórias, rastro de violências e dor, porém também como ferramentas de resistência, afetos e amores.

No contexto afrodiaspórico, a raça e o gênero são marcadores sociais que indicam exclusão, como aponta a psicóloga e doutora em Bioética, Queiroz (2022):

Na literatura brasileira a marca da cor da pele e do gênero ainda são marcadores de exclusão. Poucos são os homens negros que escrevem literatura e menos ainda são as mulheres negras; no entanto, as mulheres negras ainda sofrem mais com a invisibilidade. Os homens escritores alcançam maior visibilidade do que elas. No topo, homens brancos de classe média; por último, as mulheres negras recebem algum destaque na história (EVARISTO, 2017a). Uma pesquisa do Grupo de Estudos em Literatura Contemporânea da Universidade de Brasília (U.n.B.), divulgada em 2017, revela dados espantosos entre 1990 e 2004 (14 anos), dos livros nacionais da categoria “romance” lançados no país, apenas 2% dos autores são homens e mulheres negras. Nesse mesmo período, apenas seis livros tiveram como protagonistas mulheres negras, dentre 692 romances. Tais dados revelam que no cenário literário nacional há um espaço muitíssimo restrito tanto para as personagens como para a autoria de mulheres negras (Queiroz, 2022, p. 40-41).

Diante do exposto, é contrapondo dados e marcadores sociais como os citados, que Conceição e Yolanda inserem na literatura uma escrita insurgente que potencializa o sujeito negro, mais especificamente as mulheres negras, e ambas devolvem através de suas personagens, a humanidade que lhes foi destituída pelo discurso colonial europeu. Essa ação das autoras converge com a *ética amorosa*, que, segundo hooks (2021), é citada por grandes movimentos que lutam por justiça social. E tanto justiça; quanto ética são elementos fundamentais para as relações sociais da vida humana.

A partir disso e após o processo de análise das obras, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020), percebi algumas convergências e divergências entre as autoras, ao considerar a forma como ambas expõem os amores e os afetos em suas produções literárias mediante seus cotidianos e suas subjetividades.

Apesar de ter utilizado gêneros literários distintos e da diferença geográfica da nacionalidade das autoras (Brasil e Porto Rico), percebi como convergência que ambas produzem narrativas nas quais os amores e os afetos partem de experiências marcadas pelas *interseccionalidades* – raça, gênero e classe, que perpassam corpos de mulheres negras e suas vivências. E, ainda que, possuem um posicionamento político e ético que parte de um lugar comum: o embate contra as opressões impostas pelas estruturas coloniais.

De acordo com as minhas análises foram percebidos quatro pontos de convergência entre as autoras, ao observar a forma como caracterizam as personagens e expõem novos sentidos e significados dos amores e dos afetos no texto literário, seja na prosa, seja na poesia. E, como divergência, foram notados três pontos importantes que marcam o estilo de escrita de ambas as autoras e suas autenticidades.

Pontos de convergência:

- 1) A centralidade da voz feminina negra e o amor como acolhida; ambas as autoras produzem textos nos quais mulheres negras relatam suas próprias histórias, falam de si mesmas e se acolhem. Nos contos de Evaristo (2024) há um mecanismo de escuta, a partir da oralidade das personagens é feito um registro das memórias, das dores, mas também dos afetos e dos amores, que constroem uma rede de *dororidade*. Na escrita de Pizarro (2020) há uma dinâmica afirmativa, a voz poética dá musicalidade ao texto e assume a forma de discurso pelo qual os afetos transformam-se em autoafirmação, e ambas utilizam o amor como ferramenta de *aquilombamento*.
- 2) Os amores como ferramenta contra o racismo; na escrita de Evaristo (2024) as personagens Paixão e Campo Belo, enquanto mulheres negras, sofrem com a falta dos afetos que lhes são negados e enfrentam dificuldades em face da figura masculina que as impõem um racismo e um machismo que tentam silenciá-las, e elas ressignificam as opressões através do amor. E na escrita de Pizarro (2020), o amor funciona como uma arma, impede que discursos contra coloniais alcancem os seus intentos; através da resistência floresce seu “afroafeto”, seja pelo amor

ancestral de sua avó, seja pela reparação identitária alcançada pelo amor-próprio.

- 3) Os amores e os afetos como reconstrução íntima e identitária; nos contos de Evaristo (2024), as personagens rememoram os horrores de suas histórias traumáticas e, ainda assim, através das relações com outras mulheres, resistem em quilombo e encontram a possibilidade de se auto amar. Nas poesias de Pizarro (2020) o eu-lírico da autora revisita discursos racistas e, em um movimento de reparação, traça métodos pedagógicos de como curar as feridas causadas por instrumentos coloniais e ensina as pessoas como se auto “afroamarem”.
- 4) Os amores e afetos como heranças ancestrais; as mais velhas são figuras centrais que representam sabedoria, acolhida e afeto nas pessoas ancestrais da mãe e da avó. Na prosa de Conceição (2024), o amor materno, tanto em *Shirley Paixão*, quanto em *Isaltina Campo Belo*, é o elemento que salva através da memória que guia o caminho do amor. E na poesia de Pizarro (2020) o amor-próprio, tanto em *A afrodiva era minha avó* quanto em *Tratado de auto afroreparação*, é o elo que une ancestralidade e pertencimento através da figura da avó, que simboliza a grandeza de fazer parte dessa fonte primeira de amor e da identidade negra.

Pontos de divergência:

- 1) As relações amorosas em lugar de conflito; em Evaristo (2024), há constantes frustrações diante das feridas causadas pelo racismo, que provoca violências, dores e traumas, e os amores e os afetos são atravessados pela perda. Em oposição, em Pizarro (2020), mesmo que exista a dor causada pelas feridas, o cerne é a reparação, o processo de cura que reconstrói a identidade negra, havendo um ganho de amor-próprio que transcende as relações e conscientiza corpo e mente a descolonizar estruturas coloniais.
- 2) Divergência estética: contenção x libertação; a prosa de Conceição (2024) traz a oralidade e as *escrevivências* como marcas que caracterizam sua escrita, pela qual os amores e os afetos se constroem mediante silenciamentos, dores e repressões sofridos pelas personagens, que, ainda assim, superam as perdas e seguem em frente em gesto de resistência. A

poética de Pizarro (2020) traz a libertação do eu-lírico que permite a performance em linguagem direta e verbalizada, não há pudores, os afetos são proclamados de forma livre, exaltando o amor-próprio, a reparação e a ancestralidade.

- 3) Estratégia discursiva: escuta x fala; nos contos de Conceição (2024), é evidente a escolha da autora em propor o exercício da escuta como estratégia escriturária, pela qual evidencia o acesso à memória como caminho para a construção dos afetos. Em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), o seu papel, enquanto autora, é o de quem escuta. Nas poesias de Pizarro (2024), a escrita em primeira pessoa caracteriza a imposição da fala; há ação na voz que não se cala diante das opressões e de estruturas coloniais, e a poetisa assume um papel de articuladora, vira a que fala, a que oraliza, em manifestos, o processo de reparação através dos amores e dos afetos.

Com a proposta desse diálogo entre *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020), compreende-se que as convergências entre as autoras se resumem às práticas políticas e éticas, importantes para a emancipação feminina negra e a percepção dos amores e dos afetos como agentes transformadores da vida e elos de resistência, e que divergem, em parte, em suas estratégias literárias, que utilizam a estética e o discurso de maneiras distintas.

Durante o processo de pesquisa para a escrita desta dissertação, deparei-me com o livro *Conceição Evaristo e a política dos afetos: caminhos para a bioética* (2022), da psicóloga Dra. Verônica Santana Queiroz, resultado de sua tese de doutorado, defendida em 2021. Fiquei simplesmente fascinada pela forma como ela conduziu a escrita ao narrar seu processo de tornar-se negra, juntamente com o caminho dos afetos guiado por Conceição Evaristo e sua obra.

Tal fascínio conduziu-me a trazer para as análises comparativas das obras selecionadas para esta pesquisa, os marcadores de afetos que a psicóloga identificou nas obras de Conceição Evaristo. No livro, Verônica lista esses marcadores nas obras *Ponciá Vicêncio* (2003), *Canção para ninar menino grande* (2018), *Becos da memória* (2006), *Olhos d'água* (2014) e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); com essa escolha ela mapeou afetos e desafetos presentes nos textos literários, em um período de quinze anos correspondente aos anos de publicação das obras mencionadas.

Apresento dentre os quadros dispostos no livro, o referente à obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), que é a obra analisada nesta pesquisa.

Quadro 1 - Marcadores de afeto identificados em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) segundo Queiroz (2022)

Conto	AFETOS (amor,gostar, cuidado)	DESAFETOS (desamor, não gostar, ódio)
“Aramides Florença”	Maternidade	Masculinidade
“Natalina Soledad”	identidade	solidão/rejeição
“Shirley Paixão”	maternidade/cuidado	Pedofilia
“Adelha Santana Limoeiro”	Velhice	
“Maria do Rosário Imaculada dos Santos”	reencontro	sequestro
“Isaltina Campo Belo”	relacionamento lésbico	estupro “corretivo”
“Mary Benedita”	a arte como liberdade	
“Mirtes Aparecida da Luz”	maternidade	suicídio
“Líbia Moirã”	memória (os tempos se atravessam)	pesadelo/tormento
“Lia Gabriel”	maternidade	trauma
“Rose Dusreis”	a dança como vida	
“Saura Benevides Amarantino”	maternidade	Rejeição
“Regina Anastácia”	velhice; relação (mulher-homem)	Racismo

Fonte: Queiroz (2022, p. 34).

Exponho o quadro para melhor entendimento da proposta que apresento, a seguir, como análise comparativa dos marcadores dos amores e afetos percebidos nas obras *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020), a partir da dinâmica utilizada por Queiroz (2022). Da disposição em quadro, utilizada pela psicóloga, crio a minha a partir dos marcadores percebidos nos contos *Shirley Paixão* e *Isaltina Campo Belo* e nas poesias *A afrodiva era a minha avó* e *Tratado de auto afroreparação*.

É importante salientar que não há intenção de imitação, o que ocorre é uma percepção crítica, de um método analítico, que entrega dinâmica e objetividade na exposição de dados percebidos nas obras literárias, que possibilita bons resultados de análises. Diante disso, há a recriação de um protótipo anteriormente idealizado pela pesquisadora doutora em Bioética e Ética Aplicada. Portanto, segundo Carvalho (2006):

Modernamente o conceito de imitação ou cópia perde seu caráter pejorativo, diluindo a noção de dívida antes firmada na identificação de influências. Além disso, sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muitos menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa (Carvalho, 2006, p. 54-55).

Consoante a colocação de Carvalho (2006), pretendo dar continuidade, acrescentar ao máximo os marcadores dos amores e afetos, identificados na obra de Evaristo (2024), e seguir com a mesma dinâmica na obra de Pizarro (2020). Tanto a prosa, quanto a poesia, são territórios de subjetividades, pelas quais mulheres negras evocam o direito de voz e de ressignificação das opressões e das dores em afetos.

Organizei em dois quadros os marcadores de afetos e desafetos que percebi ao longo da análise textual. Notei que, em todo o material, o volume de afetos é superior ao de desafetos. Com base nesses dados, desenvolvo a análise das categorias que convergem entre os textos de cada uma das autoras estudadas.

Quadro 2 - Marcadores dos amores e afetos em *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011)

Contos	Amores e afetos	Desafetos
“Shirley Paixão”	amor materno relação familiar (mãe-filhas, biológicas e adotivas) irmandade zelo/cuidado instinto protetivo (defesa da cria) amizade dororidade sobrevivência herança: legado de mulheres potentes por gerações ressignificação	abandono violência psicológica desprezo paternidade machismo sucessão de opressões estupro humilhação
	relação familiar (pai-mãe- irmãos) autorreconhecimento	convenções/moralismo desilusão machismo

“Isaltina Campo Belo”	amor materno infância relação (mãe-filhas e intimidade feminina) ressignificação sobrevivência respeito/empatia acolhimento da sexualidade compreensão de “ser mulher” amor lésbico	hipersexualização do corpo negro estupro coletivo violências psicológica e física memória (violação/ abuso sexual) paternidade (indefinida)
-----------------------	---	---

Fonte: autoria própria com base na obra de Evaristo (2011; 2024).

Quadro 3 - Marcadores dos amores e afetos em *Afrofeministamente* (2020)

Poesias	Amores e afetos	Desafetos
“A afrodiva era mi abuela”	amor-próprio relação (avó-neta) memória ancestral amor coletivo valorização da cor negra reconhecimento identitário irmandade reconhecimento de nobreza (títulos de realeza) sobrevivência crença	racismo preconceito violência velada
“Tratado de auto afroreparação”	reparação (afetiva/identitária) amor próprio amor coletivo valorização da cor e do corpo negro (traços fenotípicos) autocuidado território (a África como mãe geradora) memória ancestral imposição de limites (auto defesa) resistência relação (família-escola-comunidade)	racismo preconceito estereótipos violências psicológicas

Fonte: autoria própria com base na obra de Pizarro (2020).

Por último, apresento mais dois quadros que mostram os marcadores convergentes entre as obras de cada uma das autoras, tanto na categoria “afetos”, quanto na categoria “desafetos”. Em seguida, delimito as análises desses marcadores e destaco apenas dois de cada uma das categorias, identificando a forma como são representados os amores e os afetos nas obras *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020).

Quadro 4 - Marcadores convergentes na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011)

Contos	Amores e afetos	Desafetos
“Shirley Paixão” “Isaltina Campo Belo”	amor materno relação familiar (mãe-filhas, biológicas e adotivas/ pai-mãe- irmãos/mãe-filhas e intimidade feminina) sobrevivência ressignificação	violências (psicológica/ e física) paternidade/(indefinida) machismo estupro (pedofilia/coletivo)

Fonte: autoria própria com base na obra de Evaristo (2011; 2024).

Da obra de Evaristo (2024), selecionei os marcadores que convergem nos dois contos analisados, da categoria afetos: “amor materno” e “ressignificação”; e da categoria desafetos: “estupro (pedofilia/ coletivo)” e “paternidade”. Em ambos os contos, a maternidade é um ponto importante que define os rumos das histórias das personagens, e a resignificação é o resultado pelo qual o amor age de maneira libertadora, através da resistência de mulheres que sobrevivem, não se deixam sucumbir mesmo diante das tentativas de silenciamento, apagamento e morte.

No conto *Shirley Paixão*, a mãe zelosa que nutre um grande amor pelas cinco filhas (biológicas e adotivas) é presa, em um momento crucial, por tentativa de homicídio, em nome desse amor. Neste conto, o amor materno aparece como pura ação, seja pelas demonstrações de cuidado, afeto, carinho e proteção entre mãe e filhas, seja pela atuação, “Foi só um levantar e abaixar de barra” (Evaristo, 2024, p. 32-33), para parar o malfeitor (o pai) que desonrou a mais velha de suas filhas. A resignificação aparece com mais evidência na ação da personagem Seni, que, apesar de sofrer o estupro (pedofilia) e todas as violências que a paternidade lhe impôs, conseguiu reconstruir sua vida; ao romper paradigmas elitistas, tornou-se “uma excelente médica. Escolheu o ramo da pediatria” (Evaristo, 2024, p. 34) e se dedicou à arte de cuidar. Shirley e Seni reinventaram, cada uma à sua maneira, a forma de amar.

No conto “Isaltina Campo Belo”, a menina que cresceu contida às voltas da incerteza de ser e não se sentir mulher tornou-se mãe sob o rigor da violência “Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo” (Evaristo, 2024, p. 64-65), um estupro (coletivo) que lhe impôs a maternidade como um fardo e à sua filha, uma paternidade ausente e indefinida. Como uma ironia da vida, o abuso lhe trouxe Walquíria, o primeiro amor, que lhe serviu de ponte para o reencontro consigo mesma, o

reconhecimento de sua sexualidade, e o encontro com Miríades, a mulher que lhe despertou o amor lésbico que ela jamais imaginou que fosse possível. Isaltina, junto com Miríades e Walquíria, experimentou o amor em sua plenitude.

Quadro 5 - Marcadores convergentes na obra *Afrofeministamente* (2020)

Poesias	Amores e afetos	Desafetos
“A afrodiva era mi abuela” “Tratado de auto afroreparação”	amor-próprio memória ancestral valorização da cor negra amor coletivo relação (avó-neta/ família- escola-comunidade)	racismo preconceito violências (psicológica/ física/ velada)

Fonte: autoria própria com base na obra de Pizarro (2020).

Da obra de Pizarro (2020) selecionei os marcadores que convergem nas duas poesias analisadas, da categoria afetos: “amor próprio” e “valorização da cor negra”; e da categoria desafetos: “racismo” e “violência (psicológica/ física/ velada)”.

Em ambas as poesias, o amor-próprio é o elemento central que une afeto e reconhecimento identitário; há um movimento de acolhimento à negritude e tudo que ela representa, seja pela autoestima celebrada a partir das memórias e dos ensinamentos da avó, seja pelo autocuidado de reparar as próprias feridas causadas pelo racismo. A valorização da cor negra emerge, em ambos os textos, como ferramenta de resistência e representação da ancestralidade, é a ação de exaltar a etnia negra que desfaz a razão colonialista, que incutiu no imaginário social a ideia de que o corpo negro é desvalorizado, inadequado e feio.

Na poesia *A afrodiva era minha avó* há um clima de intergeracionalidade que conecta a autora à sua avó, é dessa relação ancestral que emerge o amor-próprio ensinado pelas “sabedorias das tataravós” (Pizarro, 2020, p. 29), mulheres negras de seus antepassados que inspiram uma rede de afetos e amores. Com a valorização da cor negra Pizarro (2020) e suas ancestrais elevam vozes negras femininas frente ao racismo e às violências produzidas pelos sistemas sociais hegemônicos, ela inscreve no corpo negro a resistência como marca e símbolo revolucionário.

Em *Tratado de auto afroreparação* o amor-próprio é voltado para um movimento de autocura, as marcas deixadas pelo racismo prometem ser reparadas pela determinação enérgica do eu-lírico de Pizarro (2020), que manifesta em todo o poema o seu desejo com

a repetição da anáfora “Curarei a ferida”. A valorização da cor negra é explicitamente enaltecida, “acariciarei a pele escura dos meus ombros” (Pizarro, 2020, p. 31), mesmo com versos que denunciam as violências, o tocante desta poesia é o acordo firmado pela autora consigo mesma em reparar sua identidade de mulher negra que partilha uma vida cotidiana atravessada por discursos de ódio e inferiorizações.

Após reflexões sobre as análises comparativas, procurei encontrar um marcador dos amores e afetos que de alguma maneira se entrelaçam nas duas obras literárias, mais especificamente nos dois contos *Isaltina Campo Belo* e *Shirley Paixão* e nas duas poesias *A afrodiva era minha avó* e *Tratado de auto afroreparação*.

O primeiro contato com o amor provém do seio familiar, é nessa fonte primeira da vida que o indivíduo aprende a dar e receber amor e, segundo Queiroz (2022), são afetos o que a gente vê, vive e sente, e é o convívio familiar que nos permite viver essas sensações e que abre os caminhos para conhecer outros amores.

Já havia identificado o marcador “relação”; porém, depois de muito pensar cheguei ao marcador “relação afetiva”. Apesar de não o ter elencado nos quadros com este nome, usei um nome mais específico ao me referir ao tipo de cada uma das relações que se apresentavam nos dois contos e nas duas poesias, como, por exemplo “relação familiar”. Assim, na tentativa de esmiuçar esse marcador, cheguei à percepção da palavra “família”, espaço de maior demonstração de relação afetiva, e compreendi que é um marcador que está presente nos quatro textos literários, ainda que não seja de forma explícita.

No contexto literário, as autoras Evaristo (2024) e Pizarro (2020) trabalham o tema de família fazendo rupturas nas estruturas tradicionais de formações de famílias. Em suas escritas contemporâneas, o espaço familiar é território de memórias e resistência, os quatro textos analisados nesta dissertação fogem à regra do padrão de família, seus núcleos, habitados por personagens negras, são atravessados pelas *interseccionalidades* e recorrentes violências cotidianas, mas também por afetos, cuidados e ressignificações. Ambas as autoras reconfiguram as relações familiares de suas personagens, conforme criam as histórias e a ambientação de suas produções.

No conto *Shirley Paixão*, Evaristo (2024) reinventa a falta de estrutura familiar, criando laços de afetos e irmandade entre as personagens femininas devido às suas vivências sob o rastro da violência doméstica, e oportuniza uma ressignificação do lugar de dor ao atribuir à personagem a chance de romper com o ciclo de agressões e mudar o eixo de sua família. Através do amor, Shirley e suas filhas resistiram às agressões,

fortaleceram-se e criaram entre elas um quilombo, um lugar seguro, livre das opressões, e construíram uma nova formação de família (mãe-filhas-netas).

Em *Isaltina Campo Belo*, apesar de existir uma aparente normalização na construção familiar (pai-mãe-filhos), a personagem principal sofre com a imposição heteronormativa que repudia sua sexualidade, e assim vai em busca de se encontrar em outros lares, reinventa uma outra montagem de família, ao acolher sua lesbianidade e encontrar o amor de outra mulher, constrói uma nova formação familiar (mãe-mulher-filha). Isaltina ressignifica um passado de dor e edifica um lar de amor.

Assim, na escrita de Evaristo (2024), o marcador “família” pode ser visto como um espaço de violências, mas também como um lugar de resistência e ressignificação, pois assume novas possibilidades de construção e representação, que oportuniza mulheres negras a feitura de seus lares com a quebra de paradigmas e com seus passados históricos.

Na poesia *A afrodiva era minha avó*, a simbologia da figura da avó e as antepassadas da autora representam a configuração de família que tem raízes na ancestralidade, nas crenças e nas sabedorias das mais velhas. O centro familiar é a própria avó como a pedagoga que transmite conhecimentos de mundo e ensina à sua linhagem que caminhos de dignidade, para as mulheres negras, são possíveis através do amor.

Em *Tratado de auto afroreparação*, Pizarro (2020) propõe uma cura para feridas, que possivelmente foram construídas no seio da família, e a ação insistente que a autora imprime ao texto com a repetição “Curarei a ferida” mostra a necessidade de abandonar traumas coloniais que moldaram a sociedade patriarcal e as formações de família. E a autora finaliza o texto fazendo convocações à família, à escola e à comunidade e conclui “afrorepararemos todos” “afroreparação agora” (Pizarro, 2020, p. 32).

Dessa forma, a escrita de Pizarro (2020) aborda o marcador “família” como um espaço de memórias, um território ancestral carregado de sabedoria, afetos e amores. O texto poético permite a liberdade da criação, de resgatar a família como um lugar seguro que cura as feridas causadas pelo racismo, acessa o passado e resgata a ancestralidade. A figura da avó transcende a relação de parentesco, é o elo que sustenta o eu-lírico de Pizarro (2020), e a representação familiar que constrói a sua identidade.

Por fim, o marcador “família” é apresentado em todos os textos analisados com fluidez, não há uma representação fixa ou preestabelecida, mostra-se como um espaço mutável, que está em constantes transformações e cujas formações possuem uma gama de possibilidades, é uma instituição que na contemporaneidade ganhou novas significações, novos formatos e novas construções. Tanto Evaristo (2024) quanto Pizarro

(2020) representam, em suas produções literárias, formações de famílias que carregam um passado histórico marcado pelas experiências negras na diáspora sob o jugo das violências, mas também que representam um espaço de resistência, pelo qual se constroem os amores e os afetos e os quilombos de (re)existências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mulher negra, estreante na pós-graduação, e com gana de presenciar uma nova roupagem nos moldes academicistas, inscrevo no rol das dissertações um texto acadêmico-literário repleto de subjetividades e afetos. Destaco a relevância da cultura africana que, embora seja distorcida na diáspora, carrega uma riqueza de valores e de conhecimentos que enaltecem e empoderam o povo afrodescendente. Assim, acredito na potencialidade da escrita própria, que reverbera novos sentidos e interpretações, e faz resistência a um campo epistêmico que privilegia, em sua maior totalidade, produções padronizadas que entregam “mais do mesmo”.

Repito aqui que escrever a partir de minhas impressões é um compromisso que assumo comigo mesma, que diante de um *corpus* analítico subjetivo, não é possível declinar da parcialidade frente ao texto e não ser tocada pelas emoções que regem a minha existência humana e de todo e qualquer sujeito. Em busca por justiça, pelo direito de erguer a voz, presumo a possibilidade da existência de um corpo acadêmico flexível, justo e que seja tocado pela contemporaneidade.

Diante disso, reafirmo a importância de trabalhar as escrevivências como uma ferramenta teórico-literária que faz frente ao apagamento epistêmico da produção negra e que fundamenta a potencialidade da escrita de autoria negra feminina e sua comprovação diante do status de intelectual que transforma não só o pensamento, mas também o vocabulário contemporâneo acrescentando riqueza linguística e costumes de uma tradição que valoriza a cultura afro-latino-americana e suas manifestações.

Esta proposta de comparar literatura brasileira com literatura caribenha, entrelaçando a temática dos amores e afetos, foi desafiadora, mas me proporcionou alçar novos voos, a possibilidade de liberdade para escrever a partir de um prisma que corrobora com a literatura afro-latino-americana, trazer para discussão acadêmica narrativas que relatam experiências negras de mulheres que reescrevem suas próprias histórias e que rompem com sistemas hegemônicos de opressões.

Assim, as literatas desta dissertação Conceição Evaristo e Yolanda Arroyo Pizarro, com suas peculiaridades, possibilitam através de suas escritas recontar de maneira própria e crítica histórias de mulheres que apesar das individualidades se encontram no coletivo. Ancoradas na perspectiva de contrapor o cânone literário, branco e elitizado, as produções literárias da autora brasileira e da escritora portorriquenha evidenciam o protagonismo da

mulher negra no cotidiano e rasuram o padrão do fazer literário, assumem uma escrita que nasce de suas ancestralidades e de suas próprias *escrevivências*, como afirma Evaristo (2024) que ao ouvir a história outra cria as suas.

A temática dos amores e afetos com suas novas significações, perspectivas e representações, nas obras literárias *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020), trouxe certa leveza para este trabalho, apesar dos contextos de violências presentes nos textos analisados, foi o caminho do amor que sempre esteve em foco, seja de maneira teórica idealizado e defendido pela politização e ética do amor de hooks (2021; 2024), seja de maneira literária através de novas significações apresentadas por Evaristo (2024) e Pizarro (2020) como um território de memórias, reinvenções e resistências.

Durante o processo de análise das obras literárias não tive mais dúvidas sobre a escolha do amor como temática, é impossível ler os contos e as poesias trabalhadas nesta pesquisa e não se sentir afetada, invadida por um misto de emoções que eu enquanto mulher negra sinto ao perceber a forma como Evaristo (2024) e Pizarro (2020) humanizam suas personagens atribuindo-lhes o lugar do protagonismo que dignifica suas importâncias e suas existências negras.

O amor surgiu, nessa pesquisa, como um agente modificador que se converte em uma ferramenta ética e política, que possibilita formas mais dignas de sobrevivência, e que permite novas possibilidades de ressignificação, que tornam rastros de violência e dor em caminhos de acolhimento e amor.

A proposta de trazer para o diálogo Evaristo (2024) e Pizarro (2020), ao considerar espaços histórico-políticos constituídos pelos amores e afetos, torna evidente que, mesmo em gêneros textuais diferentes, há possibilidades de encontro, nos dois estilos de escrita há uma centralidade em narrar experiências de mulheres negras e suas vivências, que, mesmo sendo alvos das *interseccionalidades*, resistem e rompem com paradigmas preestabelecidos pelo estruturalismo colonial. As convergências se encontram em pontos como ancestralidade, memórias e resistência, e as divergências se dão pela peculiaridade de suas estéticas e as formas como representam os amores e os afetos em suas produções literárias.

Diante do exposto, trabalhar as subjetividades da autoria negra na diáspora oferece à literatura a possibilidade de ampliação do campo linguístico, incorpora elementos da cultura africana, como a oralidade e o vocabulário, e oportuniza novos imaginários de humanização do sujeito negro, valorização dos seus corpos e de suas histórias,

distanciando-o do padrão de inferioridade e subalternidade. Ademais, para a Literatura Comparada, que tem a oportunidade de enriquecimento de sua área com narrativas que contrapõem a história vista como oficial pela ótica colonial e com instrumentos de denúncia ao racismo e crítica social diante de uma literatura negra que desponta.

Por fim, reafirmo os amores e os afetos como elementos centrais da experiência negra feminina e concluo que, a partir das obras *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) e *Afrofeministamente* (2020), foram percebidos dois pontos principais como resultados desta pesquisa – os amores e os afetos como agentes transformadores da vida e suas relações, com capacidade de proporcionar melhores formas de convivências, e como instrumentos de ressignificação, pelos quais mulheres negras reinventam suas histórias, rompem com os ciclos de opressões e sobrevivem através da resistência.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Sororidade**. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: www.academia.org.br. [https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade#:~:text=\[Do%20latim%20soror%2C%20%27irm%C3%A3%27%20+%20-\(i\)dade.\]&text=Foi%20em%201970%2C%20quando%20a%20escritora%20Kate,classes%2C%20de%20religi%C3%B5es%20ou%20de%20grupos%20%C3%A9tnicos](https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade#:~:text=[Do%20latim%20soror%2C%20%27irm%C3%A3%27%20+%20-(i)dade.]&text=Foi%20em%201970%2C%20quando%20a%20escritora%20Kate,classes%2C%20de%20religi%C3%B5es%20ou%20de%20grupos%20%C3%A9tnicos). Acesso em: 17 jun. 2025.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOOK CENTER BRAZIL. 2021. **Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior**. Disponível em: <https://bookcenterbrazil.wordpress.com/2021/11/08/a-traducao-da-obra-literaria-de-conceicao-evaristo-para-o-frances/>. Acesso em 05/03/2025
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, vol. 5, n. 10 abr. 2013.
- CONSELHO EDITORIAL EINSTEIN. Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. **Paralisia parcial periférica ou Paralisia de Bell**. Disponível em: <https://www.einstein.br/n/glossario-de-saude/paralisia-facial-periferica-ou-paralisia-de-bell>. Acesso em 06 mai. 2025.
- DUARTE, Constância Lima; Nunes, Rosado Isabella (org.). **Escrevivência: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações: Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 7. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2024.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HABER, Alejandro. **Nometodología Payanesa**; notas de metodologia indisciplinada (com comentários de Henry Tantalean, Francisco Gil García y Dante Angelo). Revista Chilena de Antropología, [s.l.], n.23, p. 9-49, 2011. Disponível em: <https://revistateoriadelarte.uchile.cl/index.php/RCA/article/view/15564>. Acesso em: 05 nov. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Portal Geledés, São Paulo, 10 de jun. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 02 dez. 2025.

HOOKS, Bell. **Comunhão**: a busca das mulheres pelo amor. Tradução: Júlia Dantas. São Paulo: Elefante, 2024c.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libanio. 26. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024b.

HOOKS, Bell. **Salvação: pessoas negras e o amor**. Tradução: Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2024a.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. Tradução: Maísa Mendonça. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em 13 dez.2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LOVEMAN, Mara. MUNIZ, Jeronimo O. How Puerto Rico Became White: Boundary Dynamics and Intercensus Racial Reclassification. *American Sociological Review*, vol. 72, n. 6, pp. 915-939.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: O reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias de destruição**. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). *Diáspora Africana*: Editora Filhos da África, 2018.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

NÚÑEZ, Geni. Descolonizando afetos: uma entrevista com Geni Núñez sobre outras formas de amar. Entrevista concedida a João Felipe Serrão. **Revista Amazônia Latitude. Amazônia**, fev, 2025.

NUNES, Kelly Cristiane. **A voz da resistência negra na poesia lírica de Alzira Rufino, Beatriz Nascimento e Esmeralda Ribeiro**. 2022. 80 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

OYÈWÙMÌ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africanoo para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução: wanderson flor do nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PIZARRO, Yolanda Arroyo. **Afrofeministamente**. San Juan: Editorial EDP University of P.R., 2020.

PIZARRO, Yolanda Arroyo. **Yolanda Pizarro a Gabriela Ortiz Díaz. ‘Marie Calabó’ primera en ‘Mujeres afroboricuas’**. Disponível em <https://prpop.org/2016/09/mariecalabo-primera-enmujeres-afroboricuas/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

PIZARRO, Yolanda Arroyo. **Um poema de Yolanda Arroyo Pizarro em português**. Tradução: Jéssica Saraiva. Disponível em <https://asminanahistoria.com/2019/08/29/um-poema-deyolanda-arroyo-pizarro-em-portugues/> Acesso em: 13 mar. 2025.

PIZARRO, Yolanda Arroyo. **Yolanda Arroyo Pizarro convidou a África para apresentar ‘Negras, histórias de mulheres escravas porto-riquenhas**. Boreales. Disponível em <http://narrativadeyolanda.blogspot.com/2013/02/yolanda-arroyo-pizarro-invitada-africa.html/> Acesso em: 15 mar. 2025.

PIZARRO, Yolanda Arroyo. **Manifiesto Afrofuturista para resucitar Ancestras**. Boreales. Disponível em: <https://narrativadeyolanda.blogspot.com> . Acesso em 28 jun. 2025

QUEIROZ, Veronica Santana. **Conceição Evaristo e a política dos afetos: caminhos para a Bioética**. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra. 2017.

ROCHA, Lara Beatriz Aragão da. **Interseccionalidades em Eu, Tituba, bruxa negra de Salem e Ponciá Vicêncio**. 2025. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.

RODRIGUEZ, Débora Helena de Rezende. **Construindo uma comunidade de amor**. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/construindo-uma-comunidade-de-amor/>. Acesso em 17 dez.2024

RONCOLATO, Murilo. **A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil**. Edusp, 2018. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em 02 dez. 2025.

SALES, Cristian Souza. Yolanda Arroyo Pizarro: epistemologias negras caribenhas. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v.9, n.1, 2021. ISSN: 2525-5924.

SALES, Cristian Souza. Intelectuais afrodiáspóricas e produção de conhecimento na América Latina e Caribe: Conceição Evaristo, Mayra Santos-Febres e Yolanda Arroyo-Pizarro. **Revista História: Debates e Tendências (Online)**, vol. 22, n. 4, pp. 118-147, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5524/552476818007/html/#B2>. Acesso em: 29 mai. 2025.

SAMOYALTY, Tiphany. **A intertextualidade**. Tradução Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SOUZA, Kleire Anny Pires de. “Quero um amor maior que eu”: O amor e suas estruturas a partir da ótica de bell hooks. **Revista Tempo e Argumento**, vol. 14, n. 37, 2022.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZACARIAS, Laysi da Silva. **Amefricanizando o amor: diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez**. 2021. 148 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) —Universidade de Brasília, Brasília, 2021.